

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA - UDESC
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PLANEJAMENTO TERRITORIAL E
DESENVOLVIMENTO SOCIOAMBIENTAL - PPGPLAN**

YASMIN LOPES MÜLLER

**O CINEMA AO LONGO DO VALE DO ITAJAÍ (SC):
ESPAÇOS DE CULTURA E DESENVOLVIMENTO REGIONAL**

**FLORIANÓPOLIS
2022**

YASMIN LOPES MÜLLER

**O CINEMA AO LONGO DO VALE DO ITAJAÍ (SC):
ESPAÇOS DE CULTURA E DESENVOLVIMENTO REGIONAL**

Dissertação apresentado ao Curso de Mestrado Acadêmico do Programa de Pós-Graduação em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Socioambiental do Centro de Ciências Humanas e da Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina, sob orientação da Professora Renata Rogowski Pozzo.

Linha de Pesquisa: Planejamento Territorial e Desenvolvimento Social, Econômico e Espacial.

**FLORIANÓPOLIS
2022**

**Ficha catalográfica elaborada pelo programa de geração automática da
Biblioteca Setorial do FAED/UDESC,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

Müller, Yasmin Lopes
O CINEMA AO LONGO DO VALE DO ITAJAÍ (SC): :
ESPAÇOS DE CULTURA E DESENVOLVIMENTO REGIONAL
/ Yasmin Lopes Müller. -- 2022.
144 p.

Orientadora: Renata Rogowski Pozzo
Dissertação (mestrado) -- Universidade do Estado de Santa
Catarina, Centro de Ciências Humanas e da Educação, Programa de
Pós-Graduação em Planejamento Territorial e Desenvolvimento
Socioambiental, Florianópolis, 2022.

1. Desenvolvimento Regional. 2. Vale do Itajaí. 3. Cinema. I.
Pozzo, Renata Rogowski. II. Universidade do Estado de Santa
Catarina, Centro de Ciências Humanas e da Educação, Programa de
Pós-Graduação em Planejamento Territorial e Desenvolvimento
Socioambiental. III. Título.

YASMIN LOPES MÜLLER

O CINEMA AO LONGO DO VALE DO ITAJAÍ (SC): ESPAÇOS DE CULTURA E DESENVOLVIMENTO REGIONAL

Dissertação apresentado ao Curso de Mestrado Acadêmico do Programa de Pós-Graduação em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Socioambiental do Centro de Ciências Humanas e da Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina, sob orientação da Professora Renata Rogowski Pozzo.

Linha de Pesquisa: Planejamento Territorial e Desenvolvimento Social, Econômico e Espacial.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dra. Renata Rogowski Pozzo (Orientadora)

Universidade do Estado de Santa Catarina

Prof.^a Dra. Gláucia de Assis

Universidade do Estado de Santa Catarina

Prof.^a Dra. Talitha Gomes Ferraz

Universidade Federal Fluminense

Florianópolis, 21 de outubro de 2022.

MÜLLER, Yasmin Lopes. **O cinema ao longo do Vale do Itajaí (SC): espaços de cultura e desenvolvimento regional.** 143f. Dissertação de Mestrado – Planejamento Territorial e Desenvolvimento Socioambiental - Centro de Ciências Humanas e da Educação, Universidade do Estado de Santa Catarina. Florianópolis, 2022.

RESUMO

A proposta de pesquisa apresentada objetiva compreender a conexão entre os espaços de cinema e o desenvolvimento regional do Vale do Itajaí. A precocidade e o protagonismo do setor exibidor cinematográfico da região, na qual, a primeira exibição pública de cinema ocorreu em 1900 na cidade de Blumenau, sendo também a primeira registrada em Santa Catarina. Ao longo do século XX, a região de recente colonização datada de meados do século XIX, tornou-se a mais expressiva do estado em número de salas de cinema, chegando a uma envergadura de 68 salas de exibição, o que nos leva a questionar como essa rede exibidora se organizou histórica e espacialmente em combinação com a rede urbana regional. Argumenta-se que a precocidade da chegada do cinema nessa região deve-se ao caráter urbano e técnico dos próprios imigrantes que chegaram para colonizar a região. Principalmente nos locais em que os imigrantes eram majoritariamente de origem germânica, houve acentuado desenvolvimento do setor cinematográfico. Adicionalmente, atribui-se ao setor cinematográfico o caráter assimilador das novas terras. A partir dessa origem, o desenvolvimento deste setor acompanha o desenvolvimento regional do Vale do Itajaí, representando um vetor de investimento do capital inicialmente comercial e posteriormente industrial, nos quais buscaremos identificar as conexões entre o desenvolvimento dos cinemas e o desenvolvimento comercial e industrial desta região. Através deste trabalho buscamos analisar de forma detalhada a precocidade e o protagonismo do setor exibidor cinematográfico no Vale do Itajaí e sua relação com a imigração europeia e caracterizar as possíveis conexões do desenvolvimento da rede exibidora do Vale do Itajaí com a organização histórica e espacial da urbanização da região do Vale do Itajaí.

Palavras-chave: Desenvolvimento Regional. Vale do Itajaí. Cinema.

MÜLLER, Yasmin Lopes. **The cinema along the Vale do Itajaí (SC): cultural and regional development spaces.** 1431. Master's Dissertation – Territorial Planning an Socio-Environmental Development - Centers for Human an Educational Sciences, State University of Santa Catarina. Florianópolis, 2022.

ABSTRACT

This research proposal has the aim to comprehend the connexion between spaces of cinema and the regional development in the Vale do Itajaí. The precocity and the protagonismo of the cinema exhibition sector of the region, which in the first public exhibition took place in 1900 in the city of Blumenau, being also the first registered in Santa Catarina. Over the 20th century, the region of recent colonization dated from the mid-19th century, became the most expressive in the state in terms of movie theaters, reaching a size of 68 exhibition rooms, which leads us to question how this exhibition network was organized historically and spatially in combination with the regional urban network. It is argued that the early arrival of cinema in this region is due to the urban and technical character of the immigrants who arrived to colonize the region. Mainly in places where immigrants were mostly of Germanic origin and there was a strong development of the cinematographic sector. Furthermore, the cinematographic sector is assigned to the assimilating character of the new lands. From that origin, the development of this sector follows the Vale do Itajaí regional development representing an investment vector of initially commercial and later industrial capital, in which we will seek to identify the connections between the development of cinemas and the commercial and industrial development of this region. Through this work, we aim to analyze in detail the precocity and protagonism of the cinematographic exhibition sector in the Vale do Itajaí and its relationship with European immigration to characterize the possible connections between the development of the exhibition network of the Vale do Itajaí along with the historical and spatial organization of the urbanization of the region.

Palavras-chave: Regional Development. Vale do Itajaí. Cinema.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Quantidade de cinemas em cada município do Vale do Itajaí no século XX.....	3
Quadro 2 - Periódicos com conteúdo relacionado aos cinemas no Vale do Itajaí.....	43
Quadro 3 - Filmes catalogados entre 1900 e 1958 nos periódicos em circulação no Vale do Itajaí.....	44
Quadro 4 - Nacionalidade dos filmes catalogados entre 1900 e 1958.....	49
Quadro 5 - Enciclopédia dos municípios brasileiros 1959.....	58
Quadro 6 - Cinemas operantes durante o meio técnico-científico.....	89
Quadro 7 - CENSO 1950 (Incluindo distritos pertencentes as cidades)	90
Quadro 8 - Número de salas distribuídas no Vale do Itajaí em 2022.....	122

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa temático do Vale do Itajaí com a quantidade de cinemas em cada município no século XX e datas de abertura	2
Figura 2 - Década de abertura dos cinemas do Vale do Itajaí a partir periodizado de acordo com a pesquisa.....	5
Figura 3 - Cópia da programação da primeira exibição cinematográfica de Blumenau.....	11
Figura 4 - Teatro <i>Frohsinn</i> , 1900.....	13
Figura 5 - Anúncio da primeira exibição cinematográfica em Itajaí no Jornal O Progresso, ed. 34, 1900.....	14
Figura 6 - Hotel Holetz, 1902, ano de sua inauguração.....	15
Figura 7 - Anúncio da sessão de cinema no Salão Holetz, 30 de maio de 1915.....	16
Figura 8 - Propaganda do Cinema Salão Holetz (Buch's Kino) no Jornal O Nacional, 1 de janeiro de 1918.....	17
Figura 9 - Anúncio do Cinema Moderno divulgado no jornal Brusque Zeitung de 4 de janeiro de 1912.....	18
Figura 10 - - Hotel Schaefer, década de 1920.....	19
Figura 11 - - Jornal O Espia, ed. 03, 1919.....	20
Figura 12 Anúncio Circo Pavilhão Recreativo, 1909.....	21
Figura 13 - cinemas operantes nos anos de 1907, 1917, 1930, 1943, 1965 e 1986.....	23
Figura 14 - Divisão político-administrativa de Santa Catarina no período imperial, 1889...	27
Figura 15 - Mapa da colônia Blumenau.....	28
Figura 16 - Mapa Roteiro da imigração alemã em Santa Catarina.....	29
Figura 17 - Capa de uma edição do Blumenauer Zeitung, 1891.....	36
Figura 18 - Anúncio de cinema no jornal Der Urwaldsbote.....	38

Figura 19 - Cópia da programação do Cine Busch divulgada no jornal Die Volkszeitung em 1931.....	42
Figura 20 - Distribuição do mercado brasileiro (1913 – 1927).....	51
Figura 21 - Anúncio Cine Busch no Jornal A Nação da cidade de Blumenau. Edição .39 de 07 de setembro de 1943.....	52
Figura 22 - Cópia da programação do Cine Busch divulgada no jornal A Nação em 1943.....	53
Figura 23 - Matéria no jornal “Correio do Povo”, Jaraguá do Sul, 7 de março de 1942.....	54
Figura 24 - Mapa das salas de cinema distribuídas no território do Vale do Itajaí em 1965.	59
Figura 25 - Salão Holetz e Cine Busch na década de 1950.....	61
Figura 26 - Cine Mogk.....	62
Figura 27 - Cine Garcia.....	64
Figura 28 - Cine Blumenau.....	65
Figura 29 - Cine Atlas atualmente.....	68
Figura 30 - - Cartaz em frente ao cinema Ideal.....	68
Figura 31 - Cine Itajahy, 1938.....	69
Figura 32 - Cine Rex, março de 1977.....	70
Figura 33 - Cine Coliseu.....	72
Figura 34 - Projetor Bloomfield N.J. 35mm com adaptação para Dolby Digital.....	73
Figura 35 - Cine Brattig.....	74
Figura 36 - Cine Palace Riosul.....	75
Figura 37 - Cine Teatro Dom Bosco.....	76
Figura 38 - Cinerama.....	78
Figura 39 - Cine Drive-in de Balneário Camboriú – Auto Cine.....	79

Figura 40 - Cine Itália.....	80
Figura 41 - Primeiro trecho da EFSC inaugurado no dia 3 de maio de 1909, Blumenau até Warnow.....	85
Figura 42 - Estrada de Ferro de Santa Catarina, 1965.....	86
Figura 43 - Mapa ferroviário e fluvial de Santa Catarina, 1958.....	87
Figura 44 - Pista de Pouso do Aeroporto Salgado Filho – Itajaí.....	93
Figura 45 - Propaganda da Real Aerovias.....	94
Figura 46 - Inauguração da Estação Esplanada da Fazenda, 1954.	95
Figura 47 - Inauguração da ponte sobre o rio Itajaí-Açú, 1960. Jornal “O Estado”, Florianópolis, 15 de junho de 1960.....	96
Figura 48 - Anúncio Cine Busch, Jornal A Nação, 26 de agosto de 1943.....	100
Figura 49 - Anúncio Cine Busch, Jornal A Nação, 28 de agosto de 1943.....	101
Figura 50 - Anúncio Cine Busch, Jornal A Nação, 19 de agosto de 1943.....	101
Figura 51 - Anúncio da Fábrica de Papel Itakahy, Jornal do Povo dez. 1935.....	104
Figura 52 - Banco Inco de Itajaí.....	105
Figura 53 - Vila Operária, 1925.....	107
Figura 54 - Hosteraria, selaria e casa de comércio de Carlos Gracher em 1905.....	110
Figura 55 - Jornal Gazeta Brusquense, ed. 35, 1924.....	111
Figura 56 - Anúncio no jornal “O Progresso”, 19 de junho de 1931.....	111
Figura 57 - Anúncio no jornal “O Progresso”, 4 de dezembro de 1931.....	112
Figura 58 - Casamento de Carlos e Nayr Gracher, 3 de maio de 1947.....	113
Figura 59 - Interior do Cine Real, 1949.....	114
Figura 60 - Padre Vendelino Wiemes durante a benção do Cine Teatro Real, 1957.....	115
Figura 61 - Enchente em frente ao Cine Busch.....	118
Figura 62 - Mapa temático – Cinemas de rua no Vale do Itajaí em 1991.....	119

Figura 63 - Sala multiplex do GNC Cinemas atualmente no Shopping Neumarkt.....	121
Figura 64 - Acesso a sala de exibição Cine Gracher Matriz.....	143
Figura 65 - - Entrada do Cine Gracher Matriz.....	144

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ANCINE	Agência Nacional do Cinema
BANERJ	Banco do Estado do Rio de Janeiro
CCP	Comissão Central de Preços
CELESC	Centrais Elétricas de Santa Catarina
COVID	Coronavírus
DEIP	Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda
DIP	Departamento de Imprensa e Propaganda
EMBRAPA	Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
EFSC	Estrada de Ferro Santa Catarina
EUA	Estados Unidos da América
GNC	Grupo Nacional de Cinemas
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INCO	Banco Indústria e Comércio de Santa Catarina
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
LTDA	Sociedade Limitada
MGM	Metro-Goldwyn-Mayer
S.A.	Sociedade Anônima
TAC	Termo de Ajustamento de Conduta
UFA	<i>Universum Film Aktien Gesellschaft</i>
USATI	Usinas de Acucar Adelaide e Tijucas Ltda
VALE	Vale do Itajaí

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	1
1.1 PROBLEMÁTICA DA PESQUISA.....	4
1.2 OBJETIVOS	6
1.2.1 Objetivo Geral	6
1.2.2 Objetivos Específicos	6
1.3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	6
2. CAPÍTULO I – GÊNESE DO CIRCUITO EXIBIDOR DO VALE (1900-1930)	10
2.1 PRIMEIRAS EXIBIÇÕES: SALÕES, TEATROS, HOTÉIS E ITINERANTES.....	11
2.1.1 Descontinuidades: Desenvolvimentos tardios do período	21
2.2 CINEMA E IMIGRAÇÃO.....	25
2.2.1 Colonização, técnica e Urbanidade.....	26
2.2.2 Comunidades imaginadas.....	33
2.2.2.1 Cinema, imagens e disputas.....	37
3. CAPÍTULO II – DESENVOLVIMENTO E EXPANSÃO (1930 – 1980)	56
3.1 INÍCIO DAS GRANDES SALAS.....	59
3.2 TRANSIÇÃO DO SÉCULO XIX PARA O XX: INDÚSTRIA, CINEMA E A MODERNIDADE NASCENTE.....	80
3.2.1. A chegada da energia elétrica.....	81
3.2.2 A implantação da estrada de ferro.....	83
3.3 CINEMA E INDÚSTRIA: UMA VIA DE MÃO DUPLA.....	87
3.3.1 As técnicas no território: a formação da rede urbana regional.....	90
3.3.2 Tecnologia, exibição e acesso.....	96
3.3.3 Cinema e sociabilidade urbana.....	98
3.3.3.1 O Porto de Itajaí, a Vila Operária e o Cinema Popular.....	103
3.4 O PERÍODO CONTEMPORÂNEO – PÓS 1970.....	107
3.4.1 O Caso Gracher.....	109
3.4.2 Das ruas para os shoppings.....	117
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	124

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS128

**APÊNDICE A – ENTREVISTA SANDRO GRACHER BARAN – CINE
GRACHER.....135**

1 INTRODUÇÃO

O mito de origem do cinema data do final do século XIX, mais especificamente no ano de 1895, quando foi inventado pelos irmãos Louis e Auguste Lumière. A primeira exibição cinematográfica em solo brasileiro ocorreu em 8 de julho de 1896 na cidade do Rio do Janeiro com um aparelho do tipo Omniprapho (GOMES, 1980), de origem francesa. Cinco anos depois da primeira exibição na França, em 11 de agosto de 1900, Blumenau recebe uma exibição de películas, sendo a primeira registrada em todo estado de Santa Catarina¹. Este fato é notável, pois trata-se de uma região cuja ocupação colonial havia sido iniciada apenas 55 anos antes, a partir da fundação da Colônia Blumenau.

A mesma programação exibida pela primeira vez no Teatro Frohsin de Blumenau, foi apresentada na cidade de Indaial uma semana depois, nos dias 18 e 19 de agosto, no Salão de Arnold Lueders. Estes filmes chegaram à Florianópolis em 02 de setembro de 1900 (KORMANN, 1996). Blumenau e Indaial são duas cidades vizinhas que fazem parte da região do Vale do Rio Itajaí, localizada nos vales atlânticos do norte catarinense.

A questão inicialmente levantada nesta pesquisa, é como explicar que uma atividade como o cinema, tipicamente ligada ao universo moderno, urbano e industrial, tenha chegado a uma região de recente desenvolvimento como o Vale do Itajaí²? A pesquisa apresentada para esta dissertação, objetiva compreender a gênese e o desenvolvimento da atividade de exibição cinematográfica no Vale do Itajaí em associação com seu processo de formação e desenvolvimento regional, desde 1900, quando data sua primeira exibição, até a década de 1980, quando é iniciado um processo de decadência e fechamento destas salas (MÜLLER; POZZO, 2017).

Nas primeiras décadas do século XX, filmes de origem estadunidense não eram comuns no Vale do Itajaí, e sim os de origem europeia, especialmente alemã. Este cinema europeu servia como uma ligação dos imigrantes com suas origens. E foi de fato predominante nas programações locais até a década de 1930, quando a hegemonia estadunidense passa a ser

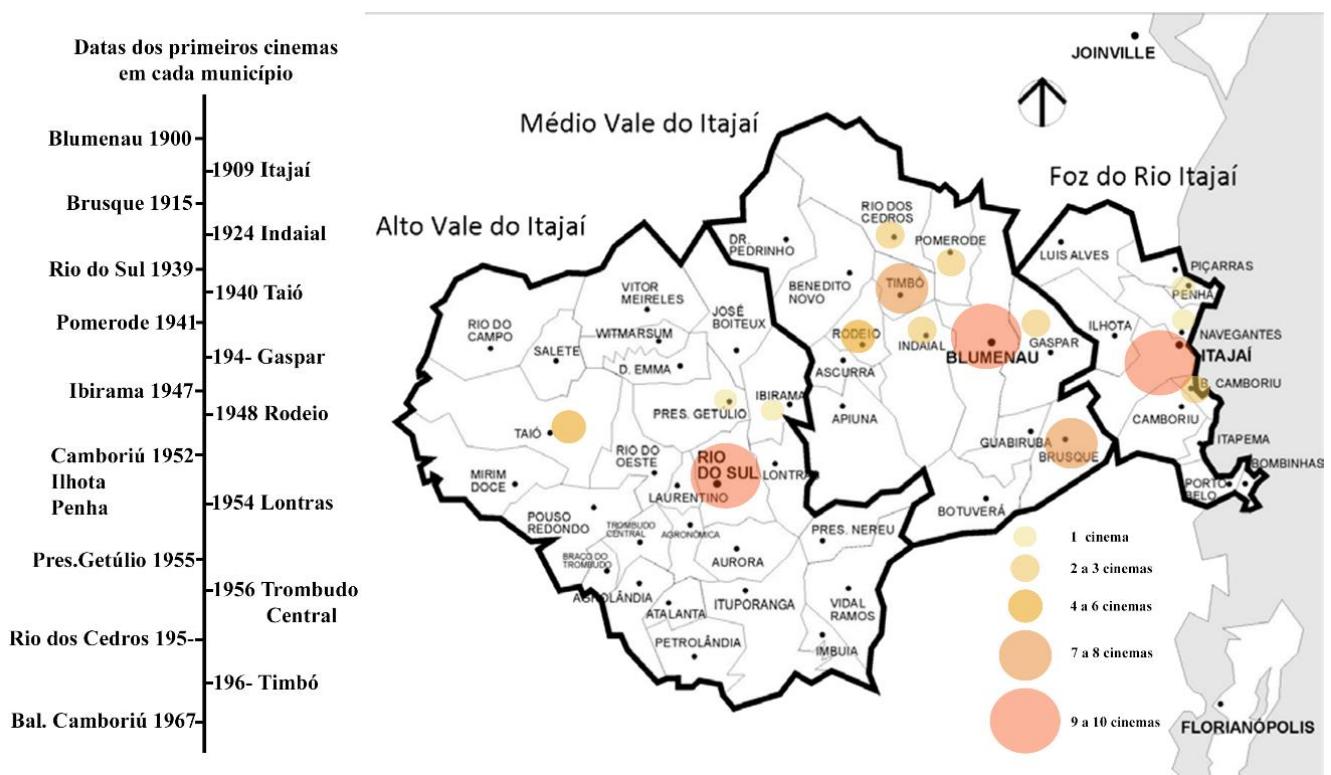
¹ Segundo levantamento do projeto de pesquisa “Corpo Espacial do Cinema: uma cartografia das antigas salas de cinema de rua de Santa Catarina”, desenvolvido entre os anos 2016 e 2019 junto ao Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Universidade do Estado de Santa Catarina, no qual atuei como Bolsista de Iniciação Científica, sob orientação da Prof. Renata Rogowski Pozzo.

² Evidentemente se considera o desenvolvimento do ponto de vista da modernidade, pois sabe-se que a ocupação colonial do vale do Itajaí significou o bloqueio e até o desaparecimento de outras formas de desenvolvimento ligadas ao modo de vida de comunidades indígenas pré-existentes.

conquistada (também na esfera cultural e cinematográfica), ao mesmo tempo, as formas de comunicação em língua estrangeira sofrem restrições do governo brasileiro.

No Vale do Itajaí, o cinema não apenas chega precocemente, como se torna um elemento de sustentação e expansão econômica da região, especialmente do ponto de vista da exibição cinematográfica, ou seja, das salas de cinema. Após a fase das exibições em espaços culturais (como antigos Salões e Teatros), durante o século XX o Vale do Itajaí conformou uma rede exibidora que contou com salas icônicas, como o Cine Busch de Blumenau, o Cine Palace de Rio do Sul, os Cine Mogk, rede de Walter Mogk que foi proprietário de várias salas simultaneamente em diversas cidades do médio vale, dentre outros, fruto do investimento de prósperos comerciantes e industriais que expandiram sua rede inclusive para outras regiões, como o Vale do Rio Tijucas (CANDEIA; POZZO, 2021). Trata-se, de fato, da rede exibidora de maior envergadura no território catarinense, com 68 salas de cinema identificadas dentro de um universo de mais de 200 estabelecimentos de rua presentes em Santa Catarina ao longo do século XX (Figura 1 e quadro 1).

Figura 1 - Mapa temático do Vale do Itajaí com a quantidade de cinemas em cada município no século XX e datas de abertura



Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 1 - Quantidade de cinemas em cada município do Vale do Itajaí no século XX.

Cidade	Cinemas de Rua	Total	Em funcionamento	Multiplex em Funcionamento
Balneário Camboriú	Dellatorre; Itália; Auto Cine	3	0	4
Balneário Piçarras	Cine Atlântico	1	0	0
Blumenau	Busch; Blumenau; Garcia; Carlitos; Atlas; Mogk; Edith Gaertner	7	0	4
Brusque	Moderno; Esperança; Guarany; Ufa; Coliseu; Real; Gracher	7	0	1
Camboriú	Cine Camboriú	1	0	0
Gaspar	Holwarth, Julianelli, Mogk	3	0	0
Ibirama	Cine Teatro Ibirama	1	0	0
Ilhota	Cine São Luiz	1	0	0
Indaial	Mogk; Ascurra; Rui	3	0	0
Itajaí	Oriente; Busch; Victoria; Itajahy; Ideal; Rex; Luz; Estrella; Íris; Catholico; Círculo; Berlim; Oriente; Popular; Vitória; Escala; Coral	18	0	1
Navegantes	Cine Navegantes	1	0	0
Penha	Cine Atlântico	1	0	0
Pomerode	Jullianelli; Mogk	2	0	0
Presidente Getúlio	Sonho Azul	1	0	0
Rio do Sul	Brattig; Barra; Lontrense; Bohen; Central; Santo Antônio; Palace Rio Sul; Dom Bosco	8	0	1
Rio dos Cedros	Bebem; Heck	2	0	0
Rodeio	Finard; Rigo; Rex	3	0	0
Taió	Hutzen; Athenas; Jullianelli	3	0	0
Timbó	Mogk; Cine Teatro	2	0	0
TOTAL		68	0	11

Fonte: Elaborado pela autora.

A análise da formação do circuito exibidor do Vale revela um processo de desenvolvimento regional complexo, com múltiplas determinações a serem consideradas, tanto de ordem econômica, quanto cultural. Argumenta-se que a precocidade da chegada do cinema

nessa região deve-se ao caráter urbano e técnico da imigração e, também, ao valor atribuído à cultura como forma de adaptação e assimilação às novas terras. O cinema teria participado da criação de uma “comunidade imaginada” (ANDERSON, 2008) que permite a construção de uma ponte de sentidos entre o continente de origem destes imigrantes e o novo território que ocupam em solo brasileiro. A partir dessa origem, o desenvolvimento do setor cinematográfico acompanha o desenvolvimento regional do Vale do Itajaí, representando um vetor de investimento do capital inicialmente comercial e posteriormente industrial, sofrendo influência também de movimentos do contexto nacional e internacional.

1.1 PROBLEMÁTICA DA PESQUISA

O problema da pesquisa consiste em compreender como a gênese e o desenvolvimento da rede exibidora cinematográfica do Vale do Itajaí relaciona-se com o processo de desenvolvimento regional.

Quanto à gênese (1900-1930), as hipóteses elencadas apontam para duas direções: o caráter urbano e técnico da imigração alemã e o caráter atribuído à cultura como forma de assimilação do imigrante às novas terras. Analisaremos as questões que se relacionam ao fato de que os imigrantes alemães estiveram em sua origem ligados a um contexto urbano em ascensão e que, ao mesmo tempo, o cinema foi utilizado ativamente como aparato para construção de uma “comunidade imaginada” conectando os imigrantes com seu país de origem, junto a outras iniciativas culturais presentes anteriormente apenas nas capitais e grandes centros brasileiros.

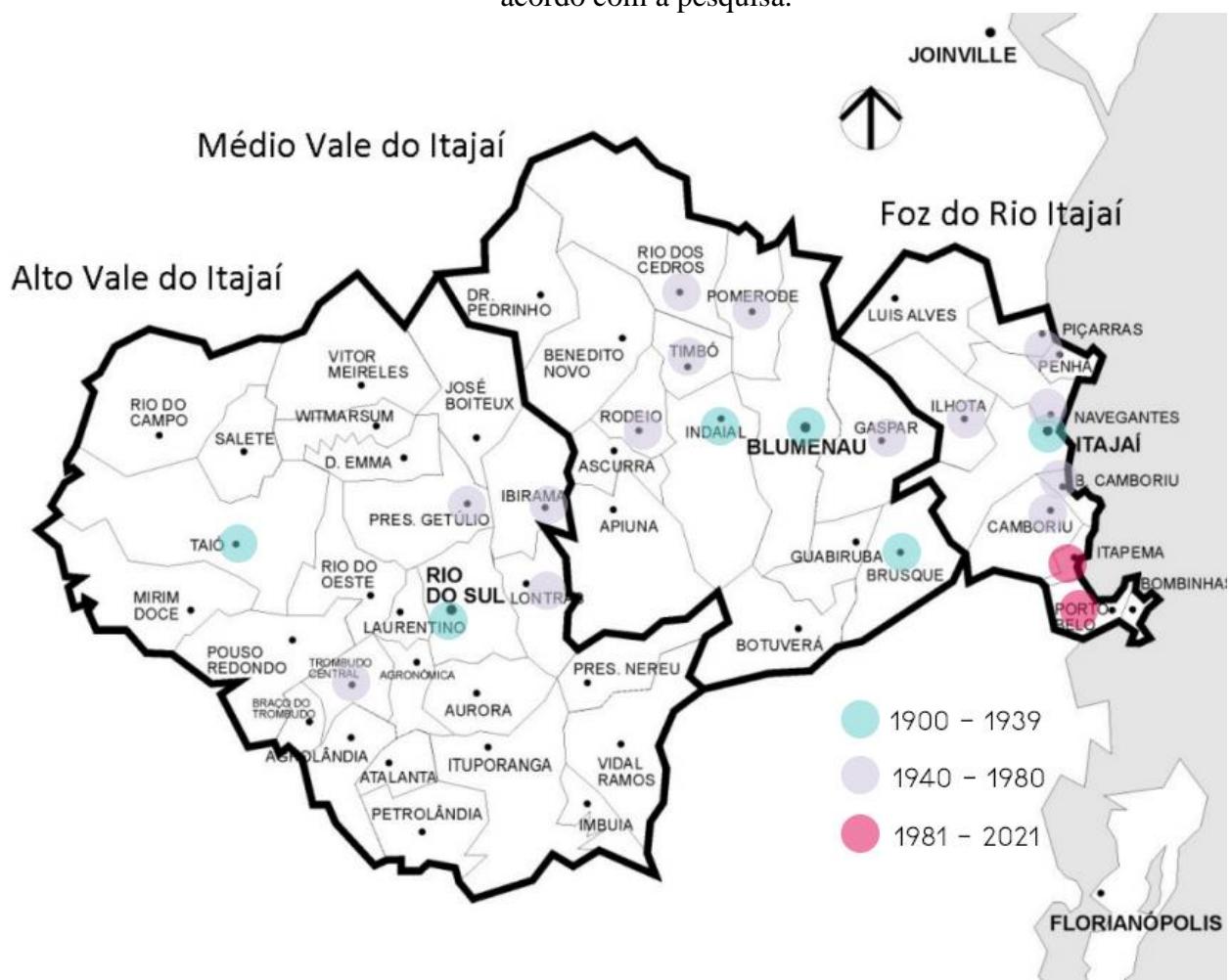
Após este período de gênese e desenvolvimento inicial (1900-1930), o desenvolvimento da rede exibidora passa a responder a um novo contexto de desenvolvimento nacional (desenvolvimentismo Getulista) e também internacional (conquista da hegemonia estadunidense, e com ela, do cinema Hollywoodiano). Assim, a rede do vale acompanha as flutuações do cenário nacional: ascensão entre 1930-1970 (exibindo não mais películas europeias, mas Hollywoodianas), decadência entre os anos 1980/90 e reconfiguração seguindo o padrão multiplex em novas territorialidades a partir daí.

O segundo período a ser discutido neste trabalho, leva em consideração o que vamos chamar de momento de “desenvolvimento e expansão”, que engloba entre 1930 e 1980, marcado pelo avanço das infraestruturas e iniciativas de lazer e cultura no Vale do Itajaí, não só abrangendo as elites, mas também se tornando acessível às classes populares por meio de fomentos de indústrias. Essa expansão está relacionada à construção de sociabilidades

modernas, para as quais o cinema era um ambiente de lazer fundamental, principalmente nas cidades polo de Itajaí, Brusque, Blumenau e Rio do Sul.

O cinema se tornou uma oportunidade de estimular a população à cultura e ao entretenimento, ocupando as tardes de domingo e outros dias conforme as exibições cinematográficas foram ganhando popularidade. Por conta desta influência da sétima arte nos centros comerciais dos municípios, o Vale do Itajaí chegou a contar com inúmeras salas de cinema fixas não só nas maiores cidades como Blumenau, Itajaí e Brusque, como também em cidades menores até o alto vale, como Rodeio, Rio dos Cedros, Pomerode, Indaial, Rio do Sul, entre outras (figura 2).

Figura 2 - Década de abertura dos cinemas do Vale do Itajaí a partir periodizado de acordo com a pesquisa.



Fonte: Elaborado pela autora.

1.3 OBJETIVOS

1.3.1 Objetivo Geral

Compreender a conexão entre os espaços de cinema e desenvolvimento regional do Vale do Itajaí-SC.

1.3.2 Objetivos Específicos

- a) Analisar a precocidade e o protagonismo do setor exibidor cinematográfico no Vale do Itajaí e sua relação com a imigração europeia;
- b) Identificar como a rede exibidora do Vale do Itajaí se organiza histórica e espacialmente em combinação com a rede urbana regional;
- c) Identificar as conexões entre o desenvolvimento dos cinemas na região e o desenvolvimento do capital comercial e industrial.

1.4 OS CAMINHOS DESTA PESQUISA

Conforme já descrito nesta introdução, por seu conteúdo histórico, optou-se por organizar a expressão escrita da dissertação mediante a formulação de uma periodização embasada em Santos e Silveira (2001).

A questão é escolher as variáveis-chave que, em cada pedaço do tempo, irão comandar o sistema de variáveis, esse sistema de eventos que denominamos período. Eis o princípio a partir do qual podemos valorizar os processos e reconhecer as novidades históricas do território. [...] Períodos são pedaços de tempo definidos por características que interagem e asseguram o movimento do todo (SANTOS; SILVEIRA, 2001, p. 23-24).

Além disso, do ponto de vista metodológico, é importante ressaltar a concepção de escala presente no trabalho. Embora a escala espacial da pesquisa compreenda uma região bem delimitada, o Vale do Itajaí, as análises, a todo momento, cruzam especialmente com duas outras escalas: a nacional e a global.

Definir as escalas local, regional, nacional e global como recortes significativos, não obedece a qualquer formalismo restritivo das possibilidades heurísticas da análise de quaisquer fenômenos nessas escalas, mas apenas considera os recortes significativos do fato político institucional, do modo como ele tem sido vivenciado desde que os romanos organizaram seus territórios de ação e desde que o estado moderno impôs-se como modelo de organização das estruturas de poder no território (CASTRO, 2014, p.90).

Ao definir as escalas trabalhadas, é levado em consideração a proposição feita por Iná Elias de Castro (2014, p. 88), de que “O recurso de pensar a escala permite analisar o fenômeno a partir da medida da sua significância, isto é, da extensão que lhe dá sentido”, portanto, a escolha de trabalhar diversas escalas e cruzar informações entre elas, é o meio que foi identificado para fins de relacionar os diversos contextos que ocorreram paralelamente, principalmente ao longo do século XX e criaram ambientes ímpares como o encontrado no Vale do Itajaí. A própria escala regional, uma das adotadas, é definida por Castro (1992, p.30) como “definida nos processos sociais, que condicionam e são condicionados por espaços diferenciados”.

A composição do *corpus* da pesquisa foi embasada em que o define como uma coleção de materiais semelhantes, homogêneos e diferenciados em suas categorias. Ainda segundo Bauer (2008, p. 45) “uma boa análise permanece dentro do corpus e procura dar conta de toda diferença que está contida nele”. Na presente pesquisa ele é formado basicamente por um banco de dados com informações acerca das salas de cinema existentes ao longo da história no Vale do Itajaí. Trata-se de um banco de dados construído a partir do Projeto de Pesquisa “Corpo Espacial do Cinema” desde 2016, que congrega as seguintes informações: município, mesorregião, data de instalação, nome do cinema, nome do proprietário, endereço, coordenadas geográficas, data de inauguração, se o cinema ainda funciona, se a edificação ainda existe, o que funciona hoje na edificação, número de poltronas, qual o primeiro filme exibido e observações extras. Como exposto nesta introdução, até o momento foram identificadas 68 salas fixas de cinemas no Vale do Itajaí.

Os procedimentos metodológicos para construção deste banco de dados envolveram diversas etapas, dentre elas:

a) Pesquisa Exploratória

Formas de pesquisa variadas que incluíram bases de dados online, sites, hemerotecas e arquivos históricos digitais. Também foram efetuadas ligações via telefone para secretarias de cultura, acervos e pessoas relacionadas aos cinemas, assim como contatos por e-mail com pesquisadores.

b) Pesquisa Histórica-documental

Foram visitados os Arquivos Históricos das cidades do Vale do Itajaí, principalmente de cidades-polo como Itajaí, Blumenau e Rio do Sul, nos quais se encontram os maiores e mais bem conservados acervos. Esta pesquisa, como previsto por Luna (1999), abrange publicações

avulsas como livros, jornais, revistas, vídeos, dentre outros meios de documentação e informação.

Também foram utilizados dados de Acervos Pessoais de famílias ligadas a cultura cinematográfica da região e ao desenvolvimento. Dentre elas já estabelecido contato previamente com as famílias Holetz, Gracher, Mueller e Delatorre.

c) Entrevistas

As entrevistas elaboradas para fomentar o capítulo I foram feitas com figuras ou pessoas próximas dos principais cinemas da região, como a diretora de patrimônio histórico da cidade de Blumenau Sueli Petry, o cinéfilo Carlos Braga Müller que também foi proprietário do Cine Atlas na cidade de Blumenau e o cientista social Adalberto Day, ainda antes da pandemia de Covid-19. Para melhor entendimento da evolução do setor de exibição no Vale do Itajaí, também foi entrevistado Carlos Gracher Baran, atual diretor da rede Cine Gracher, que surge ainda no início do século XX e perdura até hoje. Estas pessoas foram selecionadas por sua importância ou conhecimento ou estudos desenvolvidos em relação as salas de cinema da região do Vale do Itajaí, o contato com elas foi por meio de arquivos históricos, indicações, mensagens por meio de redes sociais solicitando as entrevistas ou ligação telefônica. Tais entrevistas foram feitas de modo presencial e elaboradas a partir do modo de pesquisa semiestruturada (BONI; QUARESMA, 2005), o qual consiste na combinação entre perguntas abertas e fechadas a partir de um conjunto de questões previamente elaboradas. Ao contrário de pesquisas estruturadas, a semiestruturada permite maior flexibilidade em relação a duração e profundidade do conteúdo, permitindo adições espontâneas de informação por parte do entrevistado.

d) Revisão Bibliográfica

Mais do que simplesmente inventariar e localizar temporal e geograficamente as salas de cinema, esta pesquisa, como qualquer pesquisa científica, tem um objetivo de análise e síntese, não limitando-se à mera descrição dos fatos. Ou seja, além de buscar compreender o que aconteceu e como aconteceu, objetiva compreender os porquês, os nexos, as continuidades e descontinuidades históricas e geográficas. Neste caminho, a Revisão Teórica e Histórica é um procedimento fundamental e constante.

Assim, no contexto catarinense, temos que Pires, Depizzolatti e Araújo (1987), foram um dos primeiros autores a discorrer sobre o cinema como espaço de exibição e produções cinematográficas locais. Pires (2000) conta ainda com sua obra a respeito dos pioneiros do cinema catarinense, José Julianelli e Alfredo Baumgarten. Ele demonstra em sua obra como

eram as produções no estado e as exibições itinerantes que permitiram a introdução das películas em cidades mais remotas, principalmente entre Florianópolis e o Vale do Itajaí no início do século XX.

No Vale do Itajaí, destaca-se o trabalho de Edith Kormann (1996), que aborda o contexto cultural blumenauense, trazendo detalhes históricos e a importância social que a sétima arte teve na cidade e suas imediações.

Mais recentemente, sob o viés dos meios de comunicação na região, Bona e Linsmeier (20010) discorrem a respeito dos cinemas nas cidades do Vale do Itajaí, como Blumenau, Itajaí e Balneário Camboriú.

Outro âmbito de estudo sobre os cinemas catarinenses é o que trata especificamente de figuras ilustres, pessoas que fizeram parte das histórias das salas de exibições como donos, funcionários e cinéfilos, geralmente são abordados por cientistas sociais, como a produção de Magali Moser (2006) sobre Herbert Holetz, figura conhecida que trabalhou por décadas no Cine Busch em Blumenau, e a Família Gracher, que conta em seu livro a trajetória no ramo cinematográfico em Brusque.

e) Mapeamentos

A presente pesquisa também é permeada pela questão da complexidade em mapear um contexto histórico, pois trata de diferentes décadas ao longo da história do Vale do Itajaí e sua relação com o desenvolvimento territorial desde o início da colonização, até os dias atuais. Para melhor representar as décadas subsequentes desde o início do século XX em relação aos cinemas, foram desenvolvidos mapas temáticos com enfoque na distribuição das salas de exibição ao longo do território regional, utilizando bases cartográficas históricas.

2 GÊNESE DO CIRCUITO EXIBIDOR DO VALE (1900-1930)

As primeiras exibições cinematográficas no Vale do Itajaí apresentam algumas características em comum. Foram realizadas por ambulantes ou em espaços não propriamente edificados para tal, como Teatros, salões de sociedades recreativas e hotéis. Trata-se de uma fase que em geral se estende desde 1900 até a década de 1930 nas principais cidades de então - Itajaí, Blumenau e Brusque - mas se expressa tardiamente, nas décadas de 1940 e 1950 nas cidades menores (Gaspar, Ibirama, Rodeio, Rio do Sul, Rio dos Cedros e Pomerode).

O movimento exibidor no vale, neste período, está intimamente ligado à dinâmica da colonização e da imigração que dão impulso ao desenvolvimento inicial dos sucessivos meios técnicos na região, conforme a denominação de Milton Santos e Maria Laura Silveira (2001). Estes autores propõem uma periodização para o território brasileiro baseada em três momentos: meio natural, meio técnico (final do século XIX - 1970) e meio técnico-científico-informacional (1970 ao presente).

Nota-se que as primeiras exibições cinematográficas no Vale aparecem na transição da primeira para a segunda fase do meio técnico, as quais os autores denominam de "arquipélago de mecanização incompleta" e "meio técnico da circulação mecanizada e dos inícios da industrialização", esta última, ocorrendo entre o início do século XX e a década de 1940. Esta fase é marcada pelo espalhamento de máquinas de produção e de circulação pelo espaço brasileiro, mecanização e motorização do território, ou seja, pelos primórdios da industrialização e pela implantação de infraestruturas como ferrovias e usinas hidrelétricas: "Rompia-se, desse modo, a regência do tempo 'natural' para ceder lugar a um novo mosaico: um tempo lento para dentro do território que se associava com um tempo rápido para fora" (SANTOS; SILVEIRA, 2001, p. 37).

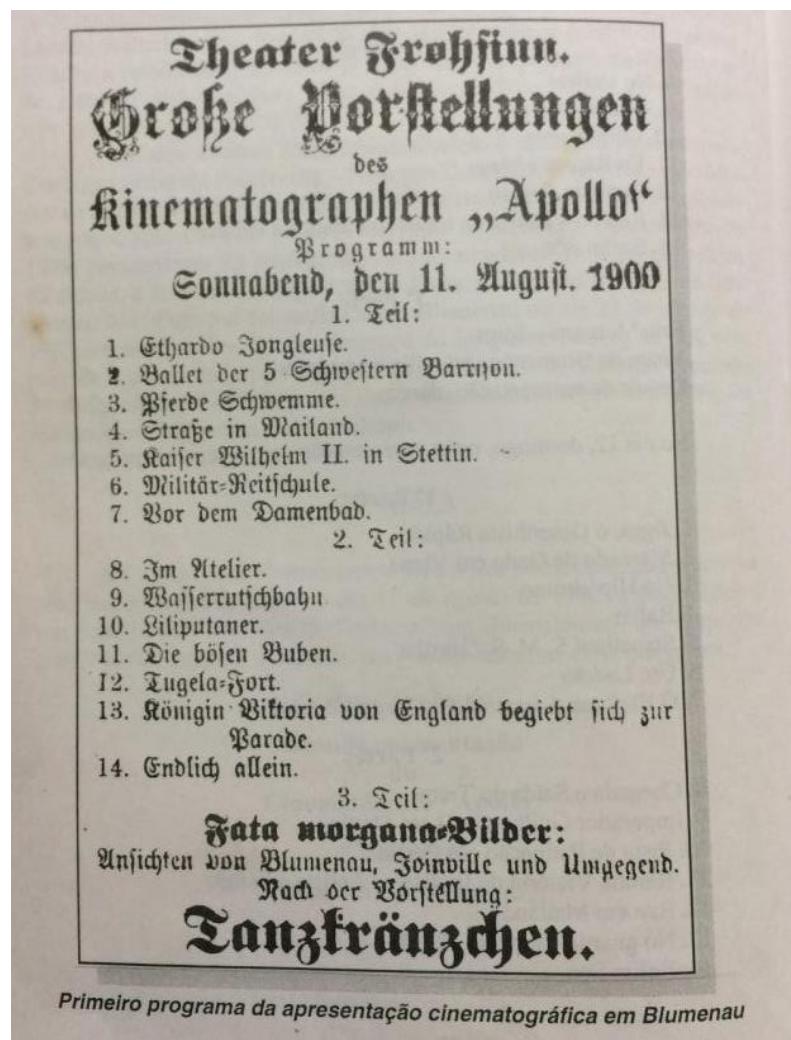
Assim, para analisar a inserção do cinema neste contexto regional, o presente capítulo inicia inventariando as experiências de exibição cinematográfica identificadas com o período e, na sequência, analisa aspectos explicativos centrais. Até os anos 1930, o cinema insere-se essencialmente no conjunto da dinâmica da colonização do Vale do Itajaí, desta forma, seu papel enquanto elemento para consolidação da imigração germânica neste território foi fundamental. Assim, investigamos sua inserção nos contextos urbanos em formação, bem como inventaríamos o conteúdo exibido pelos espaços de projeção de então.

2.1 PRIMEIRAS EXIBIÇÕES: SALÕES, TEATROS, HOTÉIS E ITINERANTES

Em 1900, o cinema, esta nova arte-técnica chega ao Vale do Itajaí, mais especificamente à **Blumenau**. Por conta da grande ligação dos imigrantes com seu continente de origem, a colônia recebia embarcações com produtos vindos da Europa com frequência. Deste modo, 11 de agosto de **1900**, como já apontado por Bona (2009), é apresentado o primeiro filme em Blumenau, com maquinário vindo da Europa, quando Eduard Von Schultz exibiu um cinematógrafo (KORMANN, 1996), no **Teatro Frohsinn**.

Segundo o cartaz encontrado, datado 11 de agosto de 1900, foi apresentada a seguinte programação publicada originalmente em alemão e com a tradução (elaborada pela autora) em seguida (figura 3):

Figura 3 - Cópia da programação da primeira exibição cinematográfica em Blumenau.



Fonte: Blumenau em Cadernos. Acervo do Arquivo Histórico Prof. José Ferreira da Silva, de Blumenau.

TEATRO FROHSINN

GRANDE APRESENTAÇÃO DO CINEMATÓGRAFO “APOLLO”

PROGRAMA:

SÁBADO, 11 DE AGOSTO

1^a Parte

1. Ethardo Jongleuse
2. Ballet das 5 irmãs Barrison
3. Cavalos banhando-se
4. Rua em Mailand
5. Imperador Guilherme II em Stettin
6. Escola Hípica Militar
7. Antes do banho das damas

3^a Parte

Fata Morgana – fotos

Vistas de Blumenau, Joinville e arredores. A marinha alemã.

2^a Parte

8. No atelier
9. Pista aquática
10. Liliputianos
11. Os rapazes Maus
12. Forte de Tugela
13. Rainha Victória da Inglaterra

assiste à Parada

14. Enfim Sós

Após as apresentações:

Danças.

Entretanto, apesar desta ser considerada a primeira exibição de Blumenau, um pouco antes, em 1 de maio de 1897, G. Koehler apresenta um fonógrafo também no Teatro *Frohsinn* (figura 4). G. Koehler retorna em 21 de abril de 1900 com um *Kinematographen*, que mostrava fotos em movimento que seguiu para Indaial onde foi exibido por Hake no dia 28 de abril (KORMANN, 1996).

Figura 4 - Teatro Frohsinn em 1900.



Fonte: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva.

O cinematógrafo “Apollo” realizou uma série de apresentações nos anos seguintes na cidade de Blumenau e arredores, em uma época na qual sociedades e salões realizavam exibições frequentemente.

Pouco se sabe a respeito do aparelho de exibição *kinematographen apollo*, entretanto, de acordo com Rossel (2000), a exibição de cinemas itinerantes se tornou popular na Alemanha e em seguida toda Europa a partir de 1896, e rapidamente as cidades começaram a organizar feiras nas quais poderiam ser adquiridos aparelhos móveis de exibição, como o *Apollo*, como a organizada na cidade de Dürkheim na Alemanha em dezembro de 1899, onde os aparelhos poderiam ser comprados ou alugados.

Um dos idealizadores de novas formas de exibição na região, Koehler nasceu em Dresden, na Alemanha em 1875. Sobrinho de Hermann Hering, resolveu imigrar para o Brasil junto à família. Já em terras brasileiras, foi redator, proprietário e sócio majoritário do jornal *Der Urwaldsbote* a partir de 1900, tendo como sócio Eugen Fouquet. Com o material tipográfico adquirido junto ao jornal, iniciou outra empresa denominada “Tipografia e Livraria Blumenauense S/A”. Ajudou a fundar o *Volksverein*, Sindicato Agrícola Blumenauense, que tinha como uma de suas finalidades, conceder empréstimos e servir de banco e poupança aos colonos. Em princípio da década de 1920 o Sindicato Agrícola empreendeu a colonização da região do Trombudo, no alto vale do Itajaí, construindo estradas e prolongando a estrada de

Trombudo até o rio Canoas. Koehler se autodeclarava contra regimes totalitários e se opunha publicamente a núcleos nazistas formados por alguns imigrantes e descendentes destes (KILIAN, 1979). Ele faleceu na cidade de Blumenau em 27 de abril de 1945, deixando a direção do *Der Urwaldsbote* para sua filha Hertha Hildebrand.

Ainda em 1900, no mês de agosto, ocorre a primeira exibição cinematográfica na cidade de Itajaí (figura 5).

Figura 5 - Anúncio da primeira exibição cinematográfica em Itajaí no Jornal O Progresso, ed. 34, 1900.



Fonte: Hemeroteca Digital Catarinense

Após este marco inicial, aparece o **Cine Busch** como o primeiro local a apresentar exibições fixas na cidade de **Blumenau** e em todo o Vale. Ele iniciou suas exibições em **1904**, ocupando o salão do **Hotel Holetz** (figura 6). **Frederico Guilherme Busch** nasceu em Santo Amaro da Imperatriz, na Grande Florianópolis, e se mudou para a cidade de Blumenau em 1888. Começou a carreira atuando como comerciante e investiu o excedente do comércio na

indústria, criando fábricas de fósforo, charutos, manteiga e banha. Para automatizar sua própria indústria, em 1905 ele instalou a primeira usina hidrelétrica da cidade e da província de Santa Catarina. Duas turbinas hidráulicas foram construídas na localidade de Gasparinho para alimentar sua empresa e o cinema. O excedente da produção de energia começou a ser comercializado por ele para os demais industriais da cidade. Ele foi também um dos gestores da Empresa Industrial Garcia, entre 1901 e 1906, a qual mais tarde se tornou a Artex. Seu filho, Frederico Guilherme Busch Júnior nasceu em 1899 e iniciou a carreira trabalhando junto a empresa do pai. Na década de 1940 foi responsável pela construção da nova edificação do Cine Busch, enfim separada das dependências do Hotel. Foi gerente do Banco Sul do Brasil, organizado por Henrique Lage (BLUMENAU EM CADERNOS, 1961) e prefeito da cidade de Blumenau nos anos de 1945 a 1961.

Figura 6 - Hotel Holetz, 1902, ano de sua inauguração.



Fonte: Colônia Blumenau no Sul do Brasil (2019).

Ainda no início do século, a “*Kinematographengesellschaft Star Corp*” fez sua primeira apresentação no Salão Holetz, propriedade de Richard Holetz. A programação anunciava a energia elétrica instalada no local, vista pela primeira vez por muitos cidadãos locais. O aparelho utilizado era um cinematógrafo *Star & Cia* trazido por João Antônio da Silva Alcântara, o aparelho era uma aplicação do fonógrafo junto ao cinematógrafo permitindo

imagem e som conforme a cena representada (KORMANN, 1996).

Em 1908 foram feitas exibições pela empresa “*Blumenau Unternehmen Gmbh.*” E divulgadas por Ernst Haertel & Cia, com o aparelho Cinemarophon, que dizia trazer o cinema falado. Pouco tempo depois foi a vez da empresa “*Julio Moura Cinematógrafo Páthé*” de realizar suas exibições na cidade, seguido pela “*Empresa Sylla Cinematógrafo Pathé*” e a “*Empresa Jullianelli*” em 1909 (KORMANN, 1996).

Em 1915 em um anúncio de sessão cinematográfica no Salão Holetz, podemos encontrar informações a respeito de filmes produzidos e distribuídos pela *Nordisk Film Fabrik* (figura 7), de origem dinamarquesa com os filmes “*Evas Tochter* (filha de eva)” e “*kriegsbilder* (fotos de guerra)”, ambos foram exibidos no idioma alemão, enquanto os filmes exibidos no anúncio de 1918 (figura 8), encontram-se em português.

Figura 7 - Anúncio da sessão de cinema no Salão Holetz, 30 de maio de 1915.



Fonte: Colônia Blumenau no sul do Brasil (2019).

Posteriormente, industrial **Frederico Guilherme Busch** também levou o cinema à **Itajaí**. A estreia do seu cinematógrafo na cidade deu-se no salão da **Sociedade Estrela do Oriente**, para cerca de oitenta espectadores no ano de **1909** (BONA, 2010). Para que as exibições cinematográficas fossem possíveis em Itajaí, Busch precisou obter energia elétrica

que era levada de seu dínamo até o edifício. Por esse feito inaugurou-se o primeiro trecho iluminado da cidade, que posteriormente, com apoio do Governo Municipal, foi ampliado para todo o âmbito urbano (LINHARES, 1997).

Figura 8 - Propaganda do Cinema Salão Holetz (Buch's Kino) no Jornal O Nacional, 1 de janeiro de 1918.

CINEMA SALÃO HOLETZ

Terça-feira, 1º de Janeiro de 1918

Brilhante e Artístico Programma!



ELZA FROEHLICH

Waldemar Psilander

Elza Froehlich

no estupendo NORDISK-FILM

O

Filho da Prisioneira

Durante a Peste

NORDISK-FILM, em 5 duplos actos.

Prot.: RITA SACHETTO.



WALDEMAR PSILANDER

Todos ao „Cinema Salão Holetz“

BANCO DO COMMERCIO DE PORTO ALEGRE

FUNDADO EM 1865

Capital: Rs. 5.000.000.000 Sede social: Porto Alegre

FILIAES:

No Grande, Pelotas, Santa Maria, Cruz Alta, Ijuí, Rio Pardo, Santa Cruz, Passo Fundo, Cachoeira, Livramento, Bagé, Taquara, São Francisco do Sul, Pelotas, Joinville, Laguna, Blumenau e Carambá.

Este Banco faz todas as operações bancárias. Tem correspondentes em todas as principais praias do Brasil e no Exterior, sobre todos os Países da Europa, América do Norte e Rio da Prata.

Recebe dinheiro em conta corrente, com retiradas livres, aviso prévio e a prazo fixo, da melhores taxas.

Faz empréstimos e descontos. Nedé-Promissórios com garantia de firmas, Paubar Mercantil e caução de títulos, compra letras, saques nacionais e estrangeiras. Encarregasse da cobrança de letras, dividendos de Bancos e Companhias, de juros de Títulos da Dívida Pública e outros quaisquer.

DEPOSITOS POPULARES

Com autorização do Governo Federal

Nesta seção o Banco recibe qualquer quantia, desde 20\$000 até 5000\$000, pagando juros de 5% a 6% anual, capitalizadas no final de cada semestre. Retiradas até 1000\$000 podem ser feitas sem aviso.

ESCRITÓRIO: RUA 15 DE NOVEMBRO.

Expediente: Das 9 às 12 e 13 às 15 horas.

Impressos

em uma ou mais cores executam-se com brevidade e nitidez, a preços modicos, na Typographia Baumgarten.

PHOTOGRAPHIAS

do Atelier de Alfredo Baumgarten.

G. Salinger & Cia

Blumenau Itoupava-secca

Filiaes:

Timbó, Benedito, Benedito-novo, Aquidabá, Ascurna, Vila, Fortaleza, Estrada dos Tirozões, Testo-Central, Testo-Rega, Hansa-Hammoula.

Importação — Exportação — Comissões

Grande sortimento de Fazendas, Ferragens, Porcellanas, Quinquilharias e generos coloniaes.

Em consequencia do grande consumo vendemos por preços muito modicos.

Compramos a preços correntes productos coloniaes de toda especie para exportação.

CASA REIS

Caixa Postal, 13 M. V. GARCÃO End. Tel. Garcia

PLAÇA VIDAL RAMOS, 23

ITAJAHY — SANTA CATHARINA

Fazendas, Armarinho Modas, Perfumarias, Confecções e Novidades.

Grande deposito de chapéos e calçados

Fonte: Hemeroteca Digital Catarinense.

Na cidade de **Brusque**, as primeiras exibições ocorreram no **Cinema Moderno** (figura 9), propriedade de **Willibaldo Stracke**. Este foi instalado em **1912** e operava películas com programação semanal no salão do *Hotel Zum Deutscher Kaiser*, propriedade de Guilherme F. Krieger. O local também abrigava as atividades dos clubes “4 de agosto”, “Liberdade” e “Sport Clube Brusquense” (BLUMENAU EM CADERNOS, 1969).

Figura 9 - Anúncio do Cinema Moderno divulgado no jornal Brusque Zeitung de 4 de janeiro de 1912.



Fonte: Hemeroteca Catarinense

Em 1914, **João Schaefer** compra o maquinário do **Cine Moderno** e o instala em salão anexo ao **Hotel Schaefer** (figura 10). Em 1915, Carlos Gracher arrenda o espaço e o batiza de **Cine Esperança**, projetando filmes ainda mudos. (BRUSQUE MEMÓRIA, 2018).

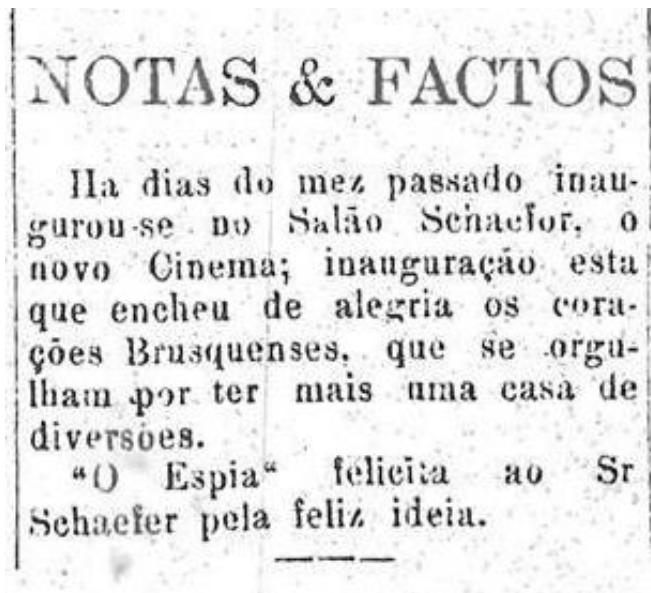
Figura 10 - Hotel Schaefer, década de 1920.



Fonte: Arquivo família Gracher.

Durante a pesquisa, foi identificada uma informação contraditória, o anúncio no Jornal “O Espia” (figura 11), consta como data de inauguração do cinema no Salão Schaefer como 1919, entretanto, em todas as demais fontes encontradas, está datado como 1914 e não foram identificados cinemas no respectivo salão de hotel na cidade de Brusque referentes ao ano de 1919.

Figura 11 - Jornal O Espia, ed. 03, 1919.



Fonte: Hemeroteca Digital Catarinense.

Filho de imigrantes alemães, Carlos Gracher nasceu no sul do estado, na cidade de Tubarão, e aos 15 anos de idade se mudou para a cidade de Brusque. Empreendedor do ramo hoteleiro e apaixonado por cinemas, foi proprietário de várias salas de exibição ao longo dos anos. Os cinemas Gracher representam o único empreendimento que logrou fazer a transição para o multiplex, ainda existindo como rede presente em diversas cidades da região. A rede ainda é de propriedade da família e conta com unidades em várias cidades de Santa Catarina e Paraná.

Carlos também foi proprietário em 1932 do Cine Guarany (GRACHER, 2005), localizado na rua Cônsul Carlos Renaux em uma edificação de um antigo convento que lhe foi dado pelo seu sogro, a qual reformou e instalou o cinema e a primeira hospedaria da cidade, onde hoje está localizado o Hotel Gracher.

Nesta fase inicial as películas também eram apresentadas por cinemas itinerantes. Os principais pioneiros dos **cinemas itinerantes** do Vale do Itajaí foram **José Julianelli e Alfredo Baumgarten**. Ambos, além de apresentarem películas, também começaram a produzir suas próprias imagens cinematográficas. Segundo Pires (2000), Baumgartem produziu alguns filmes locais como "Os atiradores de Timbó" e "Bella Aliança". Apresentavam-nas em locais como clubes de caça e tiro e casas de comércio para um grupo limitado de pessoas (PIRES, 2000).

Julianelli, nascido em 1883 na Itália, trabalhava inicialmente em um circo, que deixou

para virar cinematógrafo itinerante. Tornou-se figura popular na região por percorrer diversas cidades. Ayres Gevaerd conta na especial edição de 152 anos da cidade de Brusque (2012) que José Julianelli trazia seu cinematógrafo movido a bateria elétrica em sua caminhoneta para a cidade e realizava sessões ao ar livre e nos salões das sociedades locais. Por volta de 1909, Julianelli entrou em contato com a Pathé Frères de Paris e trouxe, do Rio de Janeiro, um cinematógrafo. A estreia do cinematógrafo foi na cidade de **Blumenau**, como uma das atrações do “**Pavilhão Recreativo**”, um circo itinerante que percorria a região e que também realizava exibições com um aparelho “Motoskop” (figura 12) e outros aparelhos, como comprova o anúncio do jornal *Blumenauer Zeitung*. Alguns anos depois, o “Pavilhão Recreativo” passou a se chamar “Circo de Variedades”.

Figura 12 - Anúncio Circo Pavilhão Recreativo, 1909.



Fonte: Hemeroteca Digital Catarinense - *Blumenauer Zeitung*.

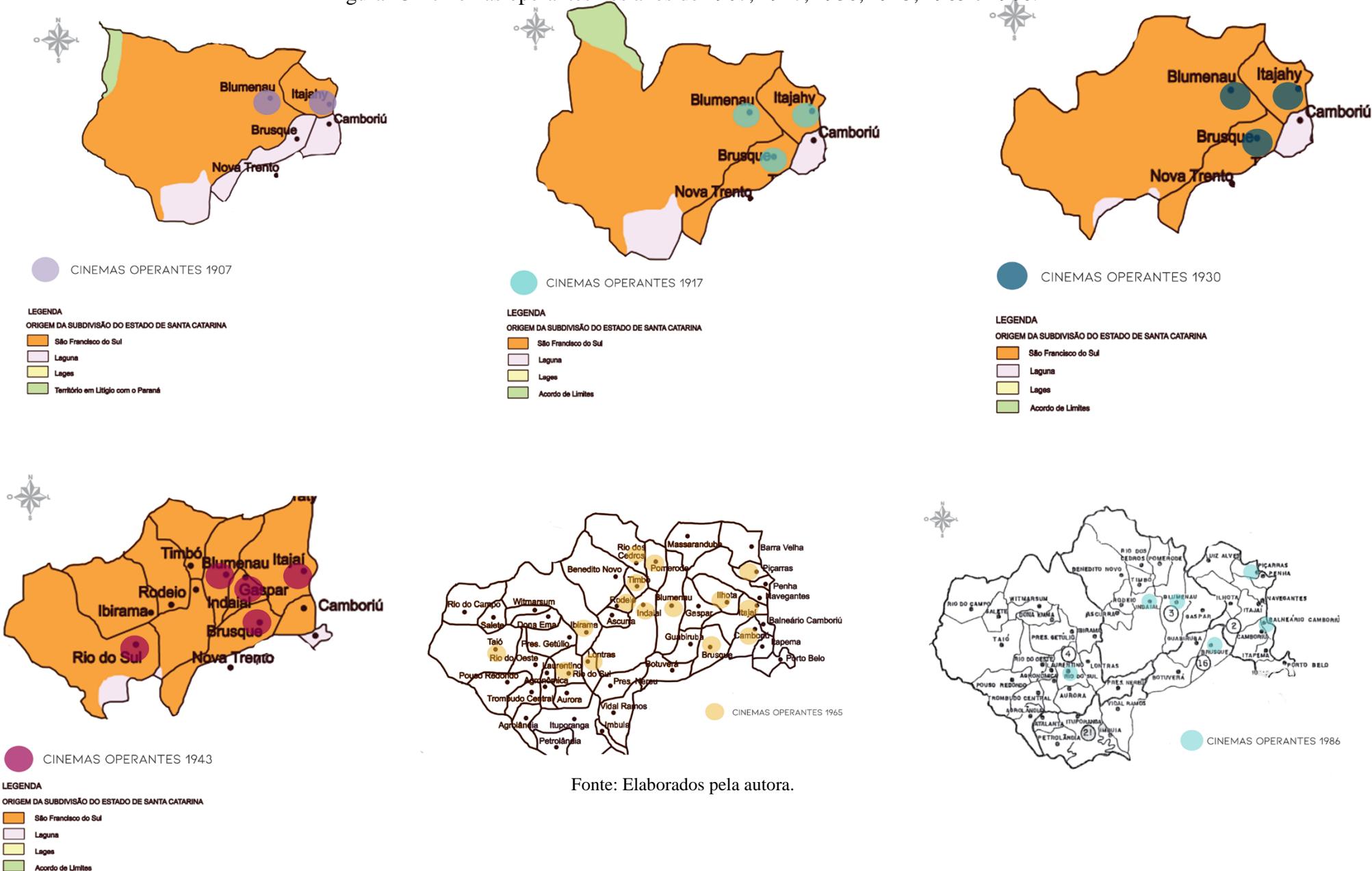
2.1.1 Descontinuidades: desenvolvimentos tardios do período

A partir de meados da década de 1930, começam a ser implantadas as primeiras grandes

salas de cinemas fixas do Vale do Itajaí, as quais se inserem no segundo período demarcado neste trabalho e serão tratadas, portanto, no capítulo 3. Entretanto, algumas cidades da região que foram desmembradas mais tarde e não eram cidades polo contaram com exibições em salões e teatros, além de exibições itinerantes e salas muito modestas em um período posterior a década de 1930. Estes cinemas merecem destaque por terem características diferenciadas. Alguns foram fruto da reutilização de películas já exibidas nas cidades polo e levadas de trem ou ônibus a cidades vizinhas para exibi-las a novos públicos, portanto, da expansão dos investimentos cinematográficos originados nas cidades de Blumenau, Itajaí e Brusque.

Com os mapas a seguir (figura 13), pode-se visualizar a evolução das salas de exibições cinematográficas junto a expansão do Vale do Itajaí e o desmembramento de municípios que aumenta com o passar das décadas.

Figura 13 - cinemas operantes nos anos de 1907, 1917, 1930, 1943, 1965 e 1986.



Cidade com cinemas tardios, os primeiros cinemas a chegarem na cidade de **Gaspar** foram os itinerantes de **José Julianelli**, seguido dos irmãos Holwarth na década de **1940**, ambos instalados no **Salão do Hotel Wehmuth**. Nesta cidade, em meados da década de **1950**, **Walter Mogk** inicia suas exibições também no **Salão do Hotel Wehmuth**, desta vez como um cinema fixo, que logo mudou-se para um salão ao lado do Café União, propriedade do Sr. Roland Schönenfelder. Walter Mogk implantou uma grande sala de cinema em Blumenau anteriormente, a qual trataremos no capítulo seguinte, entretanto, manteve filiais menores em outras cidades do Vale. É uma figura dotada de uma interessante história. Filho de alemães, nasceu no continente africano no início do século XX. Seu pai era oficial do exército e, após o fim da primeira guerra mundial, decidiu emigrar para o Brasil ao contrário de retornar ao velho continente. Ainda na região onde fica a atual Namíbia, Mogk foi aprendiz do mágico chamado Opialek. Já no Brasil, ele foi aluno do maestro Heinz Geyer e começou a construir violinos. Após algum tempo, resolveu voltar a se dedicar a mágica, e, sob codinome de “Okahandja”, viajou pelo Brasil e outros países da América Latina fazendo apresentações. Suas apresentações eram compostas também por exibições de películas cinematográficas. Ao ver o sucesso feito pelas películas, resolveu investir no ramo cinematográfico. Seu primeiro cinema foi na cidade de Curitiba, porém a sociedade para tal fim não obteve sucesso e Walter Mogk resolveu se mudar para Blumenau. Seus pais eram proprietários de um salão de Baile no atual bairro Itoupava Norte, próximo a Tecelagem do Sr. Kuenhrich. A primeira sessão aconteceu no dia 3 de setembro de 1941, apresentando o filme “O Tirano de Alcatraz”. Aproveitando-se do sucesso, ele começou a exibir seus filmes em cidades vizinhas. O filme era exibido aos domingos à tarde no Cine Mogk da Itoupava Norte, em Blumenau. Logo em seguida era despachado de ônibus ou enviado a partir de contratados para fazer o transporte para Pomerode, onde haveria sessão no período da noite. E assim, foram surgindo os vários Cine Mogk espalhados por cidades do Vale do Itajaí³.

Cidade originada pela Sociedade Colonizadora Hanseática, **Ibirama** também contou com um cinema no Alto Vale. O **Cine Teatro Ibirama**, propriedade de **Ingo Armin Boehm**, foi inaugurado em **1947**. Uma sala de cinema simples, com capacidade para 350 pessoas, consideravelmente grande para uma cidade do interior. Exibia películas 35mm 4 vezes na semana (CINE MAFALDA, 2012).

³ Arquivo Adalberto Day com participação do Escritor e Jornalista Carlos Braga Mueller, 2008. Disponível em: <<http://adalbertoday.blogspot.com/2008/08/o-cinema-em-blumenau-parte-v.html>>. Acesso em 12/03/2020.

Os dois primeiros cinemas da cidade de **Rodeio** foram inaugurados no ano de **1948**, por **Sr. Finard** que exibia películas 16mm em um anexo de seu restaurante, e seu vizinho **Sr. Rigo**, que também iniciou um cinema em seu “Rancho”. O filho de Sr. Rigo, Joaquim Rigo também chega a administrar um cinema na cidade posteriormente, localizado no Salão Paroquial de Rodeio. O último cinema da cidade foi o **Cine Rex**, localizado no Salão Paroquial Cristo Rei. As exibições eram feitas em películas 16mm até o ano de 1978, aos domingos, às 16h e 19h. A edificação do salão foi demolida em 1990.

Rio dos Cedros teve seu primeiro cinema ao fim da década de **1950** no **Salão Paroquial da Igreja Imaculada Conceição**, no Centro da cidade, onde operou até 1967. Na década de **1960**, **Amélia Nardelli Beber e Tercílio Berri** abrem um cinema com maquinário comprado de José Julianelli, que exibia películas 35mm aos sábados e domingos com filmes alugados em Curitiba. O local funcionou até o ano de 1966. Em **1969**, **Pe. Teobaldo Heck** inaugura um cinema que funcionou até a década de 1970 na paróquia local, onde exibia películas 35mm para a comunidade (BONA, 2014).

Em **1954**, **José Julianelli** também passa por **Pomerode** com seu cinema. Localizado no **Hotel Pomerode**, era concorrente de Mogk, que também exibia películas em hotéis da cidade. Segundo Baumgarten (2001, p. 111), a respeito do Cine Mogk, “Seu único concorrente era José Julianelli, cujos equipamentos eram mais precários e com quem muitas vezes tinha que disputar o mesmo espaço nas cidades vizinhas. Os poucos salões existentes eram utilizados pelos dois. Walter normalmente ganhava a concorrência de Julianelli”.

2.2 CINEMA E IMIGRAÇÃO

No período em tela, o principal nexo explicativo para compreender a existência dos espaços de exibição apresentados no capítulo anterior, é o contexto da imigração europeia para o Vale. Sem o constante intercâmbio cultural entre o continente de origem dos colonos e a região catarinense, em conjunto com questões como a proximidade com o porto e a rede urbana que ali se desenvolvia, seria inviável a rápida expansão das salas de exibição cinematográfica.

Sendo assim, em primeiro lugar, demonstraremos e discutiremos como figuras impulsionadoras do desenvolvimento regional do Vale estavam interligadas com as histórias de cinemas. Em adição, analisaremos a inserção destes espaços de cultura no contexto urbano nascente da região. Por fim, analisa-se o aspecto relacionado à migração propriamente dita, especificamente, como o cinema foi utilizado enquanto aparato de consolidação da hegemonia cultural da “comunidade alemã” nesta região brasileira. Buscamos relacionar desenvolvimento

e cultura, na esteira de Seyferth (2011), que argumenta que as teorias da migração nem sempre contemplam a dimensão cultural. Da mesma forma, embora a questão da etnicidade seja uma marca reconhecida da imigração no contexto do Vale do Itajaí, os âmbitos econômico e tecnológico são mais presentes nas abordagens sobre o intercâmbio entre Brasil e Alemanha na passagem do século XIX para o XX, do que o aspecto cultural.

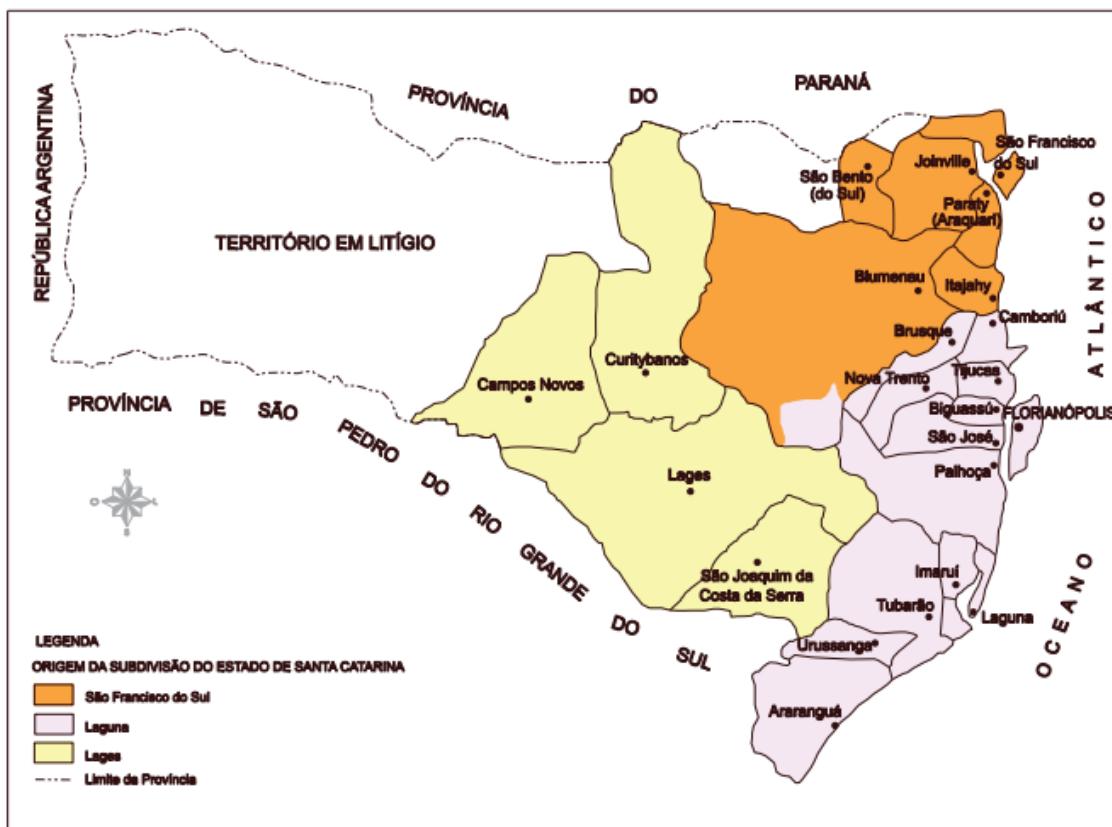
2.2.1 Colonização, técnica e urbanidade

A colonização do Vale do Itajaí tem início com a fundação da Colônia Blumenau, por Hermann Blumenau, em 1850, no contexto da abertura para as iniciativas particulares de colonização. As iniciativas particulares consistiam na possibilidade de empresas de colonização receberem por compra ou concessão terras devolutas e vendê-las em lotes para imigrantes. Foi o que fez Hermann Blumenau, em associação com um comerciante alemão estabelecido em Desterro (SEYFERTH, 2011).

Em 1842, ainda na Alemanha, Dr. Blumenau foi convidado para participar como sócio da fábrica de produtos químicos que Hermann Trommsdorf instalara em Erfurt. Na casa da família Trommsdorf, Blumenau conheceu e travou relações com o sábio Alexander von Humboldt e com o célebre naturalista Dr. Fritz Mueller, que, como ele, tinham pendor com a botânica e ciências naturais. O convívio com Humboldt, o viajante, e Fritz Mueller, o observador, despertaram em Blumenau ideias de emigrar para o Brasil (KORMANN, 1996, p.13). Em 1846, após colar grau como Doutor em Filosofia, foi contratado pela “Sociedade de Proteção aos Emigrados Alemães”, e embarca para a América do Sul.

Esta colônia chegou a confrontar limites com os municípios de Lages e Curitibanos, da qual anos depois foram se desmembrando novos núcleos (Figura 14).

Figura 14 - Divisão político-administrativa de Santa Catarina no período imperial, 1889.

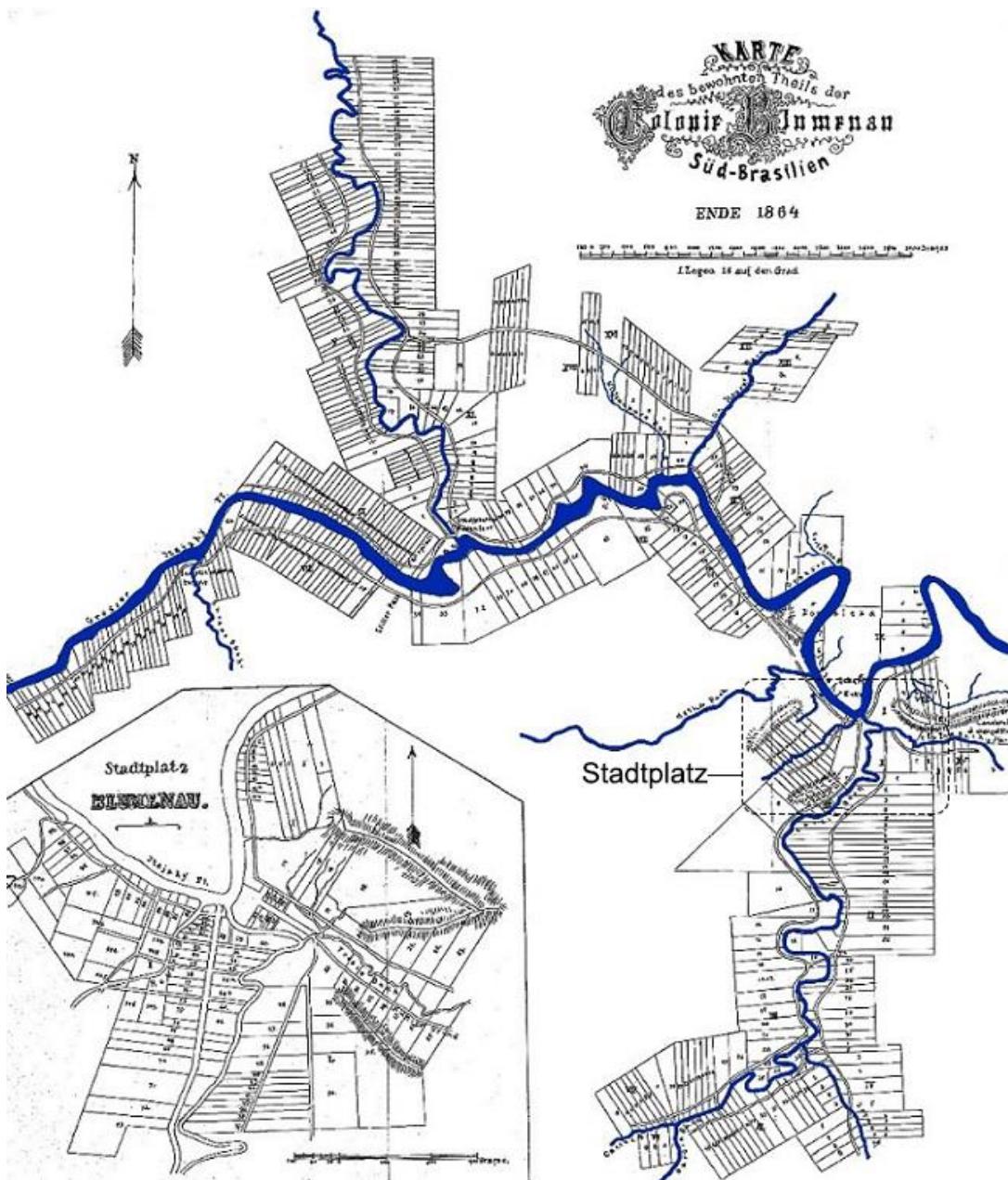


Fonte: Atlas Geográfico de Santa Catarina, 2016.

Blumenau, assim como outras cidades de imigração alemã, encontra-se desenvolvida ao longo dos caminhos e cursos d'água, formada por lotes estreitos e alongados, com casas e ranchos na testada (MARIA; VIEIRA, 2011). Os espaços urbanos das colônias eram denominados de *Stadtplatz* (figura 15). Surgiram em lugares específicos para sediar a administração de cada núcleo colonial, mas desenvolveram um caráter notadamente comercial, e abrigaram as primeiras iniciativas de exibição cinematográfica do Vale (SEYFERTH, 2011).

As *Stadtplatz* era onde hoje encontramos os centros e bairros próximos aos núcleos centrais das principais cidades do Vale do Itajaí. Como podemos ver no mapa da figura abaixo, a *Stadtplatz* de Blumenau ficava localizada onde hoje são os bairros Centro, Jardim Blumenau, Bom Retiro, início do bairro Garcia e Vorstadt. Sendo que destes bairros, Centro e Garcia foram os primeiros a contar com salas de exibição cinematográfica, não somente pela localização centralizada, mas por também ficarem próximos das primeiras indústrias da cidade e ambientes de lazer.

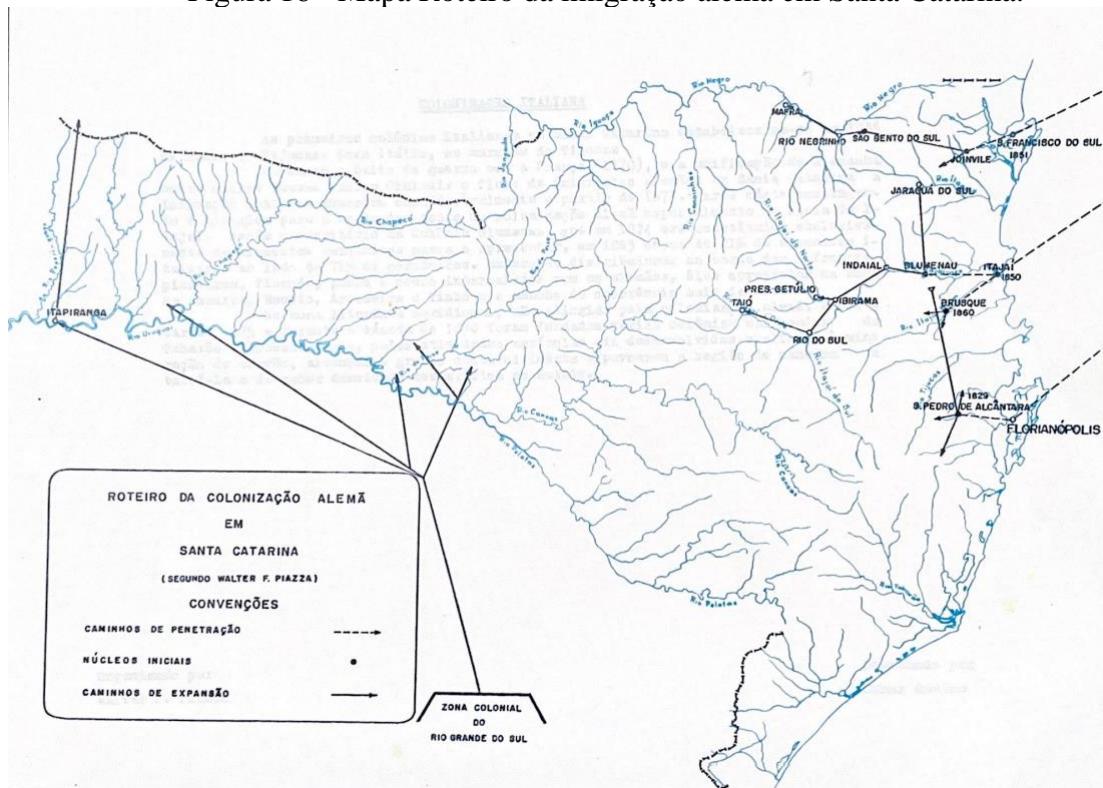
Figura 15 - Mapa da colônia Blumenau.



Fonte: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva, editado pela autora.

Os primeiros imigrantes europeus, notadamente alemães e italianos, chegaram ao Vale do Itajaí em meados do século XIX. Inicialmente atracaram em Desterro, na atual região da Grande Florianópolis, e, em seguida, desbravaram os vales atlânticos, formando colônias (figura 16).

Figura 16 - Mapa Roteiro da imigração alemã em Santa Catarina.



Fonte: Atlas Geográfico de Santa Catarina, 1958.

Diferentemente dos casos do Paraná e do Rio Grande do Sul, o governo brasileiro, embora tivesse interesse em colonizar as terras catarinenses, acabou designando esta função às empresas colonizadoras, segundo Waibel (1979). Ainda de acordo com o autor:

[...] a colonização oficial pela Província e depois Estado de Santa Catarina teve pouco êxito. O governo federal, por sua vez, não estava muito interessado na colonização deste pequeno estado. Assim, as companhias particulares de colonização tomaram a si o encargo e colonizaram as áreas florestais do estado, de maneira muito efetiva (WAIBEL, 1979, p. 236).

A combinação de terras produtivas e imigrantes com alto nível de conhecimento era o que as empresas colonizadoras desejavam (LUCKTENBERG, 2004). O processo de colonização do sul do Brasil foi baseado na pequena propriedade, ou seja, segundo Waibel (1979), o tamanho médio de uma propriedade de um colono era de 25 a 30 hectares. Este foi um dos motivos que influenciaram os colonos a desenvolverem atividades que dependessem menos da produção unicamente agrícola, dentre elas, a atividade manufatureira.

A urbanidade e a ruralidade se entrelaçam no Vale do Itajaí, configurando um cenário único. Ao mesmo tempo em que a região de caráter remoto recém povoada era um cenário rural,

os imigrantes, principalmente originários de povos germânicos, que aqui vieram a fazer parte das novas colônias, contavam com técnicas e ofícios particulares de uma sociedade em transição ao urbano, como era a Alemanha ainda não unificada do fim do século XIX.

No século XIX o continente europeu, e a Alemanha em especial, vive o auge da transição para a modernidade capitalista, em termos de realizações na esfera industrial e urbana. Os imigrantes do Vale do Itajaí vindos principalmente do atual território da Alemanha -- a qual até a unificação, em 1871, era composta por cidades-estados -- não eram agricultores. Em sua origem, majoritariamente praticavam pequenos ofícios como oleiros, técnicos industriais, comerciantes, artesãos têxteis e perderam lugar em decorrência da revolução industrial (SANTOS, 2005).

Ainda durante o século XIX, a Alemanha assumiu a vanguarda da Segunda Revolução Industrial, a partir de investimentos em ciência e tecnologia, como os vistos por Blumenau em Erfurt. Segundo Hobsbawm (1992), os países em processos de industrialização mais rápidos eram também os que mais exportavam pessoas. Estas pessoas imigravam sobretudo por razões econômicas, mas também por motivos de perseguição política. Sociedades benéficas e sindicatos trabalhavam para arrumar subsídio para emigração como um meio prático de lidar com o pauperismo do campo e o desemprego da cidade.

Neste período, temos a intensa relação entre o setor industrial mundial, que expandiu por meio de uma contínua revolução da produção, e a produção agrícola mundial, que cresceu principalmente devido à abertura, em ritmo descontínuo, de novas zonas geográficas de produção, ou zonas recentemente especializadas em cultivos de exportação. Esses países agora formavam uma massa produtiva enorme, crescendo e se estendendo (HOBBSBAWN, 1992).

Se levarmos em consideração as análises de Milton Santos a respeito das influências da técnica na criação e metamorfose dos espaços, essa transição dos modos de produção influencia diretamente nos imigrantes que no Vale desembarcaram para formar a Colônia Blumenau. As porções de território ocupadas pelo homem vão desigualmente mudando de natureza e de composição, exigindo uma nova definição. As noções de espaço habitado como de terra habitada vão brutalmente alterando-se depois da Revolução Industrial e especialmente após os anos 1850. O fenômeno humano é dinâmico e uma das formas de revelação desse dinamismo está, exatamente, na transformação qualitativa e quantitativa do espaço habitado (SANTOS, 1988).

A maioria dos imigrantes que aqui desembarcou se viram obrigados a iniciar atividades agrícolas por conta das leis do governo imperial para concessão de terras. Os ofícios da agricultura e os costumes dos luso-brasileiros, ainda associados ao modo de produção feudal,

já não eram mais tão presentes no continente de onde partiram. O Brasil não lhes oferecia campo de trabalho compatível com suas habilidades, com exceção das grandes cidades, que ficavam muito distantes das novas colônias europeias de Santa Catarina, que não contavam com infraestrutura adequada para chegada destes imigrantes.

Com o desenvolvimento urbano das localidades do Vale do Itajaí, estes imigrantes tiveram a oportunidade de voltar a trabalhar com seus reais ofícios. Estes projetos comerciais e industriais se tornaram extremamente prósperos na região de Blumenau, que passou a ser uma das principais regiões econômicas de Santa Catarina por sua iniciativa tecnológica, aderindo, enfim, ao modo de produção capitalista. (MAMIGONIAN, 1965). Com esse caráter urbano e técnico da imigração, junto ao incentivo à cultura como forma de adaptação às novas terras, foram criadas as condições para a vinda do cinema para a região 5 anos após sua invenção em 1895.

Apesar de outras regiões do estado e do país contarem com a imigração alemã, o Vale do Itajaí se destacou pelo contato direto com o continente europeu, já que se configurou como uma espécie de zona econômica autônoma pelo fato de o estado de Santa Catarina, naquele momento, não apresentar um centro econômico hegemônico (PELUSO Jr., 1991). O Vale do Itajaí sempre contou com caminhos que ligavam desde o alto vale a foz do rio Itajaí, facilitando a comunicação com o exterior através do porto (SIEBERT, 1996)⁴.

Entretanto, Seyferth (2011) argumenta que o empreendimento específico da Colônia Blumenau enfrentou muitas dificuldades, pois era necessário um fluxo muito intenso de imigrantes para cobrir as despesas de estruturação territorial, sendo que Blumenau não conseguiu atrair o número necessário de compatriotas:

A iniciativa não fracassou porque o governo imperial assumiu a colonização em 1860, ano em que foi fundada outra “colônia alemã”, oficial, no Itajaímirim – Brusque. Transformado em região de colonização oficial, o médio Vale do Itajaí passou a ser o destino de imigrantes alemães atraídos pelos subsídios, via agenciadores a serviço do governo imperial. Isso mudou o perfil do colono, pois, a partir de 1875, começaram a chegar imigrantes de outras origens nacionais, notadamente italianos e poloneses. O que antes era

⁴ À formação de pequenas regiões urbanas independentes e a ausência de uma metrópole estadual, soma-se os efeitos da disposição da Serra do Mar e Geral no Brasil meridional, que representam uma das principais particularidades fisiográficas do território catarinense. No estado de Santa Catarina, a Serra do Mar apresenta-se isolada no nordeste catarinense, em reduzido trecho. A Serra Geral configura-se como elemento delimitador preponderante entre a “Região do Planalto” e a “Região do Litoral e Encostas” (PELUSO JÚNIOR, 1991a). “A Serra do Mar e Geral estão conjuminadas distantes da linha de costa, moldando a divisão espacial em duas grandes regiões distintas, que resultaram regiões independentes, sem a presença de um centro urbano estadual polarizador com suas diversas zonas urbanas independentes, verdadeiras ilhas econômicas “voltadas para o exterior” (PELUSO JR, 1979, p. 111).

um projeto de nova *Heimat* para alemães protestantes, criticado com veemência pela igreja católica, agora recebia não só alemães católicos, mas também gente de outras nacionalidades. Manteve-se, porém, o epíteto de “colônias alemãs” para os principais núcleos coloniais, até porque a maioria da população, na virada do século XX, era de origem germânica (...). A notoriedade do Vale do Itajaí como lugar de “colonização alemã” deve-se, em grande parte, à atuação de Hermann Blumenau e aos viajantes e outros personagens – aí incluídos os imigrantes “temporários” que retornaram, caso dos Stutzer – que ajudaram a criar a imagem de um lugar balizado pelos valores da germanidade (*Deutschtum*). (SYEFERTH, 2011, p. 50).

Nota-se, portanto, que o discurso de caráter étnico relacionado ao “trabalho alemão”, não deve ser romantizado. A imigração alemã no sul do Brasil e suas características foram fruto de uma série de fatores, dentre eles as condições prévias destes imigrantes e suas características mais urbanas, mas que esta mesma crescente urbanidade dos povos germânicos ainda não unificados no século XVIII, também estabeleceram condições de vida desfavoráveis na Europa, e que influenciaram na vinda dessas pessoas para o Brasil em busca de novas oportunidades. O termo “Trabalho Alemão” foi utilizado por Seyferth (1994) para designar as características atreladas comumente ao colono de origem alemã no sul do Brasil, quando o senso comum as aborda como fatores de superioridade. Segundo a autora:

“A figura "heroica" que emerge desse tipo de argumento é a do colono pioneiro, que transformou a selva brasileira em civilização, apesar de todas as dificuldades e da omissão do Estado. Aliás, nos relatos de trajetórias bem-sucedidas (inclusive de empresários e políticos que nunca trabalharam na terra) o ponto de partida é quase sempre o colono na selva, o pioneiro!” (1994, p.5)

Hall (2006, p.34) recorda a citação de Karl Marx, “homens (sic) fazem história, mas apenas sob as condições que lhes são dadas”, trazendo o fato de que os indivíduos não poderiam ser autores ou agentes da própria história, pois dependem das condições materiais e culturais de onde foram criados.”

A maioria dos alemães que emigraram para o Brasil pertencia às classes sociais urbanas menos favorecidas, sendo a condição de classe uma das razões para deixarem o país em busca de novas oportunidades em um novo continente. Quase todas as colônias germânicas do Sul receberam professores, técnicos, músicos e refugiados por razões políticas após a revolução de 1848. Dentre estes imigrantes, muitos tiveram atuação importante na divulgação da cultura alemã e na política local. Conforme Aronson (1976) estes imigrantes exerceram o papel de “empresários técnicos” e participaram formulando, divulgando e constantemente reinventando a ideia básica da ideologia étnica teuto-brasileira: a *Deutschtum* (germanidade).

Essa cultura de origem dos colonos era ainda mais acentuada pelo isolamento dos núcleos coloniais e a falta de infraestrutura local para intercâmbios com as demais regiões catarinenses. Cabe aqui o conceito weberiano de comunidade étnica, com ênfase nas noções de *Stammverwandschaft* (parentesco racial) e *Gemeinsamkeitgefühl* (sentimento comunitário) que nutrem a "honra étnica" (WEBER, 1971) e que fomentaram a ideia de uma "comunidade imaginada" (ANDERSON, 2008) alemã em pleno solo brasileiro. Este relaciona-se a um sentimento de comunidade e solidariedade baseado numa ideia de história comum, uma cultura comum, a partir das quais são constituídos os símbolos étnicos, representados em grande parte pela natureza etnocêntrica (SEYFERTH, 1994). O elemento mais concreto dessa etnicidade tão presente, é o sentido de comunidade baseado na história comum da colonização, desde o estilo arquitetônico adotado nas cidades e no meio rural, a organização do espaço, os hábitos alimentares, a divisão do trabalho, costumes relacionados ao casamento, dote e herança.

Já no fim do século XIX, essa característica nacionalista ligada a identidade alemã, e não brasileira, fortalecia as ligações com ligas pangermânicas e, posteriormente, iniciativas de apoio aos governos nazista e fascista instaurados em países da Europa. É também a base utilizada pelo apelo turístico ligado à cidade de Blumenau na contemporaneidade. Entretanto, inicialmente foi utilizada como forma de propaganda da colônia para atrair imigrantes e, também, como estratégia para criação de um contexto de ligação com o continente de origem destes imigrantes, fomentando uma "comunidade imaginada" entre as terras brasileiras e as europeias, facilitando a ideia de criação de um pertencimento a estas novas terras.

Portanto, estes povos germânicos, de origem ainda não unificada quando aqui desembarcaram, que no Vale do Itajaí fixaram residência e aderiram a *Deutschtum* (germanidade), não tinham a identidade alemã instaurada no seu modo cultural quando ainda na Europa, eles adquiriram características de uma comunidade imaginada alemã já em solo brasileiro, assimilando características étnicas alemãs para criar um sentido de pertencimento a uma comunidade, mesmo que ela não brasileira.

2.2.2 Comunidades imaginadas

A questão cultural em comum dos povos germânicos, principalmente a língua falada mesmo que com sua diversidade em dialetos, mantinha pontes entre a cultura europeia e seus colonos residentes no Brasil, o que resultou em diversos meios de comunicação e ensino com bases nessa etnia. A ligação que a língua alemã, criava, assim como dito por Seyferth (2011), quando cita a questão de subsistema cultural formado pela germanidade desses povos, mesmo

que não homogeneamente alemães, porém com características germânicas em comum, uma hegemonia germânica no Vale do Itajaí. Essa hegemonia, abre caminho para a personificação das “comunidades imaginadas”.

A ideia nacionalista é apresentada por Benedict Anderson (2008), como uma “comunidade política imaginada”. A questão nacionalista surgiu, de acordo com Anderson, a partir do momento em que as culturas fundamentais antigas (religião, monarquias...) perderam o domínio sobre a mentalidade dos homens, determinadas primeiramente a partir da língua escrita. Com a convergência do capitalismo e da tecnologia de imprensa, a comunidade imaginária montou o cenário ideal para a nação moderna.

Anderson (2008) apresenta a ideia de como a língua escrita incita o leitor a pensar uma comunidade imaginária que conecta várias pessoas que estão envolvidas em uma mesma leitura, criando vínculos entre eles. Ao abordar esta teoria de Anderson em relação aos cinemas, uma recepção conjunta em massa enquanto exibição de um filme, cria conexões, as “comunidades imaginadas”. Os cinejornais, tão utilizados como propaganda política, podem ser considerados herdeiros da missão de transportarem a mesma estrutura do jornal impresso para a criação de imagens em movimentos colocadas a serviço da consolidação de novas comunidades.

Apesar de residirem há décadas em solo brasileiro, os imigrantes alemães continuavam com sua “cultura própria”, lembrando que os imigrantes principalmente italianos e alemães que em solo brasileiro desembarcaram na época, vieram de países ainda não unificados, portanto estes povos tinham características em comum, porém culturas ainda distintas. Patrícia Fachin (2008), em seu trabalho a respeito de como a questão cultural da “hegemonia alemã”, levanta a hipótese de que esta hegemonia acabou silenciando e subjugando outras culturas germânicas distintas de colônias no sul do Brasil, dentre eles os povos Pomeranos. Segundo ela, “O modo de ser alemão socialmente aceito pelo imaginário coletivo como modo superior influenciou muito as perspectivas pomeranas no Sul do Brasil” (2008, p.1). Essa característica foi uma influência direta do que acontecia na própria Alemanha entre o fim do século XIX e início do século XX, a ideia de criar um pertencimento “nacionalista”, movimento que foi visto em diversos países do globo, e que também tomou forma no Brasil com a Era Vargas.

Ainda no cenário alemão, os dialetos que eram a língua de cada povo individualmente, e que seguiram estes colonos ao Brasil, foram progressivamente substituídos pelo *Hochdeutsch*, atual língua oficial falada e escrita na Alemanha, e aos poucos adotada também pelos imigrantes alemães no Brasil e seus descendentes que ainda mantinham contato com a terra natal. Segundo Anderson (2008), a língua escrita é o primeiro passo da sociedade para se criar uma ideia de “nação”, ela é uma verdade ontológica indissociável, por isso, para os países unificados criarem

um nacionalismo, o primeiro passo era a unificação da língua falada e escrita.

Segundo Seyferth (2011, p. 51), "Cultura e etnicidade estão entrelaçados, o que põe em evidência a diferença (em relação aos “outros”) e o embasamento da identidade.". Para esta autora, na prática, a característica preponderante para qualificar esta germanidade seria o uso comum da língua.

Essas etnicidades foram permanentemente enfatizadas por publicações periódicas que ocorriam majoritariamente em língua alemã no Vale do Itajaí - jornais, almanaques, textos e até uma literatura teuto-brasileira - produzidas entre 1852 e 1939 por membros da comunidade influentes nas escolas, associações culturais e na política local.

Os arquivos do Vale do Itajaí ao longo dos séculos tentam passar uma ideia de cultura europeia, o Vale do Itajaí como a Europa dentro do Brasil. Ao pesquisar sobre a cultura negra ou outras culturas migrantes ao início até meados do século XX, pouco se encontra. A jornalista Magali Moser (2006), disserta a respeito da participação da imprensa na imposição da cultura germânica em Blumenau e no vale. Não foram encontrados registros em relação a distinção entre negros e outras etnias em sessões de cinemas, somente a diversidade de sessões voltadas a públicos distintos, como abordaremos mais a frente neste trabalho.

Em Blumenau, os primeiros jornais surgiram após a emancipação da Colônia homônima, em 1880. No dia 1º de janeiro de 1881 nasce o *Blumenauer Zeitung* (Figura 17), que só deixou de circular no ano de 1938. Em 1891, inicia-se o jornal *Imigrant* e em 1893 o conhecido *Der Urwaalsbote*, que deixou de circular em 1941. Todos os três jornais tinham em comum o fato de serem publicados em língua alemã, sendo que o *Der Urwaalsbote* só aparecia em português no seu último ano de circulação.

Anderson (2008) salienta como os jornais impressos foram a primeira mercadoria de produção em série, datada de 1500. Os periódicos anteriores aos cinemas tinham a capacidade de criar um imaginário coletivo em certo período que viesse a abranger uma grande quantidade de pessoas, criando a primeira noção de “comunidade imaginada”, que inicia a criação de uma “identidade comum”.

Sabemos que as edições matutinas e vespertinas vão ser maciçamente consumidas entre esta e àquela hora, apenas neste, e não naquele dia. (Compare-se com o açúcar, que é usado num fluxo contínuo e sem controle de horário; ele pode impedir, mas não perde a validade.) O significado dessa cerimônia de massa - Hegel observou que os jornais são, para o homem moderno, um substituto das orações matinais- é paradoxal. Ela é realizada no silêncio da privacidade, nos escaninhos do cérebro. E, no entanto, cada participante dessa cerimônia tem clara consciência de que ela está sendo repetida simultaneamente por milhares (ou milhões) de pessoas cuja existência lhe é indubitável,

mas cuja identidade lhe é totalmente desconhecida. Além disso, essa cerimônia é incessantemente repetida a intervalos diários, ou duas vezes por dia, ao longo de todo o calendário (ANDERSON, 2008, p. 68).

Figura 17 - Capa de uma edição do *Blumenauer Zeitung*, 1891.



Fonte: Hemeroteca Catarinense. Disponível em: <<http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/cidades/blumenau.html>>
Acesso em 10 de março de 2017.

O primeiro jornal em português editado no Vale do Itajaí surge em 1924, e mesmo após os anos 1930 alguns continuam circulando clandestinamente em alemão. A partir da Revolução de 1930, o Vale do Itajaí foi obrigado a renunciar a toda sua rede de comunicação em língua estrangeira. Até então, o governo nacional pouco se preocupava com a germanidade do Vale do Itajaí; depois, o discurso assimilacionista tornou-se mais forte. A língua portuguesa só começou a ser utilizada como língua oficial nas colônias da região a partir da Revolução de

1930, em decorrência da primeira guerra mundial e as tentativas do governo de criar uma identidade patriota aos brasileiros. A partir de 1939, radicalizou-se: todas as publicações em língua estrangeira foram proibidas - o que representou um golpe irreversível na imprensa teuto-brasileira; foi reprimido o uso cotidiano da língua alemã (inclusive nos cultos religiosos); fecharam-se as instituições e associações comunitárias, recreativas e culturais [...]. (MAUCH; VASCONSELOS, 1994. p.21).

Falar uma língua não significa apenas expressar nossos pensamentos mais interiores e originais; significa também ativar a imensa gama de significados que já são embutidos em nossa língua e em nossos sistemas culturais (HALL, 2006, p.40).

Como representado nas películas filmadas pela UFA nas colônias, havia a prevalência de dialetos, que eram ensinados pelas famílias aos seus filhos mesmo quando as escolas em sua maioria já ensinavam o português. Em 1904, havia 120 escolas alemãs no Vale do Itajaí, sendo somente 4 destas instauradas pelo governo estadual (MAUCH; VASCONSELOS, 1994). Essas escolas criadas pelos colonos que lecionavam alemão, foram resultado da escassez de escolas públicas estatais para suprir a demanda de ensino às crianças das colônias.

Levando em consideração todas estas influências étnicas tanto na língua falada quanto escrita na região, com os filmes também não foi diferente, a preferência por filmes estrangeiros de origem europeia era notável nas primeiras décadas do século XX e será explicada e representada mais a frente neste trabalho.

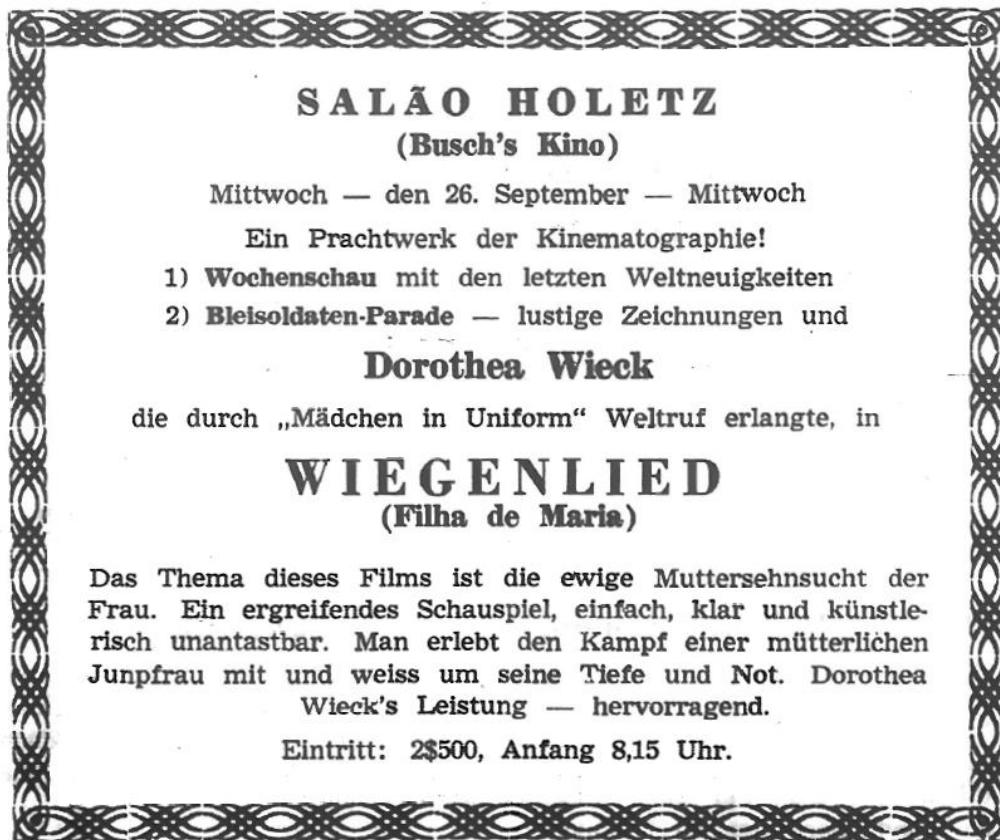
2.2.2.1 *Cinema, imagens e disputas*

Seyferth (2011) destaca em sua obra a presença das diversas associações recreativas e culturais instaladas no Vale, e que estavam ideologicamente vinculadas ao nacionalismo alemão. "Espaços de convivência, lugares da sociabilidade, eram imaginados como expressão do 'espírito (associativo) germânico'." (SEYFERTH, 2011, p. 54). Ainda segundo a autora, estas estavam presentes desde os centros urbanos até as linhas coloniais. Tinham um perfil aparente de associações recreativas ou esportivas, como clubes de tiro e ginástica, mas nelas eram realizadas apresentações culturais: "representações teatrais, sessões de música e outras atividades relacionadas com a noção de *Kultur* numa contextualização germânica que valorizava a 'consciência' linguística e o *Deutschtum* (germanidade)." (SEYFERTH, 2011, p. 55). Essa sociabilidade urbana criada pelo imaginário da população em décadas seguintes, deu origem aos *Footings*, diretamente ligados aos horários das sessões dos cinemas, os quais

discutiremos mais à frente, característica própria do meio urbano moderno.

Por este motivo, os filmes exibidos no Vale do Itajaí eram predominantemente alemães (figura 18). Mesmo após o cinema sonoro, eram exibidos sem legenda ou dublagem. Neste período de gênese, o cinema se afirma como um componente importante para afirmação dessa "germanidade" e fortalecendo a ideia de "comunidade imaginada".

Figura 18 - Anúncio de cinema no jornal *Der Urwaldsbote*



Fonte: *Der Urwaldsbote*, 3 de agosto de 1958 – Hemeroteca Digital Catarinense.

Tradução:

SALÃO HOLETZ
CINE BUSCH
QUARTA-FEIRA – 26 DE SETEMBRO
Um magnífico trabalho da Cinematografia
1) Cinejornal com as últimas notícias do mundo
2) Parada dos soldados – belíssimas imagens e
Dorothea Wiech
Que por “garota de uniforme” ganhou fama mundial em

FILHA DE MARIA

O tema deste filme é o anseio de uma mulher pela maternidade. Um espetáculo emocionante, claro e impecável. A experiência de luta de uma donzela pela profundidade e necessidade da maternidade. O desempenho de Dorothea Wiech – formidável.

Entrada: 2\$500, Começo às 8:15.

Para compreender estes intercâmbios e mudanças na programação de cinema do Vale, é útil perpassar o cenário alemão. Há registros de que pouco antes da primeira exibição do cinematógrafo dos irmãos Lumière na França, os irmãos Max e Emil Skladanowsky exibiram em novembro de 1895 a um público seletivo as primeiras cenas curtas filmadas por eles mesmos na Alemanha. O aparelho utilizado pelos irmãos Skladanowsky, era, porém, diferente dos franceses. Chamado de Bioscopo, ele consistia em uma sequência de fotos que quando exibida criava a sensação de movimento. Ainda na Alemanha, após 1920, o cinema se tornou cada vez mais popular, chegando a ter mais de 5 mil casas de exibição “*kintopp*”, como era chamado em 1920 (RICHTER, 2015).

Na Alemanha, o cinema surgiu como uma indústria paradigma da modernidade, exercendo força política e econômica durante o crescimento da sociedade. Por volta de 1900, a maioria dos projetistas alemães eram itinerantes e considerados comerciantes de espetáculos, assim como circos. A partir de 1905 surgem os cinemas fixos, tornando-se cada vez mais elegantes. Após 1910, os pequenos distribuidores independentes se tornaram a força dominante.

Em 1911, os filmes narrativos longos (45-50min) já eram comuns, atraindo maior público e dobrando o número de distribuições, provocando um boom na indústria cinematográfica. Nesta época, somente de 10% a 20% dos filmes exibidos eram produções alemãs, muitas películas eram importadas da França, Estados Unidos, Itália e Dinamarca.

Com a primeira guerra mundial, o cenário mudou e os filmes Norte Americanos se tornaram as principais opções com o recuo do setor exibidor europeu. Nesta época, o cinema alemão ganhou força como propaganda de Estado, propagando a ideia do colonialismo alemão (SILBERMAN, 2007). De acordo com Benjamin (1955, p.194) a respeito da utilização do cinema como propaganda de guerra “(...) a reprodução em massa corresponde de perto à reprodução das massas”. Em 1917 é formada a *Universum-Film Aktiengesellschaft*, a UFA, primeira corporação de cinema totalmente integrada da Alemanha. Ao longo dos anos 1920, a indústria cinematográfica alemã se torna a principal competidora do cinema Hollywoodiano.

No ano de 1925, foi firmado um acordo entre UFA e MGM, o Acordo Parufamet, ele proporcionava a companhia alemã um capital de investimento e permitia a distribuição dos filmes norte americanos em terras germânicas. No ano de 1927 é iniciada a era dos filmes

sonoros no EUA pela Warner Bros, a indústria cinematográfica alemã encontrava-se atrasada em relação a isso, a primeira exibição sonora da UFA ocorreu somente em 1929, sendo o primeiro filme falado e sonoro 100% em alemão (SILBERMAN, 2007).

Entre 1934 e 1941, a produtora cinematográfica alemã UFA, *Universum Film A.G*, que foi adquirida em 1927 pelo partido nazista, veio ao Brasil gravar películas mostrando o dia a dia dos imigrantes alemães no sul do país (BLANK, 2008). O intuito era criar uma “comunidade imaginada transnacional” que instigaria uma ligação de mão dupla entre o colono da comunidade alemã residente no Brasil e o alemão em sua terra natal a identificarem características que fossem comuns a ambos, mostrando como o imigrante trabalhava na terra, desbravava as matas para criar animais e ter plantações e toda a utopia da vida digna de um alemão.

Em 1936, uma dessas filmagens executadas pela UFA foi feita em Blumenau, mostrando as escolas dos colonos alemães e a chegada de navios ao porto da cidade sendo recepcionados pela saudação nazista. Estes cinejornais foram encerrados assim que o Brasil se aliou aos Estados Unidos na Segunda Guerra Mundial, porém eles atingiram seu objetivo da época de consolidar os vínculos transnacionais.

Os meios de comunicação, principalmente os jornais impressos e posteriormente os cinemas, se mostraram grandes difusores das “comunidades imaginadas”. Ao analisarmos a dimensão cultural da imigração pelo viés de Seyferth (2011, p. 48), a autora enfatiza que:

O período histórico, portanto, é o da “grande imigração” e da instauração da República de 1889, que põe em evidência a formação do Estado nacional permeada por um sistema mundial produzido, entre outras coisas, pela expansão do colonialismo e do capitalismo, e pela emigração em massa de europeus (SEYFERTH, 2011, P.48).

Assim, destaca a circulação intensa de viajantes, geógrafos e outros cientistas pelo Vale do Itajaí como vetor de espalhamento de ideias relacionadas ao nacionalismo alemão, que conformaram o que se tem denominado de germanidade. As imagens fílmicas exibidas neste território a partir de 1900 também podem ser abordadas sobre este prisma. Ou seja, para além de contribuírem com a formação desta identidade por serem notadamente exibidos em língua alemã, por seu conteúdo, podem ser considerados propaganda do Estado Alemão. A análise da programação dos filmes exibidos no período é bastante reveladora.

No Vale do Itajaí, o cinema não existia ainda em meados do século XIX quando a maior parte dos colonos vieram para terras brasileiras, mas já no início do século XX, as películas cinematográficas vindas do continente europeu, mesmo ainda não sonoras, foram um meio de

conexão dos imigrantes com a terra natal. Estes filmes, ainda de curta duração quando anteriores a década de 1920, continham imagens da Europa, além de servir como noticiário dos acontecimentos recentes. É possível dividir o modo como ocorriam as exibições e suas respectivas programações em fases para melhor compreender o caráter influenciador do cinema no cotidiano da população.

Durante uma primeira fase, entre 1900 a década de 1920, os cinemas tinham um caráter mais informativo, com notícias do Brasil e do exterior. Os filmes exibidos, ainda mudos, eram na maioria das vezes filmagens de paisagens e apresentações divididas em peças, como podemos ver no cartaz da primeira exibição cinematográfica no Vale, que aconteceu no ano de 1900. Nesta primeira exibição, em Blumenau, tanto o anúncio da exibição quanto toda programação eram feitas no idioma alemão.

Uma segunda fase, a partir do fim da década de 1920, já engloba filmes sonoros. Trata-se de filmes em sua maioria europeus e nacionais.

“Enquanto a Western Electric tentou impor restrições e exigências aos seus clientes brasileiros, buscando moldar o mercado exibidor ao seu padrão de preço e qualidade, as empresas brasileiras se adaptaram às demandas do mercado nacional, tentando atender às necessidades dos exibidores locais em termos de custo, condições de pagamento, assistência técnica e facilidade das instalações. Foi nesse contexto que surgiu a primeira empresa brasileira de montagem e fabricação de projetores cinematográficos sonoros” (FREIRE, 2018, p.111).

O cartaz do Cine Busch apresentado a seguir (figura 19), de 1930, anuncia um filme alemão, um brasileiro e um francês, ainda que as informações complementares aparecessem ainda em língua alemã. Nesta mesma época, os anúncios de cinemas passavam a contar com informações complementares, como valor dos ingressos e qual modo de transporte coletivo as pessoas de cidades vizinhas poderiam utilizar para se deslocar ao início e fim das sessões.

A cópia da programação acompanha as seguintes informações ao fim do anúncio: “Atenção! O ônibus do Sr. Arthur parte todo domingo as 5 horas de Indaial e retorna após o horário da sessão de cinema” (tradução livre da autora).

Figura 19 - Cópia da programação do Cine Busch divulgada no jornal *Die Volkszeitung* em 1931.



Fonte: Hemeroteca Digital Catarinense.

Bona e Linsmeyer (2010), discorrem a respeito das primeiras exibições cinematográficas na cidade de Itajaí no ano de 1909, citando a importância do intercâmbio entre continentes:

Naquela época, havia o intercâmbio de fitas cinematográficas por intermédio de grandes navios a vapor, denominados paquetes, que faziam as travessias dispondo de encomendas e correio. No dia 05 de novembro de 1909, jornal “O Pharol” publicou a interrupção temporariamente dos espetáculos do Cinema Catharinense, nas dependências do Teatro Guarany até que as novas fitas que se aguardava de um paquete chegassem (BONA; LINSMEYER, 2010, p.6).

No Vale, no início da década de 1940, já podemos notar como os filmes eram exibidos totalmente em português e as produções exibidas deixaram de ser majoritariamente europeias. O cinema nacional tem destaque e as produções Hollywoodianas tomam conta das salas de cinema. Podemos ver como este fenômeno dos filmes estrangeiros foram modificando os cartazes de exibição ao longo das décadas a partir do comparativo feito na tabela 3, resultado da catalogação dos anúncios de exibições cinematográficas encontradas em periódicos que circulavam no Vale do Itajaí entre as décadas de 1900 e 1958.

Dentre diversos periódicos publicados no Vale do Itajaí, foi possível acesso aos arquivados por meio das bibliotecas e arquivos históricos das cidades da região, dentre os que mais continham anúncios relacionados ao cinema, podemos citar alguns, segundo o quadro 2:

Quadro 2: Periódicos com conteúdo relacionado aos cinemas no Vale do Itajaí.

Cidade	Periódico	Ano (encontrado em acervo)
Itajaí	Jornal O Povo	1935-1936
Itajaí	O Novidades	1904
Itajaí	O Careca	1931
Itajaí	O Commercio	1920-1924
Itajaí	O Cruzeiro	1918
Itajaí	O Progresso	1900-1901
Itajaí	O Tempo	1933
Itajaí	Tom Pouce	1928
Itajaí	Jornal do Povo	1943-1944
Blumenau	A Nação	1943-1944
Blumenau	Der Urwaldsbote	1958
Blumenau	Die Volkszeitung	1932
Blumenau	Jornal O Brazil	1919
Blumenau	Jornal O Nacional	1918
Blumenau	O Correio Blumenauense	1932-1933
Blumenau	O Ortiga	1924
Indaial	Die Gurke	1932
Brusque	Brusquer Zeitung	1912
Brusque	Gazeta Brusquense	1924-1926
Brusque	O Espia	1919

Fonte: Elaborado pela autora.

No quadro 3 a seguir, a programação dos filmes encontradas em arquivos, periódicos, pesquisas e livros entre 1900 e 1958 no Vale do Itajaí, apesar do período abordado ser até 1940, foi de suma importância apresentar os periódicos até 1958 que representaram as transições dos acontecimentos da época, dentre eles a notável diferença de programação dos filmes europeus para os estadunidenses, e também a retomada das exibições em língua alemã, mesmo que produções *Hollywoodianas*, ao fim da década de 1950.

Quadro 3: Filmes catalogados entre 1900 e 1958 nos periódicos em circulação no Vale do Itajaí.

Ano de exibição	Título	Cidade	Origem	Cinema
1900	A fata Morgana	Blumenau	Alemanha	Teatro Frohsinn
1900	A fata Morgana	Blumenau	Alemanha	Casa de Jacob Heusi
1904	Der Koffer aus Barmen	Blumenau	Alemanha	Salão Holetz
1904	Der mysteriöse Schrank	Blumenau	Alemanha	Salão Holetz
1904	Der wunderbare Bienenkorb	Blumenau	Alemanha	Salão Holetz
1904	Ehre eines Vaters	Blumenau	Alemanha	Salão Holetz
1908	O carnaval de Veneza	Blumenau		Teatro Frohsinn
1908	O Trovador	Blumenau		Teatro Frohsinn
1908	Viúva Alegre	Blumenau		Teatro Frohsinn
1908	Cataratas Vitória e rio Zamzebi	Blumenau	África	Teatro Frohsinn
1909	Das Puppentheater des Fräulein Hold	Blumenau	Alemanha	Salão Holetz
1910	TABU	Blumenau	Alemanha	Buch's Kino
1911	A destruição de Tróia	Blumenau		Teatro Frohsinn
1911	A história de Dreyfuss	Blumenau	Alemanha	Teatro Frohsinn
1912	O preço do álcool	Blumenau		Teatro Frohsinn
1912	Jupe-culote ou Saia-calça	Blumenau		Teatro Frohsinn
1912	A vila dos Rosen	Blumenau		Teatro Frohsinn
1912	Uma caçada aos marabuto	Blumenau		Teatro Frohsinn
1912	O evento do ferro em Odessa	Blumenau		Teatro Frohsinn
1912	Paisagens Russas	Blumenau	Russia	Teatro Frohsinn
1915	Imagens Primeira Guerra Mundial	Blumenau	Alemanha	Irmãos Holzwarth
1915	Evas Tochter	Blumenau	Noruega	Salão Holetz
1916	Die Seeschlacht bei den Falklandsinseln	Blumenau	Alemanha	Salão Teutônia
1917	A noite na montanha	Blumenau		Cinema Ideal
1917	O vestido branco	Blumenau		Cinema Ideal
1917	O Teatro e a Vida	Blumenau		Salão Teutônia
1917	Os mistérios de Nova York	Blumenau		Salão Holetz
1917	O veneno do ouro	Blumenau		Salão Holetz
1917	O Poder Soberano	Blumenau		Salão Holetz
1917	Grito do Ipiranga	Blumenau	Brasil	Salão Holetz

Continuação Quadro 3: Filmes catalogados entre 1900 e 1958 nos periódicos em circulação no Vale do Itajaí.

Ano de exibição	Título	Cidade	Origem	Cinema
1918	O Simpático Jim	Blumenau		Salão Holetz
1918	A Filha da Estrada de Ferro	Blumenau		Salão Holetz
1918	Amor e Ódio	Blumenau		Salão Holetz
1918	Amor de Dançarina	Blumenau		Salão Holetz
1918	Rosa de Granada	Blumenau		Salão Holetz
1918	A Martelada do Leiloeiro	Blumenau		Salão Holetz
1918	A Princesa	Blumenau		Salão Holetz
1918	Será Homem ou Mulher?	Blumenau		Salão Holetz
1918	Nos Tempos de Trafalgar	Blumenau		Salão Holetz
1918	O filho da prisioneira	Blumenau	Alemanha	Salao Holetz
1918	Cabiria	Itajaí	Itália	Cinema Ideal
1919	Faust	Blumenau	Alemanha	Buch's Kino
1919	Tuyuty	Blumenau		Buch's Kino
1919	Romance de um rio	Blumenau		Buch's Kino
1919	De Marquês a Gigoletti	Blumenau		Buch's Kino
1919	Na Região de Nancy	Blumenau		Buch's Kino
1919	A Guerra Europeia	Blumenau		Buch's Kino
1919	Vampiro	Blumenau		Buch's Kino
1919	A Garotinha	Blumenau		Buch's Kino
1919	Olho de Lince	Blumenau		Buch's Kino
1919	Miss Ciclone e os sete pecados mortais	Blumenau		Buch's Kino
1919	O Fogo	Blumenau		Buch's Kino
1919	Die Vereinigten Staaten im Kruege	Blumenau	Alemanha	Buch's Kino
1919	A Epopéia Francesa	Blumenau	França	Buch's Kino
1919	Willy e o paraquedas	Blumenau		Buch's Kino
1919	O Romance de Josepha	Blumenau		Buch's Kino
1919	Pela Pátria	Blumenau		Buch's Kino
1919	O Tonto	Blumenau		Buch's Kino
1919	O espio	Brusque		Cine Schaefer
1920	Ein Herkules	Blumenau	Alemanha	Cinema Salão Holetz
1920	Homem de Aço	Blumenau		Cinema Salão Holetz
1920	Cavalleiro Phantasma	Blumenau		Cinema Salão Holetz
1920	Der phantastische Reiter	Blumenau	Alemanha	Cinema Salão Holetz
1921	Der Fluch der Vergangenheit	Blumenau	Alemanha	Buch's Kino
1921	Das Missgeschueck	Blumenau	Alemanha	Buch's Kino

Continuação Quadro 3: Filmes catalogados entre 1900 e 1958 nos periódicos em circulação no Vale do Itajaí.

Ano de exibição	Título	Cidade	Origem	Cinema
1922	A Senhora do Mundo	Blumenau		Buch's Kino
1924	Aphrodite	Itajaí	Alemanha	Cinema Ideal
1924	Por causa de uma mulher	Itajaí	EUA	Cinema Ideal
1924	Meus admiradores	Brusque		Cine Esperança
1925	O Circo da Vida	Blumenau		Teatro Frohsinn
1926	Dr. Mabuse	Blumenau	Alemanha	Buch's Kino
1927	Ben-Hur	Blumenau	EUA	Salão Holtez
1928	A tia de Carlito	Itajaí	Reino Unido	Cinema Ideal
1928	A estrada da morte	Itajaí		Cinema Ideal
1928	Doido de sorte	Itajaí		Cinema Ideal
1928	As amizades de chuca chuca	Itajaí		Cinema Ideal
1928	O sapo	Itajaí		Cine Victoria
1928	O que as mocas devem saber	Itajaí		Cine Victoria
1928	Um garçom galante	Itajaí	EUA	
1929	Herbstmanöver	Blumenau	Alemanha	Salão Holetz
1930	Der Weisse Teufel	Blumenau	Alemanha	Buch's Kino
1932	O Brasil Grandioso	Blumenau	Brasil	Buch's Kino
1932	Wackelbauch und Haxenschieifer	Indaial		
1932	HakenKreuzeleien	Indaial		
1932	Ella und Liese	Indaial		
1932	Das Gewwfler am Håuslichen Herd	Indaial		
1932	Arche Nosh	Indaial		
1932	VomHutBlsZumKopf	Blumenau	Alemanha	Buch's Kino
1932	O inimigo silencioso	Blumenau	EUA	Buch's Kino
1932	O homem miraculoso	Blumenau	EUA	Buch's Kino
1932	O chicote	Blumenau	EUA	Buch's Kino
1932	Moleque excêntrico	Blumenau		Buch's Kino
1932	Batalha de paris	Blumenau	EUA	Buch's Kino
1933	Um jornal	Blumenau		Buch's Kino
1933	Nem tudo que soa é música	Blumenau		Buch's Kino
1933	Falsa Madona	Blumenau	EUA	Buch's Kino
1935	Pimenta malagueta	Blumenau	Alemanha	Buch's Kino
1935	Sonhos de uma Noite de Verão	Itajaí	EUA	Cinema Ideal
1935	Pimenta Malagueta	Itajaí	Alemanha	Cinema Ideal
1935	O Prefeito do Inferno	Itajaí	EUA	Cinema Ideal
1935	Os Cavaleiros do Rei	Itajaí	EUA	Cinema Ideal
1936	Por uns Olhos Negros	Itajaí	EUA	Cinema Ideal
1936	Uma noite no Ritz	Itajaí	EUA	Cinema Ideal

Continuação Quadro 3: Filmes catalogados entre 1900 e 1958 nos periódicos em circulação no Vale do Itajaí.

Ano de exibição	Título	Cidade	Origem	Cinema
1936	Joana D'arc	Itajaí	França	Cinema Ideal
1936	Basta de Mulheres	Itajaí	EUA	Cinema Ideal
1936	Quero Ser Uma Grande Dama	Itajaí	Alemanha	Cinema Ideal
1940	Charlie Chan em Honolulu	Blumenau	EUA	Clube Náutico América
1940	Allianz	Blumenau		Cine Busch
1940	A Adolescência de uma Rainha	Blumenau		Cine Busch
1940	Jornal da Semana n.445	Blumenau	Alemanha	Cine Busch
1940	Rosálie	Blumenau	EUA	Cine Busch
1940	Luize	Blumenau	EUA	Cine Busch
1940	Os cinco heróis	Blumenau		Cine Busch
1940	Joujoux e Balangadans	Blumenau	Brasil	Cine Busch
1940	Im Weissen Roessl	Blumenau	Alemanha	Cine Busch
1943	O Espião Invisível	Blumenau	EUA	Cine Busch
1943	O Grito das Selvas	Blumenau	EUA	Cine Busch
1943	Uma Dama Austuciosa	Blumenau	EUA	Cine Busch
1943	O Gordo e o Magro	Blumenau	EUA	Cine Busch
1943	Dois Fantasmas Vivos	Blumenau	EUA	Cine Busch
1943	Aventureiros Heroicos	Blumenau	EUA	Cine Busch
1943	Flores do Pó	Blumenau	EUA	Cine Busch
1943	A Sombra Amiga	Blumenau	EUA	Cine Busch
1943	Mary é ciumenta	Blumenau	EUA	Cine Busch
1943	Luar Perigoso	Blumenau	Reino Unido	Cine Busch
1943	Ela Queria Riqueza	Blumenau	EUA	Cine Busch
1943	A Cidade sem Justiça	Blumenau	EUA	Cine Busch
1943	Quando Morre o Dia	Blumenau	EUA	Cine Busch
1943	Moinhos de Vento	Blumenau	Espanha	Cine Busch
1943	O Homem Que Quis Matar Hitler	Blumenau	EUA	Cine Busch
1943	Traição de Irmão	Blumenau	EUA	Cine Busch
1943	Perigo no Pacífico	Blumenau	EUA	Cine Busch
1943	Minha Espiã Favorita	Blumenau	EUA	Cine Busch
1943	Casei-me com um Nazista	Blumenau	EUA	Cine Busch
1944	Nas Garras do Falcão	Blumenau	EUA	Cine Busch
1944	Samba em Berlim	Blumenau	Brasil	Cine Busch
1944	Nick Cartes nas Nuvens	Blumenau	EUA	Cine Busch
1944	Corvetas em Ação	Blumenau	EUA	Cine Busch
1944	O Diabo Disse Não	Blumenau	EUA	Cine Busch
1944	Vingador Mascarado	Blumenau	EUA	Cine Busch
1944	Dedos Diabólicos	Blumenau	EUA	Cine Busch

Continuação Quadro 3: Filmes catalogados entre 1900 e 1958 nos periódicos em circulação no Vale do Itajaí.

Ano de exibição	Título	Cidade	Origem	Cinema
1944	Luar em Havana	Blumenau	EUA	Cine Busch
1944	O Médico e o Monstro	Blumenau	EUA	Cine Busch
1944	Minha Loura Favorita	Blumenau	EUA	Cine Busch
1944	Alarme no Atlântico	Blumenau	EUA	Cine Busch
1944	Jornada do Pavor	Blumenau	EUA	Cine Busch
1944	Somos Todos Irmãos	Blumenau	EUA	Cine Busch
1944	Noite sem Lua	Blumenau	EUA	Cine Busch
1954	O Museu de Cera	Blumenau	EUA	Cine Busch
1954	O Veleiro da Aventura	Blumenau	EUA	Cine Busch
1954	Hans Christian Andersen	Blumenau	EUA	Cine Busch
1954	Império dos Malvados	Blumenau	EUA	Cine Busch
1954	O Prazer	Blumenau	EUA	Cine Busch
1954	A Legião dos Desesperados	Blumenau	EUA	Cine Busch
1954	Lágrimas Amargas	Blumenau	EUA	Cine Busch
1954	Gilda	Blumenau	EUA	Cine Busch
1954	Os 5000 dedos do Dr. "T"	Blumenau	EUA	Cine Busch
1954	Entre a Espada e a Rosa	Blumenau	EUA	Cine Busch
1958	Wiegenlied (Filha de Maria)	Blumenau	EUA	Buch's Kino

Fonte: Elaborado pela autora.

As informações apresentadas no quadro 3 foram consultadas a partir de anúncios de Jornais e demais periódicos disponíveis no Acervo Histórico Prof. José Ferreira da Silva (Blumenau), Hemeroteca Digital Catarinense, Hemeroteca da Biblioteca Pública Nacional, Blumenau em Cadernos e Kormann (1996).

Os periódicos que mais apresentaram dados ao longo dos anos, traziam informações a respeito das exibições do Cine Busch, da cidade de Blumenau, e o Cine Ideal, da cidade de Itajaí. Estes anúncios referentes a exibição cinematográfica ficavam comumente no início dos jornais em local de destaque ao fim ou lateral das páginas, ou agrupados junto as propagandas e classificados, o tamanho e frequência dos anúncios dependia do tamanho e poder monetário do cinema anunciante.

Os filmes mais comuns no início do século XIX eram de origem europeia, principalmente alemães, alguns exemplares italianos, franceses e até um filme de origem russa, chamado “A aldeia do pecado”, no quadro 4, pode-se comparar a quantidade de nacionalidades de filmes encontradas ao longo das décadas:

Quadro 4: Nacionalidade dos filmes catalogados entre 1900 e 1958.

Década	Nacionalidade	Número de Filmes
1900	Alemanha	7
	África	1
	Não identificado	3
1910	Alemanha	8
	Rússia	1
	Noruega	1
	Brasil	1
	França	1
	Itália	1
	Não identificado	36
1920	Alemanha	7
	EUA	3
	Reino Unido	1
	Não identificado	10
1930	Alemanha	5
	EUA	11
	França	1
	Brasil	1
	Não identificado	8
1940	Alemanha	2
	EUA	33
	Reino Unido	1
	Brasil	1
	Espanha	1
	Não identificado	3
1950	EUA	11

Fonte: Elaborado pela autora.

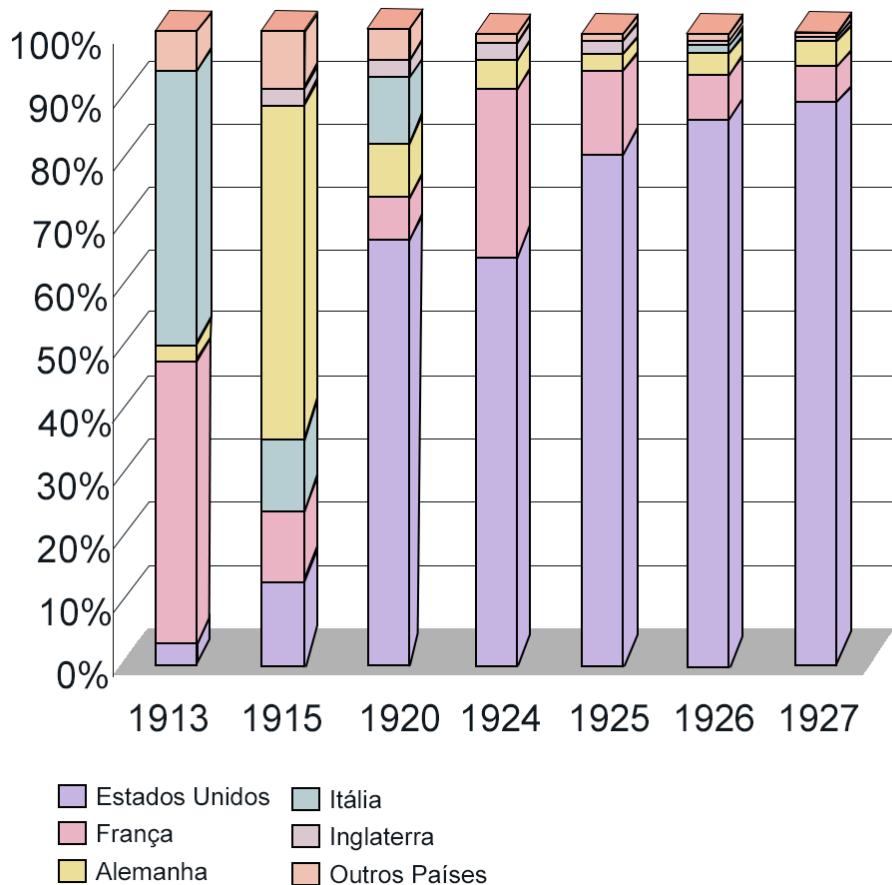
Assim, conforme a ideologia nacionalista brasileira ganha forma mediante o Estado Novo⁵, a programação cinematográfica do Vale vai se alterando. Os filmes alemães tornam-se escassos, os filmes brasileiros aparecem, contudo, o que é notável na transição da década de 1930 para a década de 1940 é a conquista da programação pela indústria cinematográfica estadunidense. Note-se, portanto, que o cinema moderno é inserido em meio ao contexto das disputas imperialista entre grandes guerras: a decadência do imperialismo inglês, e a disputa entre França e Alemanha para tomarem seu posto, e por fim, a conquista da hegemonia estadunidense.

Said (2011), demonstra em sua obra como os Estados Unidos impõem principalmente no período pós-guerra, a ordem a respeito do que seria o “interesse internacional”, estabelecendo regras a respeito do movimento militar e desenvolvimento econômico em todo o mundo, inclusive do Brasil.

É neste modo de imperialismo capitalista que o cinema estadunidense toma força e atinge um nível de hegemonia cinematográfica como podemos ver na tabela anterior em conjunto com o gráfico a seguir (figura 20):

⁵ O Estado Novo durou entre 1937 e 1945, foi a terceira a última fase da Era Vargas, precedido pela nova constituição de 1937. A característica principal do Estado Novo era o fato de ter sido propriamente um regime ditatorial inspirado no modelo nazifascista europeu, então em voga à época, utilizado como desculpa para impedir um “complot comunista”. Nesse cenário de controle ideológico foi criado o DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda), encarregado da propaganda e promoção do regime junto à população. O DIP foi responsável pela censura a órgãos de imprensa e veículos de comunicação, sendo um instrumento estratégico na propaganda de estado e restrições a meios de comunicação como os cinemas.

Figura 20 - Distribuição do mercado brasileiro (1913 – 1927)



Fonte: SELONK, 2004, pág. 30 (editado pela autora).

Essas disputas e conflitos, influenciaram a programação exibida no Vale do Itajaí até os anos 1930 e convergiram para uma nova grade de exibições e restrições de algumas películas de certas nacionalidades estrangeiras. Com o pós-guerra e a hegemonia adquirida pelos EUA, o cinema Hollywoodiano se torna muito mais presente no cotidiano da sétima arte, não só no Brasil, como também na escala global.

Em 1932, é criada a primeira legislação protecionista do cinema nacional, chamada cota de tela, a qual exigia que o longa-metragem estrangeiro fosse exibido acompanhado de um curta-metragem brasileiro (BERNARDET, 2009). Regularizada pelo decreto 21.240 a lei protecionista, foi estendida em 1939, com o Decreto-lei 1949, entretanto, exigindo que todo cinema exibisse ao menos um longa-metragem brasileiro por ano e sendo atualizada ao longo das décadas e aumentando o número de filmes nacionais exibidos. Apesar da cota de tela,

podemos notar que os filmes nacionais não eram prioridade na hora de divulgar a programação semanal, como pode ser notado na figura 21.

Figura 21 - Anúncio Cine Busch no Jornal A Nação da cidade de Blumenau. Edição .39 de 07 de setembro de 1943.



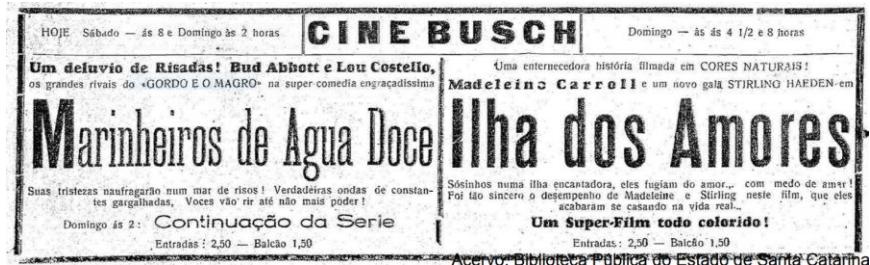
Fonte: Hemeroteca Digital Catarinense

Entre 1937 e 1945, os meios de comunicação, incluindo os cinemas, foram utilizados como meio de legitimação do governo brasileiro. Em 1939 é criado o DIP – Departamento de Imprensa e Propaganda. O pioneiro Alfredo Baumgarten de Blumenau chegou a enviar vários trabalhos ao DIP na década de 1930. Segundo relato de Armando Luiz Medeiros, as películas que interessavam ao órgão regulamentador eram selecionadas e as demais devolvidas ao cinegrafista, juntamente com o pagamento pelas selecionadas a um preço estipulado pelo próprio DIP (PIRES, 2000). Ainda de acordo Kormann (1996), alguns filmes gravados por Alfredo Baumgarten eram distribuídos pela Distribuidora de Filmes Nacionais, a qual muitas vezes não pagava pelos direitos autorais das películas e não devolvia a cópia da mesma, apesar de Baumgarten não se importar muito, pois para ele o cinema era um *Hobbie* e o importante era documentar os acontecimentos.

No período de outubro a 1939 a agosto de 1941, o DIP produziu 250 filmes, sem contar as produções regionais (dos DEIP) e das empresas particulares pagas pelo governo. Para abafar os protestos dos produtores que consideravam desleal a concorrência do governo, este criou concursos com prêmios em dinheiro para os melhores documentários, o que gerava filmes com temas de agrado do governo. (STRAUBE, 1988, p.9).

A principal distribuidora e importadora de filmes para o Vale do Itajaí em meados das décadas de 1940 e 1950 era a Fama Filmes, localizada na cidade de Curitiba. (DAY, 2022).

Figura 22 - Cópia da programação do Cine Busch divulgada no jornal A Nação em 1943.



Fonte: Hemeroteca Digital Catarinense.

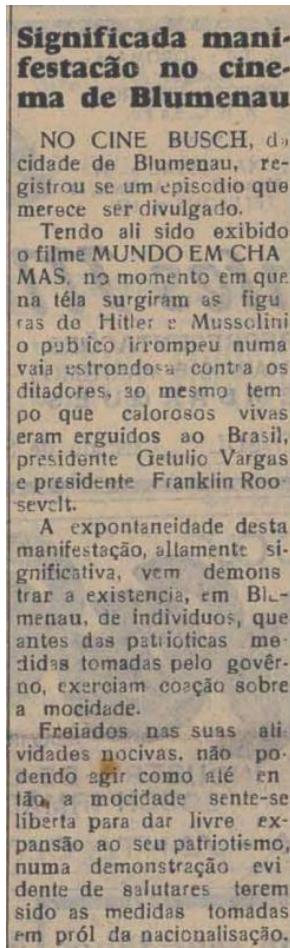
Ainda na década de 1930, a cidade que perdurou por mais tempo com filmes em títulos estrangeiros sem tradução antes da proibição da língua estrangeira em 1939, foi a cidade de Indaial, núcleo urbano próximo a Blumenau que apresentava sessões independentes em cinemas locais, dentre os filmes estrangeiros exibidos, podemos citar “*Wackelbauch und Haxenschleifer*”, “*HakenKreuzeleien*”, “*Ella und Liese*”, “*Arche Noah*” e “*Das Gewwiter am häuslichen Herd*”, todos entre 1932 e 1933. Além disso, outro fato curioso ao pesquisarmos o elenco dos filmes exibidos neste período, é a crescente presença de protagonistas alemães em filmes hollywoodianos. Não somente Hollywood realizava esse intercâmbio com os astros de cinema europeus, principalmente nos períodos pós-guerra, como segundo Bernardet, dentre as produções britânicas, 70% das produções são financiadas pelo capital norte-americano.

A partir da década de 1940, inicia-se o período de industrialização do cinema nacional com incentivos do Estado em conjunto com a cota de tela para o fortalecimento do cinema brasileiro. Tendência que começou a aparecer com mais força a partir de 1930 no cenário mundial para combater a hegemonia hollywoodiana. De acordo com Pozzo (2015), após o surgimento do cinema falado na década de 1930, países como Alemanha, Reino Unido e Itália implantam a cota de tela e seus próprios sistemas de financiamento econômico direto para a indústria cinematográfica. Esse mesmo cinema nacional destes países, serviu como propaganda de estado nos regimes autoritários, dentre eles, Itália fascista (1931) e Alemanha nazista (1933) e Espanha franquista (1938).

Provas de como os cinemas eram utilizados como meio de propaganda política e redirecionamento do pensamento da população pode ser encontrado em periódicos como o jornal “Correio do Povo” da cidade de Jaraguá do Sul, parte da região norte do estado de Santa Catarina, mas muito próxima em distância ao Vale do Itajaí, que traz em sua matéria de 7 de março de 1942 (figura 23) uma matéria a respeito do sucesso da campanha de nacionalização na região, onde durante uma exibição cinematográfica quando apareceu na tela a figura de

Hitler a plateia soou uma onda de vaias e em seguida foi exibida a imagem de Getúlio Vargas e Franklin Roosevelt, momento em que trocam para vivas.

Figura 23 - Matéria no jornal “Correio do Povo”, Jaraguá do Sul, 7 de março de 1942.



Fonte: Acervo da Biblioteca Pública de Santa Catarina.

Esta primeira etapa do setor exibidor no Vale do Itajaí foi marcada por tais mudanças na hegemonia dos filmes, que de alemães e europeus em geral passaram a ser dominados pelo cenário estadunidense.

A partir da década de 1970, ainda em meio ao regime militar, as “pornochanchadas” ganham espaço no setor exibidor nacional. Apesar de serem pouco citadas em trabalhos relacionados ao setor exibidor e pouco encontradas em anúncios de jornais da época, as pornochanchadas fizeram parte da programação de cinemas de todo o país até o declínio das salas de cinema na década de 1980. Embora os militares após a autodenominada “Revolução de 64” pregassem a ordem, família, “alta moral” e “sociedade cristã”, de acordo com Lopes (2012) a pornochanchada se confunde com a lógica de “pão e circo”, desviando atenção de assuntos sérios no cenário nacional da época, pode-se dizer que o gênero era “suportado” pelos

militares apesar da censura imposta durante a ditadura (BERTOLLI, 2016). Ao tratar o estilo cinematográfico como um gênero artístico próprio, conforme Mittel (2004), contendo as características de linguajar específico, considerando os valores éticos-morais adotados nas tramas, quantidade e origem social da audiência e o contexto histórico empregado, o gênero representa uma “negociação cultural” para a época na qual foi empregada.

“Em termos psicossociais, as pornochanchadas podem ser avaliadas como forma de descompressão de um cotidiano regido pelo autoritarismo e também como exercício narcisíco, um encontro onírico no ambiente escurecido do cinema entre o espectador e as bonitas e gostosas projetadas na tela. O malandro e as malandragens engendradas na conquista sexual e as estratégias adotadas por personagens masculinos e femininos para a obtenção de vantagens de todo tipo exerciam uma atração peculiar sobre o público. Nas tramas, a constituição de novos crivos de sociabilidade coadunavam-se com a representação do cotidiano coletivo que, em muito, se identificava com as carências vivenciadas do lado de fora das salas de projeção” (BERTOLLI, 2016, p.25).

A década de 1980 foi marcada por uma abertura política em relação a sexualização das projeções e da imprensa, representado pela permissão de filmes propriamente ditos “pornôs”, a publicação de revistas de cunho sexual como a famosa *Playboy*, e o avanço das pornochanchadas para níveis mais explícitos. Já ao fim da década de 1980 e início de 1990, as pornochanchadas entram em declínio ao mesmo tempo em que ascendia o pornô nacional (BERTOLLI, 2016).

3 DESENVOLVIMENTO E EXPANSÃO (1930 – 1980)

A colonização no Vale do Itajaí, que iniciou em meados do século XIX, evoluiu rapidamente até o início do século XX. Com a implementação das novas tecnologias da modernidade na região e o rápido desenvolvimentos do capital industrial, o excedente provindo destes industriários começou a traçar novos caminhos. Baseados nas tendências europeias e nas “comunidades imaginadas” que continuavam criando pontes entre o colono no Brasil e o continente europeu, intensificaram-se os investimentos em infraestrutura urbana e cultura.

Neste período, a expansão da exibição cinematográfica no Vale do Itajaí se conecta com o desenvolvimento industrial e da rede urbana da região. Ocorre um processo de popularização do cinema mediante parceria com as indústrias, que facilitavam o acesso a seus funcionários e criavam redes de infraestrutura urbana nos bairros onde se instalavam. Ao mesmo tempo, habitantes de cidades do Vale que não apresentavam cinemas tinham a oportunidade de frequentar as salas de Blumenau e Rio do Sul, por exemplo, graças a presença de uma rede ferroviária que fazia a ligação entre os municípios.

Estas indústrias locais tinham como característica o fomento de iniciativas culturais para seus funcionários e comunidade. Podemos salientar o fato também de que até o século XX elas contavam com vilas, escolas e toda uma infraestrutura própria para seus trabalhadores. Deste modo, os primeiros cinemas e espaços de cultura não se limitaram ao perímetro dos centros das cidades, abrangendo áreas periféricas, como o exemplo do Cine Garcia, localizado no bairro homônimo na cidade de Blumenau, um cinema popular próximo às indústrias têxteis ali presentes.

Portanto, para entendermos como o setor exibidor participa do processo de desenvolvimento regional do Vale do Itajaí, devemos reconhecer essa conexão com o capital comercial e industrial da região. As conexões entre cinema e indústria são evidentes, basta reconhecer que o cinema em verdade é uma *arte-técnica*. Segundo Hobsbawm (1992, p. 332), o cinema foi "a primeira arte que não poderia ter existido a não ser na sociedade industrial do século XX e não tinha paralelo ou precedente nas artes anteriores [...]" . O cinema, assim como a imigração, é resultante da modernidade capitalista.

Para Milton Santos, a técnica é “a principal forma de relação entre o homem e a natureza” e é definida como “um conjunto de meios instrumentais e sociais, com os quais o homem realiza sua vida, produz e, ao mesmo tempo, cria espaço.” (SANTOS, 2002. p.29). Esta relação salientada por Milton Santos, também pode ser expressa por meio da conexão entre cinema e os acontecimentos históricos e sociabilidades de uma época, de acordo com Barreto

(2014, p.24): “O filme é artefato cultural da sociedade, uma possibilidade de materialização textual de sua identidade, seus discursos, costumes, e deve ser entendido na dialética da sua produção intelectual e da condição de coletividade da sociedade (...”).

Levando em consideração as análises destes autores, a técnica não deve ser analisada isoladamente, mas sim como um fenômeno técnico “funcionando como sistemas que marcam as diversas épocas”. Devemos considerar, deste modo, o cinema como uma arte técnica que só foi possível a partir do modo de produção industrial. Em outra análise sobre as técnicas, Santos (2013) traz que “A técnica é a grande banalidade e o grande enigma, e é como enigma que ela comanda nossa vida, nos impõe relações, modela nosso entorno, administra nossas relações com o entorno”.

Podemos ver no quadro 5⁶, de acordo com a enciclopédia dos municípios publicada em 1959, como havia cinemas em 11 cidades do Vale do Itajaí, lembrando que na época muitos municípios existentes na atualidade, ainda não haviam sido desmembrados, movimento que começou a se popularizar a partir de meados da década de 1960. Destas cidades, havia 21 salas de cinema, totalizando 9697 lugares de plateia. A década de 1950 foi marcada pelas grandes salas com mais de mil lugares, como o Cine Blumenau, Cine Teatro Real e Cine Busch, as três maiores salas de cinema do Vale, respectivamente.

⁶ O Vale do Itajaí em 1959 contava com 9697 lugares na plateia na região do Vale do Itajaí, para 189.668 habitantes (Censo IBGE, 1950) representando 5,11%, enquanto em 2022 a mesma região conta com 7359 lugares para 809.072 habitantes (Censo IBGE, 2018), que iguala a 0,90%. Estes dados demonstram uma diminuição na distribuição de cinemas por habitantes na região.

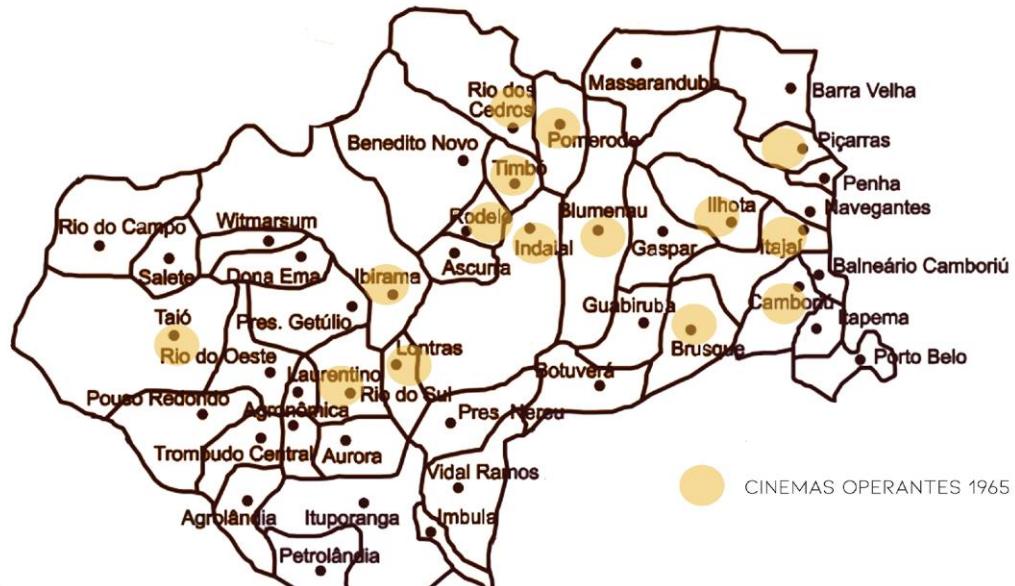
Quadro 5: Enciclopédia dos Municípios Brasileiros 1959

Município	Cinema	Lugares
Blumenau	Cine Garcia	250
Blumenau	Cine Blumenau	1280
Blumenau	Cine Busch	1147
Brusque	Cine Teatro Real	1195
Brusque	Cine Coliseu	890
Camboriú	Cine Camboriú	250
Gaspar	Cine Mogk	300
Indaial	Cine Mogk	200
Indaial	Cine Ascurra	100
Itajaí	Cine Rex	700
Itajaí	Cine Luz	920
Itajaí	Cine Itajaí	620
Porto Belo	Cine Porto Belo	ND
Rio do Sul	Cine Riosul	825
Rio do Sul	Cine Lontrense	120
Rio do Sul	Cine Central	120
Rio do Sul	Cine Boehm	100
Rio do Sul	Cine Santo Antônio	ND
Rodeio	Cine Rex	330
Rodeio	Cine Royal	120
Taió	Cine Teatro Athenas	230
Total: 11 cidades	21 cinemas	9697 lugares

Fonte: Enciclopédia dos Município, elaborado pela autora.

Em seguida, podemos notar como estas cidades se distribuíam no território do Vale do Itajaí em 1965 (figura 24), com base no mapa elaborado para o Atlas Geográfico de 1965, já com alguns municípios a mais que em 1959 que foram desmembrados posteriormente. É perceptível como as salas de exibição se distribuíam quase que de maneira uniforme pelo território, facilitando o acesso dos espectadores a sétima arte. Além disto, estas cidades desde a Foz do Vale do Itajaí, até o Alto Vale, eram conectadas pela ferrovia que chegava até as proximidades de Rio do Sul.

Figura 24 - Mapa das salas de cinema distribuídas no território do Vale do Itajaí em 1965.



ATLAS GEOGRÁFICO DE SANTA CATARINA – MAPA 1965 EDITADO PELA AUTORA

Fonte: Atlas Geográfico de Santa Catarina, marcações elaboradas pela autora.

3.1 INÍCIO DAS GRANDES SALAS

As edificações dos cinemas como equipamentos coletivos urbanos de lazer, especificamente voltadas para sociabilidade urbana (FERRAZ, 2009), foram uma tendência presente em todo território nacional a partir da década de 1920. Podemos citar o caso da “Cinelândia” no Rio de Janeiro e suas monumentais salas chamadas de “Elefantes Brancos”, projetada por Francisco Serrador (FERRAZ, 2012).

Acompanhando essas tendências, as primeiras grandes salas de exibição de Santa Catarina começaram a surgir a partir da década de 1940 no Vale do Itajaí. Estas grandes salas de exibição chegavam a conter mais de mil assentos para o público e tinham como característica uma arquitetura com características modernas e destaque para o estilo *Art Déco* (COSTA, 2010). Nota-se que em meados da década de 1920 no âmbito nacional os cinemas começaram a ganhar salas propriamente edificadas, o que acontece em Blumenau nos anos 1940, e no Vale do Itajaí como um todo.

No início, os filmes eram mudos e havia um fundo musical tocado por uma orquestra ou uma única pianista, como Antonietta Braga que tocou nas sessões de cinema de Blumenau

durante anos. Somente em 1927 o cinema veio a ser sonoro, inicialmente as películas eram acompanhadas de um Vitaphone (som no disco), e posteriormente na década de 1939 foi inserido no mercado o sistema Movietone (som no filme). A maior dificuldade dos empresários do ramo exibidor em relação ao cinema falado, principalmente o *Movietone*, era a questão financeira, por não se tratar de um sistema acessível financeiramente.

“(...) foram feitas versões mudas de películas faladas nas quais havia grande quantidade de intertítulos, além de se recorrer à exibição de filmes mudos antigos que foram relançados para não deixar as salas sem nada para exibir ou até à exibição de filmes falados sem nenhum som” (AUTRAN, 2012, p. 121).

Neste cenário, as grandes salas apresentaram uma virada para a “modernidade” dos cinemas, pois por contarem com mais recursos, maior a possibilidade de instalação de sistemas de exibição mais modernos, dentre eles o sonoro.

A seguir, uma revisão das salas de cinemas de rua encontradas no Vale do Itajaí em ordem cronológica, separadas por cidade e um pouco do cenário por trás de quem foram os idealizadores e quais outras possíveis influências para elas se tornarem locais possíveis de existir em cidades principalmente de pequeno porte para o período.

3.1.1 Blumenau

O primeiro cinema fixo de Blumenau foi o **Cine Busch** (Busch's Kino), que inicialmente se chamou Cine Ideal. Foi fundado por Frederico Guilherme Busch, empreendedor de Blumenau que ia pessoalmente até a França comprar películas dos irmãos Pathé Frères para as suas primeiras exibições cinematográficas⁷.

Em 1940 o Cine Busch ganhou um prédio próprio, ao lado do mesmo. O projeto da nova edificação é de autoria do Engenheiro Vitorino Ávila Filho. Foi concebido todo em linhas *art-déco*, estilo arquitetônico predominante no momento, e para “durar eternamente”, como se apregoava na época (Figura 25). Durante a década de 1950 o Cine Busch exibia filmes das produtoras Metro, Universal, Paramount e United Artists. Em 1992, encerram-se as atividades do Cine Busch, até então arrendado à Empresa Lageana de Cinema.

⁷ Informação verbal. Entrevista concedida por Carlos Braga Müller, jornalista blumenauense, cinéfilo e sócio de antigos cinemas na cidade de Blumenau. Entrevistada por Yasmin Lopes Müller em 31 de janeiro de 2017.

Figura 25 - Salão Holetz e Cine Busch na década de 1950.



Fonte: Acervo pessoal de Adalberto Day

Uma das figuras mais ilustres que trabalharam no Busch's Kino foi o senhor Herbert Holetz. Ele colecionou materiais que representam muito do que aconteceu na cidade de Blumenau dentro deste mundo do cinema, mantendo um arquivo com mais de 2000 fotos e cartazes e 400 livros.

Herbert Holetz, além de ter trabalhado até o fechamento do Cine Busch, também conteve imenso acervo relacionado ao cinema, chegando a receber acervos de alguns cinemas da cidade de Blumenau e películas usadas, aparelhos de exibição e borderôs dos cinemas da família Gracher⁸. Falecido em 2013, foi um grande cinéfilo que chegou a abrir uma loja onde alugava películas e projetores⁹. Após seu falecimento, o acervo foi doado ao Arquivo Histórico José Ferreira da Silva, da cidade de Blumenau.

O **Cine Mogk**, era propriedade **Walter Mogk**, que iniciou no cinema como itinerante e chegou a ter cinco cinemas fixos na região: em Pomerode, Indaial, Timbó e Gaspar. O Cine Mogk de Blumenau (figura 26), na primeira sessão no dia 3 de setembro de 1941, exibiu o filme “O Tirano de Alcatraz”. Localizado no bairro Itoupava Norte, contava com 250 assentos, e encerrou suas atividades em 1986, sendo o edifício demolido em 1990 (BONA, 2008). Além de exibir os filmes, Mogk fabricava suas máquinas de exibição e o mobiliário das salas de

⁸ Informação verbal por meio de entrevista com Sandro Gracher Baran em 28 de junho de 2022.

⁹ Fonte: <<http://adalbertoday.blogspot.com.br>>. Acesso em 12 de março de 2017.

cinema. A Mogk Indústria e Comércio de Máquinas existe até hoje e se localiza na rua 2 de Setembro, no bairro Itoupava Norte.

Walter Mogk era filho de um oficial do exército alemão e que se mudou para o Brasil em decorrência da perda por parte Tríplice Aliança na primeira guerra mundial. Mogk inciou sua carreira como mágico, sendo sua estreia na localidade de Aquidaban, hoje cidade de Apiúna. Boa parte de seus espetáculos dividiam o tempo de apresentação junto a uma exibição de filmes, o programa era chamado de “palco e tela”. Seu primeiro local de exibições em Blumenau foi o salão de baile de seus pais próximo a Tecelagem do Sr. Kuenhrich na Itoupava Norte (MUELLER, 2008).

Figura 26 - Cine Mogk.



Fonte: Acervo pessoal Adalberto Day

O **Cine Garcia** (figura 27) foi um cinema localizado no bairro homônimo, que começou a operar em 1941 no salão de Hermann Hindkeldey. Sua edificação própria foi inaugurada em 1944 e esteve em funcionamento até 1974 na rua Amazonas, no local da atual nova Igreja da Paróquia de Santo Antônio, não mais existindo o prédio original. Foi fundado por Carlos Zuege e Arthur Lohse.

O Cine Garcia, que começou com as exibições dos ambulantes no Salão Hinkeldey. As sessões cinematográficas, que eram mudas e animadas pelo bandônion de Arnold Gauche, inicialmente eram realizadas uma vez por semana pelos irmãos Holzwarth e também por Julianelli (José) (DAY, 2022, p.1¹⁰).

A sociedade funcionou até o ano de 1948, quando Arthur decide sair de Blumenau e dirigir-se a Tijucas. Foi vendido em 1958 à Reynaldo Olegário e em 1972 vendido novamente, desta vez para a empresa Meridional Cinemas, e enfim para a Comunidade Católica. Era chamado pelos locais de “pulgueiro”, por ser um cinema das classes populares e não contar com grande estrutura e organização como os cinemas de maior prestígio do centro.

O **Cine Garcia** (figura 27) também se beneficiava da localização no bairro homônimo por estar perto da Empresa Industrial Garcia, que abrigada uma grande quantidade de funcionários nas redondezas e incentivava seus operários a frequentarem os cinemas e outras atividades culturais do município.

¹⁰ Disponível em: <<http://adalbertoday.blogspot.com/2007/07/memrias-que-o-tempo-no-apaga.html>>. Acesso em: 14/08/2022.

Figura 27 - Cine Garcia



Fonte: Acervo pessoal Adalberto Day

O **Cine Blumenau** (figura 28) pertenceu a Paul Schindler e Antônio Cândido de Figueiredo e funcionou de 28 de julho de 1951 a julho de 1983. Localizado no centro de Blumenau, contava com 960 lugares na plateia e 360 no balcão, totalizando 1320 lugares, superando o Cine Busch e suas 1100 poltronas. O ponto de encontro do Cine Blumenau era o Cine Bar que ficava ao lado, onde aconteciam encontros furtivos após as sessões de cinema com uma taça de “morango com nata”¹¹. Foi o principal concorrente do Cine Busch, até que ambos foram comprados pela mesma organização.

¹¹ Informação verbal. Entrevista concedida por Suely Petry, diretora do Arquivo Histórico de Blumenau. Entrevistada por Yasmin Lopes Müller em 31 de janeiro de 2017.

Figura 28 - Cine Blumenau



Fonte: Acervo pessoal Adalberto Day

O **Cine Farol** foi propriedade de Gilberto Schneider, que foi também cartazista do Cine Blumenau. Foi um cinema de rua com sessões gratuitas localizado na XV de Novembro, inaugurado no ano de 1957 e possuía projetor de filmes 16 mm, o qual era montado numa sala no primeiro andar do prédio onde se situava o Café Pinguim, famoso ponto do “footing” da cidade. A tela ficava no lado oposto da rua, em cima da marquise da Casa Buerger, e podia ser enrolada para cima e esticada aos domingos à noite, deste modo, o filme era projetado de um lado para o outro da Rua 15 de Novembro. Para informar que estava na hora de assistir ao filme, havia um prefixo musical, uma marcha de John Philip Souza, música conhecida na época, que ao tocar fazia todos correrem para a frente da tela, muitas vezes sentando-se no chão da própria rua. “Bebeto”, como era chamado Gilberto, proprietário do cinema, tinha um interruptor especial e podia apagar a luz da Rua XV de novembro para melhorar a visão da tela pelos espectadores.

Na década de 1980, com o fim dos *footings* e a queda na popularidade dos cinemas de rua, o Cine farol também encerrou suas atividades. Além dessa experiência de Schneider, na década de 1960 durante a gestão do ex-prefeito Carlos Curt Zadrozny, entre 1966 e 1969, também eram feitas exibições ao ar livre para o público Blumenauense (BERTOLI, 2020). As

sessões ocorriam nos bairros, em uma praça da Rua XV de Novembro, no Centro da cidade, e nos salões das sociedades de Caça e Tiro.

O **Cine Atlas** ficava localizado na rua Theodoro Holtrup (figura 29), fundado pelos sócios Alvacyr Ávila dos Santos, Eva Taescher, que era casada com Alvacyr, e o jornalista e cinéfilo Carlos Braga Mueller, que foi sócio também de outros cinemas na cidade e chegou a ter um cineclube, o **Cineclube Carlitos**, nomeado assim em homenagem a Charles Chaplin, e fazer exibições particulares. O Cine Atlas esteve em funcionamento de dezembro de 1965 até o ano de 1972. As poltronas na época foram compradas da rádio clube que acabava de fechar e do Cine Luz de Itajaí que estava fazendo uma reforma e renovando seu mobiliário. A sala contava com 200 lugares. Atualmente a edificação ainda existe e funciona como depósito da empresa Copapel. Caracterizou-se por lançar filmes alemães inéditos do pós-guerra, que eram muito populares entre a população local, com o filme “A Thousand Stars Aglitter” (1959, de Harald Philipp) de estreia. Tinha um prefixo musical que antecedia os filmes, com o tema de James Bond. O teto do Cine Atlas continha estrelas recortadas que acendiam em várias cores quando a sessão estava começando. Segundo Braga Mueller, a ideia das estrelas foi de Eva, sendo então o forro recortado para instalação de papel celofane vermelho e amarelo com luzes que se acendiam quando batia o sinal de início da sessão¹².

As enchentes que atingiram a cidade de Blumenau na década de 1980 prejudicaram as salas de cinema que ainda existiam. Em 1983 com uma enxente de quase 16 metros acima do nível do Itajaí Açu, a sala do Cineclube Carlitos ficou inundada. A água invadiu o espaço da plateia do Cine Blumenau e o primeiro piso do Cine Busch, e a cidade ficou bastante tempo sem ter cinema no centro. O Cine Blumenau não voltou a funcionar. O Cine Garcia e o Atlas já não existiam. O Mogk da Itoupava Norte, também inundado pelas enchentes de 1983 e 1984, reabriu, mas só funcionou até dezembro de 1986.

¹² Informação verbal. Entrevista concedida por Carlos Braga Mueller

Figura 29 - Cine Atlas atualmente.



Fonte: Acervo da Autora.

Após as enchentes, o Cineclube Carlitos ocupou o pequeno auditório do Teatro Carlos Gomes, com suas 220 poltronas, atividade que perdurou até 1989 e ficou conhecida como Cinema do Carlos Gomes.

Atualmente a cidade de Blumenau conta com o projeto **Cine Arte**, que exibe filmes antigos de graça nas segundas-feiras na Fundação Cultural de Blumenau, no auditório Cine Teatro Edith Gaertner. Segundo Sueli Petry¹³, os filmes alemães ainda são os que mais atraem público. Os cinemas atuais da cidade de Blumenau hoje, se encontram todos em complexos multiplex dentro de 3 *shopping centers*.

3.1.2 Itajaí

Em 1911 na cidade de **Itajaí** é inaugurado o **Cinema Ideal** (Figura 30), o qual contava com 600 assentos e ficava localizado na Rua Dr. José Bonifácio Malburg, antiga Rua Guarani. O proprietário Immanuel Currlin, comprou de Guilherme Busch seus equipamentos.

O Cinema Ideal chegou a ter seu próprio jornal, editado pelo próprio Immanuel Currlin a partir de 1914 (FRANZ, 2013). O ápice deste cinema foi na década de 1920, quando tinha

¹³ Informação verbal.

rotineiramente sua programação exibida no jornal “O Pharol” e era tida como uma das principais casas de lazer de Itajaí.

Figura 30 - Cartaz em frente ao cinema Ideal.



Fonte: Anuário de Itajaí, 2015.

Currlin era um comerciante filho de imigrantes alemães, nasceu em Blumenau no ano de 1886. Ele iniciou sua carreira na fotografia e fez curso técnico na Alemanha em meados de 1911, em seu retorno, trouxe um aparelho de projeção cinematográfica, com o qual iniciou o Cine Ideal. Foi dono da “Casa Currlin”, e dos jornais “O Commercio” e “Cinema Ideal”, jornal homônimo ao cinema de sua propriedade, onde trazia notícias e a programação semanal das películas exibidas. Figura ilustre da sociedade Itajaiense, Immanuel foi secretário do Clube Náutico Marcílio Dias, Secretário da Sociedade Guarani, Tesoureiro da Igreja Luterana e empreendedor no ramo comercial.

O cinema Ideal tinha como concorrente o **Cinema Estrella**, que funcionou de 1912 a 1914. Logo em seguida, o nome foi mudado para “Íris”, por conta da entrada de novos acionistas no negócio. Em 2014, a cidade ainda conta com o “**Cine Catholico**” e o “**Cinema Círculo**”. Em 1915, o **Cinema Berlim** também abre as portas, junto ao Cine Itajahy. O **Cine Itajahy** (figura 31) ficava na Rua Hercílio Luz, coração da cidade. Eram exibidos filmes de alta

qualidade com fitas americanas que provinham de uma distribuidora de Curitiba. Em 1980 o Cine Itajahy encerra suas atividades e vende todo seu material para a Sociedade Guarani.

Figura 31 - Cine Itajahy, 1938.



Fonte: Arquivo Histórico de Itajaí.

No ano de 1925, mais duas salas de cinema abrem as portas, o **Cine Baby** e o **Cine Vitória**. Em 1928 o Cine Vitória é comprado por Immanuel Currlin e é rebatizado de **Cinema Oriente**, em homenagem à antiga Sociedade Estrela do Oriente. A compra causou controvérsia, pois a população suspeitou que os ingressos ficariam mais caros, não haveria mais orquestra e os filmes das empresas Fox, Paramount e Metro, não seriam mais exibidos. Os burburinhos foram em vão, e o cinema continuou com orquestra e preços populares na mão do novo proprietário. O valor da entrada era de 1\$000 e ofertava duas sessões semanais já na primeira semana sob nova direção.

Além do Cine Ideal e Cine Vitória, Currlin foi o responsável por levar ao bairro Vila Operária o “**Cinema Popular**” em 1928, assim que o bairro foi inaugurado, como o nome já deixa explícito, o bairro era uma iniciativa das indústrias da localidade para fornecer moradias aos seus operários (Anuário de Itajaí, 2015). O prédio onde ficava localizado o cinema foi adquirido da Construtora Catharinense, responsável pelas obras da nova vila. Immanuel era

sócio da construtora e já tinha planos para o cinema no local desde o início dos planos da Vila Operária.

No fim da década de 1930, Currlin iniciou a construção de uma sala de exibições cinematográficas de maior porte, localizada na rua XV de Novembro. Porém, a construção não foi concluída e na década de 1940 foi vendida para os irmãos Gazaniga, inaugurado em 23 de dezembro de 1948. Sendo este o **Cine Rex** (Figura 32), que a princípio era uma oficina mecânica e posto de combustível e foi adaptada para abrigar o cine-teatro, que contava com 700 assentos (BRAGA, 2015). Os proprietários eram Osmar e Emílio Gazaniga, e posteriormente entra como sócio Otávio Lenzi. Otávio também era dono de uma boate e boliche no centro da cidade, empreendimento localizado na rua Pedro Ferreira. Após o fim da sociedade entre os três, o cine Rex foi vendido para a Empresa Arco-Íris em 1971, do Grupo Mário Leopoldo dos Santos. O grupo proveniente de Lages, já intercambiava filmes para as demais casas de cinema de Itajaí. O prédio passou por reformas e ali se fez duas salas, o Cine Coral e o Cine Scala (ROTHBARTH, 2009).

Figura 32 - Cine Rex, março de 1977.



Fonte: Arquivo do Jornal de Santa Catarina, ed. 14/15 de abril de 2012.

Na década de 1950, Otávio Lenzi, após romper com os irmãos Gazaniga, inaugura o **Cine Luz**, assumido pelo filho James Lenzi após algum tempo. Com capacidade para 750 pessoas, ficava localizado na Rua Manuel Vieira Garção. Foi o primeiro cinema da cidade a exibir um filme em 3D, na época ainda com os óculos que continham uma lente vermelha e

uma azul, muito comum nas sessões 3D até o início dos anos 2000 (BONA; LINSMEIER, 2010).

Na década de 1970, o equipamento do Cine Itajaí foi comprado pela família Sandri, dona do Hipermercado Vitória, e instalado no pátio do mercado, sendo batizado como **Cine Vitória**. Funcionava gratuitamente todas as noites, sendo um sucesso entre a população local. Anos depois, foi recolhido do pátio e colocado no almoxarifado. Em 2005, todo o equipamento foi doado para o acervo do museu de Itajaí, onde se encontra até hoje. Cídio Sandri, patriarca da família e fundador da rede Vitória, nome em homenagem a sua avó, iniciou a carreira aos anos 12 anos de idade como pintor, e aos 14 abriu uma sorveteria, que evoluiu para um armazém de secos e molhados e em 2967 tornou-se o supermercado Vitória, na rua Tijucas, onde hoje se encontra a loja Tamoyo, também de sua propriedade.

As salas de cinema na cidade de Itajaí começaram a perder seu brilho durante a década de 1980. O cine Itajaí encerrou suas atividades, o Cine Luz também parou de funcionar e foi demolido, encerrando três décadas de existência. Atualmente, a cidade conta somente com um único cinema padrão multiplex localizado em shopping center.

3.1.3 Brusque

Na cidade de **Brusque** o primeiro cinema da família Gracher foi inaugurado em um Hotel em 1915, após o cinema improvisado no estabelecimento, foi criada uma sala de exibições fixas anexas.

Sem data definida, o segundo cinema fixo (independente de outros estabelecimentos) a existir em Brusque foi o **Cine Ufa**, pertencente a Arthur Hansen e encerrou suas atividades em 1935, após um acordo entre Arthur Hansen e Carlos Gracher de manterem um só cinema na cidade. Após o encerramento do Cine Ufa, o aparelho de exibição foi instalado na sede do clube de atiradores.

O **Cine Teatro Guarany**, também de propriedade de Carlos Gracher, comportava pensão, bar e bilhar no mesmo local e foi inaugurado em 1934 com o filme “Voz do Meu Coração”. Em 1937 foi alugado para Henrique Brattig e ficava localizado na Av. Cônsul Carlos Renaux, onde encerrou suas funções em 3 de março de 1934. Utilizava o aparelho vibraphone em seguida precedido por um movietone que combinava som e imagem no próprio celuloide, inovação para a época.

Em seguida, é inaugurado o **Cine Coliseu** (figura 33) em 1937, também localizado na Av. Consul Carlos Renaux. Pertencente a empresa Cine Coliseu Ltda. De Henrique Brattig, operou até o ano de 1945 e dispunha de 840 lugares para telespectadores.

Figura 33 - Cine Coliseu.

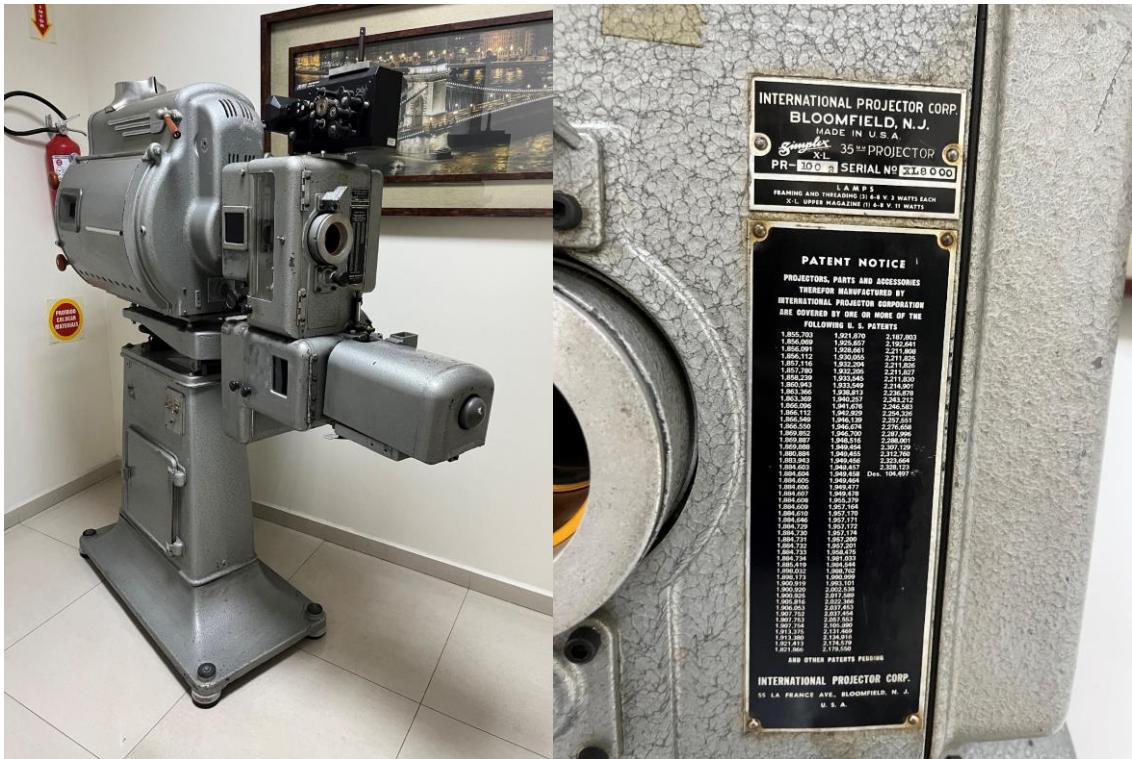


Fonte: Acervo histórico de Brusque.

O **Cine Teatro Real**, localizado na Av. Consul Carlos Renaux, 54 foi fundado em 1949 por Arno Carlos Gracher com capacidade para 500 pessoas. Em 1952, as atividades do Cine Real foram interrompidas por um incêndio na cabine de projeção. Walter Mogk, projetista e dono da Máquinas Mogk de Blumenau que fabricava cadeiras e equipamentos para cinemas, foi chamado para tentar consertar os equipamentos. “Em 1956, o cinema foi demolido e em seu lugar foi construída uma sala maior com 1.250 lugares resultado de uma sociedade entre Arno Carlos Gracher, Bernardo Krischner, Erich Bueckmann, Valério Walendowsky e João Antônio Schaefer.” (GRACHER, 2005. 168p.).

O Cine Teatro real exibia películas 35mm com projetores de origem estadunidense inicialmente a carvão e posteriormente com lâmpadas xênon (figuras 34). Atualmente no local onde existia o Cine Teatro Real, há o prédio do Shopping Gracher, que conta ainda com parte da estrutura original do cinema antigo em suas atuais salas de projeção. A sala de 1250 lugares foi dividida e a atual sala de exibição 01 do Cine Gracher Matriz é onde ficava o antigo mezanino do Cine Teatro Real.

Figura 34: Projetor Bloomfield N.J. 35mm com adaptação para Dolby Digital.



Fonte: Acervo da autora, fotografado em 28 de junho de 2022.

Desde 1998, o cinema existente na cidade até os dias atuais é o **Cine Gracher**, e fica localizado dentro do Shopping Gracher na Av. Cônsul Carlos Renaux, 56. Possuía originalmente 220 assentos e foi ampliado em 2005 para 436 assentos. Em 2013, o Cine Gracher inicia a parceria com a Havan e inaugura mais três salas na loja de Brusque. Atualmente o Cine Gracher continua sua parceria com as Lojas Havan e tem sua rede ampliada junto das lojas por várias cidades e mais de um estado brasileiro.

3.1.4 Indaial

Em 1955, surge na cidade de **Indaial** o **Cine Ascurra**, propriedade de Lirio Zonta. Localizava-se na Rua Benjamim Constant e possuía capacidade para 100 lugares. Exibia suas películas 16mm uma vez por semana.

Atualmente, a cidade de Indaial conta com uma unidade do Cine Gracher inaugurada em 2018.

3.1.5 Rio do Sul

O primeiro cinema de **Rio do Sul** foi inaugurado em 1939 na Rua XV de Novembro. Inicialmente chamava-se **Cine Brattig** (figura 35), e posteriormente **Cine Rio do Sul**. O local contava com capacidade para 825 espectadores. Atualmente no local funciona o Supermercado Dinardelli.

Figura 35 - Cine Brattig.



Fonte: Arquivo Histórico de Rio do Sul.

Em 1940 surge o **Cine Palace Riosul** (figura 36), sendo um dos sócios Ivo Knoll. Também localizado na rua XV de Novembro, funcionou até o ano de 1971, quando foi vendido para Mario Pintado, empresário do ramo de cinemas de Lages. Após a venda, o local operou como cinema até o ano de 1996. Atualmente no local, encontra-se a Igreja Universal do Reino de Deus. Havia capacidade para 600 pessoas e possuía um gerador próprio por não haver energia elétrica no município.

Figura 36 - Cine Palace Riosul.



Fonte: Arquivo Histórico de Rio do Sul.

No ano de 1953 iniciam-se as operações de mais um cinema, o **Cine Barra**, propriedade da Empresa Comercial, localizava-se no bairro Barra do Trombudo e possuía capacidade para 500 pessoas.

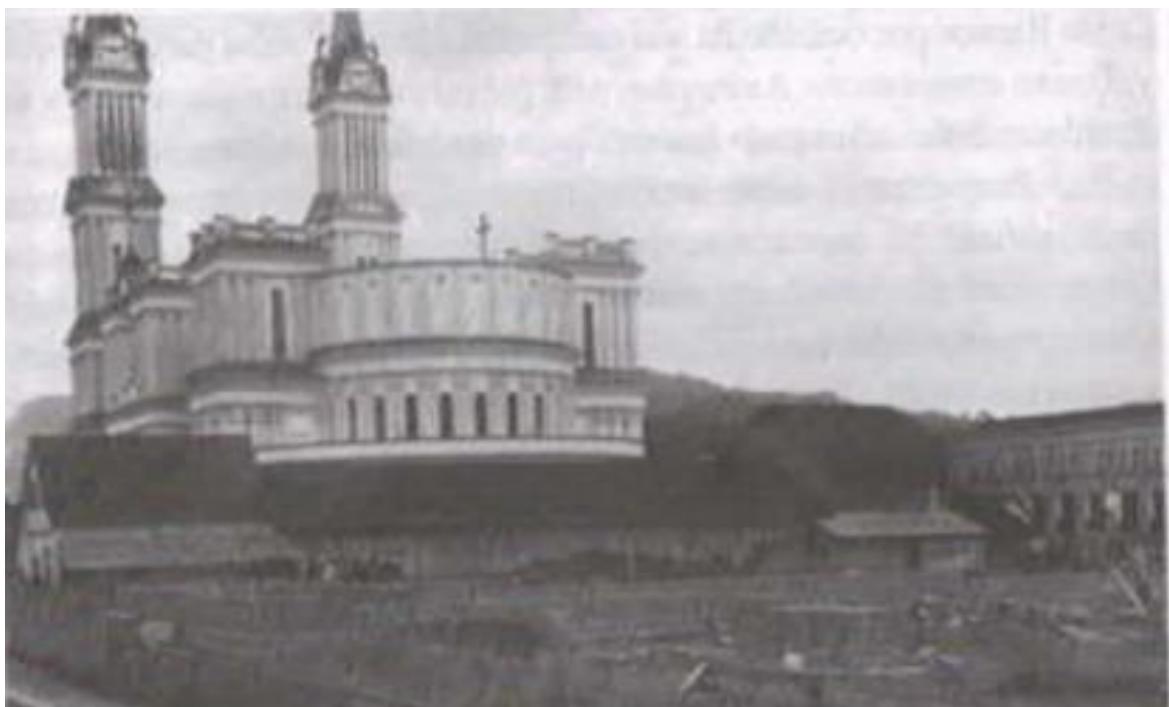
Inaugurado em 1954, o único cinema da atual cidade de **Lontras** que na época pertencia a Rio do Sul. O **Cine Lontrense** operava com 120 lugares disponíveis a espectadores, dirigido por Arno Taruhm.

Ainda na década de 1950, mais precisamente 1956, antes de **Trombudo Central** ser desmembrada de Rio do Sul e se tornar município, surge o **Cine Bohem**, propriedade de Ingo Armim Bohem, o qual dispunha de 100 assentos para espectadores. No mesmo ano, é inaugurado o **Cine Central**, do Sr. Lindolfo Müller, atraindo a população com 120 lugares no cinema.

Já em 1963, inaugurou o **Cine Teatro Dom Bosco** (figura 37), localizado no Auditório Dom Bosco, Alameda Aristiliano Ramos. As películas 35mm eram locadas através da Rede Lageana de filmes. Após um trágico incêndio que tomou conta do local em 1982 o cinema fechou as portas, que voltaram a atender o público em 1998 pela empresa Cootram, onde seguiu operando até 2005.

O primeiro cinema fixo da cidade de **Taió** foi o **Cine Teatro Athenas**, inaugurado na década de 1950 por Harry Ziesemmer e alugado posteriormente para o Sr. Guido Hosang nos anos 1960. Apresentava 500 lugares na plateia, e como não havia energia elétrica na cidade de Taió, o local possuía um gerador próprio que tornava as sessões possíveis.

Figura 37 - Cine Teatro Dom Bosco.



Fonte: Arquivo Histórico de Rio do Sul.

3.1.6 Pomerode

Na cidade de **Pomerode**, Walter Mogk também abriu uma das filiais do **Cine Mogk** em 1941, localizado na Praça Governador Jorge Lacerda. Segundo Bona (2008), o Cine Mogk Pomerode realizava exibições às quintas-feiras, sábados e domingos num prédio do centro da cidade, na Rua Paulo Zimmermann, que atualmente não existe mais.

3.1.7 Ibirama

Cidade originada pela Sociedade Colonizadora Hanseática, **Ibirama** também contou com um cinema no Alto Vale. O **Cine Teatro Ibirama**, propriedade de Ingo Armin Boehm, foi inaugurado em 1947. Uma sala de cinema com capacidade para 350 pessoas,

consideravelmente grande para uma cidade do interior. Exibia películas 35mm 4 vezes na semana.

3.1.8 Ilhota

O primeiro cinema fixo da cidade de **Ilhota** foi inaugurado em 1952. O proprietário, Sr. Oswaldo Teixeira de Melo estabeleceu o **Cine São Luiz** que tinha capacidade para 100 lugares e exibia películas 16mm, duas vezes por semana.

3.1.9 Penha

Assim como em Ilhota, o primeiro Cinema da cidade de **Penha** foi inaugurado no ano de 1952. O território onde se localizava o **Cine Atlântico** atualmente pertence a cidade de Balneário Piçarras, que fez parte do território de Penha até 1963. O cinema do Sr. Antônio N. Teles operou películas 16mm em uma instalação para 160 assentos que exibia seus filmes uma vez na semana.

3.1.10 Camboriú

O **Cine Camboriú**, localizado no centro da cidade homônima (**Camboriú**), ficava na Rua Cel. Benjamin Vieira e possuía 250 assentos para exibições que ocorriam duas vezes na semana em películas 35mm. Registros informam que os donos eram a “Pereira & Cia”.

Ainda na década de 1950, Ingo Armin Boehm, nome já conhecidos por outros cinemas no vale, inaugura mais uma sala de exibição, agora na cidade de **Presidente Getúlio**. Localizado na rua Kurt Henrique, possuía capacidade para 200 pessoas e exibia películas 35mm, duas vezes na semana.

3.1.11 Timbó

Timbó foi mais uma das cidades que contou com o empreendedorismo de Walter Mogk no ramo cinematográfico. Ele instalou um **Cine Mogk** na cidade, não se sabe ao certo o ano de inauguração, e operou até 1986.

3.1.12 Balneário Camboriú

Balneário Camboriú, assim como outras cidades, contou com um protagonista no desenvolvimento dos cinemas no município: Eduardo Delatorre. Ele inaugurou seu primeiro cinema na cidade em 1967, chamado **Cinerama** (figura 38), localizado na Av. Brasil, principal rua comercial da cidade até os dias atuais. Tinha capacidade para 1200 espectadores, onde operou até o ano de 1995. Atualmente a edificação ainda existe e funciona o Shopping Cinerama.

Figura 38 - Cinerama.



Fonte: Família Delatorre.

Em 1973, surge algo praticamente único em Santa Catarina, o **Auto Cine** (figura 39), propriedade também de Delatorre. O local onde hoje está localizado o Casa Hall Shopping, antigamente abrigava um cinema inspirado no modelo estadunidense, onde havia um telão e um pátio no qual as pessoas assistiam os filmes de dentro de seus automóveis. Tinha capacidade para 350 veículos e encerrou suas atividades em 1998.

Figura 39 - Cine Drive-in de Balneário Camboriú – Auto Cine.



Fonte: Família Delatorre.

O último cinema de rua da cidade, **Cine Itália** (figura 40), também uma iniciativa de Eduardo Delatorre, ficava na Av. Central, 335. Foi inaugurado em 1984 com capacidade para 700 espectadores. Atualmente, funciona no local um centro de eventos.

Figura 40 - Cine Itália.



Fonte: Família Delatorre

3.2 TRANSIÇÃO DO SÉCULO XIX PARA O XX: INDÚSTRIA, CINEMA E A MODERNIDADE NASCENTE

A cultura e a indústria no Vale do Itajaí trilharam caminhos paralelos durante a transição para a modernidade na região. Estas indústrias começaram suas atividades no fim do século XIX, principalmente na área têxtil e fomentaram o desenvolvimento regional e a implantação de iniciativas culturais nas cidades. As indústrias, em cidades como Blumenau e Brusque, marcaram o desenvolvimento urbano, ao formarem, ao mesmo tempo, uma classe burguesa e uma classe operária, centralidades comerciais elitizadas e bairros operários. E as salas de cinema estavam presentes em ambos os territórios.

É a elite comercial do Vale do Itajaí que a partir de 1880, origina as primeiras indústrias têxteis, em Blumenau e posteriormente em Brusque. Neste momento, o contato dos imigrantes com seu país de origem garantiu que a Alemanha atuasse de maneira notável como fornecedora de matérias-primas, e, posteriormente, na transferência tecnológica. O imigrante alemão do sul do Brasil, que começava a juntar capital em sua ascensão social, possuía conexões com a Europa suficientes para trazer maquinários especializados para indústria têxtil, bem como mão

de obra. Também contava com os imigrantes que trabalhavam nas indústrias alemãs previamente e que agora residiam no Brasil.

Grandes têxteis surgiram nesta época na região, dentre elas: a Companhia Hering (Blumenau – 1880), Empresa Industrial Garcia (Blumenau, inicialmente denominada Johann Heirich Grevsmuhl & Cia – 1868), Companhia Karsten (Blumenau – 1882) e a Industria Renaux S.A (Brusque – 1892).

Vimos no capítulo 2 que a implantação da exibição cinematográfica no Vale do Itajaí relaciona-se intimamente com o processo de colonização desta região. Além disso, constata-se que seu desenvolvimento também acompanha o desenvolvimento econômico, notadamente industrial, do Vale. A partir do início do século XX, o desenvolvimento do setor cinematográfico acompanha o desenvolvimento regional do Vale do Itajaí, representando um vetor de investimento do capital inicialmente comercial e posteriormente industrial.

Mattedi (2000), ao propor uma periodização do processo de industrialização do Vale do Itajaí, identifica a transição do século XIX para o XX como a formação industrial da região, resultado da atividade mercantil e da diversificação da produção artesanal. Este corresponderia ao que Santos (2001) denominou de “meio técnico e o início da industrialização brasileira” e demarcou entre o final do século XIX e a década de 1940. No período entre-guerras ocorre justamente a inserção do setor têxtil na economia nacional como resultado da substituição das importações. No período subsequente, após a segunda Guerra Mundial, haveria a diversificação das atividades produtivas e a diminuição das participação dos colonos-operários na formação de mão de obra com a dinâmica da urbanização.

Notamos que neste processo de desenvolvimento regional, industrialização e formação urbana, as iniciativas industriais se combinaram com as cinematográficas para prover as primeiras infraestruturas necessárias ao avanço de ambas, como fontes de energia elétrica e transportes, primeiras próteses técnicas do território do Vale.

3.2.1. A chegada da energia elétrica

No Brasil do início do século XX, com o desenvolvimento de novas tecnologias industriais e a chegada delas ao Vale, torna-se necessária a implantação de uma usina hidrelétrica. Até então, somente os industriários contavam com energia provinda de seus geradores próprios.

A primeira usina hidrelétrica foi idealizada ainda durante o período de 1880-1914, correspondente a primeira fase da industrialização do Vale do Itajaí (MATTEDEI, 2000). Em

1897 foi entregue o primeiro projeto para a Usina do Salto, elaborado pela empresa alemã “Siemens & Halske”.

No mesmo ano, o jornal *Blumenauer Zeitung* já havia publicado a Resolução nº 26 da Câmara Municipal de Blumenau, autorizando a abertura de concorrência para a contratação de iluminação pública, que deveria ir do centro da cidade até o Salto, além de transmissão de energia elétrica dentro do Município de Blumenau, por um período de cinquenta anos. (PAULA, 2014, p. 170).

O deputado estadual Peter Christian Feddersen, natural da Dinamarca, que na época era um território germânico, fixou residência em Blumenau desde 1879 com 19 anos de idade. Foi um dos primeiros idealizadores da futura usina no Salto Weissbach, porém ela ainda levaria alguns anos para sair do papel.

Enquanto isto, em 1904, a primeira usina hidrelétrica de fato a ser construída foi no Rio Gaspar Alto, localizado atual cidade de Gaspar, vizinha de Blumenau. A usina do Gaspar Alto foi uma iniciativa de Frederico Guilherme Busch Sênior, comerciante do ramo de importações e exportações, industriário e proprietário do primeiro cinema de Blumenau, o Cine Busch. A implantação da usina permitiu que Blumenau se tornasse a primeira cidade catarinense a contar com iluminação pública, sendo que a partir de 31 de outubro de 1910, Busch assina um contrato de 25 anos junto ao município de Blumenau para fornecimento de energia elétrica no trecho que compreendia desde a “estrada geral até a casa de Frederico Specht e até o porto de Itoupava Seca” (PAULA, 2014, p.171).

O incentivo de construções de usinas hidrelétricas foi impulsor importante para o desenvolvimento regional, permitindo acesso a novas tecnologias em todo o Vale, dentre elas, as grandes salas de cinema.

F. Busch (pai), o pioneiro da eletrificação, foi quem construiu, em 1909-1910, uma pequena usina hidroelétrica no Gaspar Alto. Como essa usina provasse, desde logo, ser demasiado pequena, formou-se outro grupo, chefiado por P. Christian. Feddersen, ao qual coube terminar, no início de 1915, a usina do Salto. Essa construção foi, sem dúvida, para aquele tempo, um empreendimento arrojado, e bem cedo a firma proprietária Feddersen & Jensen e Zimmermann entrou em dificuldades financeiras. Assim, a usina foi adquirida por um grupo financeiro de São Paulo, que formou a Empresa Força e Luz de Santa Catarina S. A. (HERING, 1980, p 12).

Por conta da necessidade de maior capacidade energética para as indústrias, poucos anos depois, fez-se necessário a implantação de outra usina hidrelétrica. Portanto, foram retomados os planos da usina do Salto Weissbach. Fundada em 1909, a empresa de Eletricidade Salto foi uma iniciativa do deputado e sócio da empresa de Eletricidade do Salto, Peter Feddersen,

Gustav Salinger, Paulo Zimmermann e Carlos Jensen, todos eles ligados a rede política da cidade de Blumenau e proprietários de terras na região do Salto Weissbach.

De acordo com o contrato firmado entre a municipalidade e os sócios da empresa, foi realizado no dia 18 de abril de 1912 o “[...] estabelecimento de um serviço de força e luz electricas no Municipio de Blumenau, em todos os territorios de seus limites actuaes fóra a zona dada em privilegio a F. G. Busch”. Observando os dois contratos (de Busch e do Salto), percebe-se que este último é mais completo. Possuía uma validade de trinta anos, além de pela primeira vez mencionar a questão industrial, alegando a obrigação de promover um aumento na produção na medida em que se manifestar as necessidades industriais. (PAULA, 2014, p.172).

O empreendimento se tornou a maior usina hidrelétrica do estado de Santa Catarina na época. Em 1920 a usina do salto foi vendida a um grupo financeiro de São Paulo e passou a se chamar Empresa Força e Luz Santa Catarina. Porém, a falta de investimento da nova detentora e o aumento das tarifas, fez o descontentamento do povo, e a empresa vendeu a usina de volta para o capital catarinense. Os compradores da empresa foram Curt Hering e Otto Renaux, herdeiros diretos de Hermann Hering e Carlos Renaux, respectivamente. Com a mudança do grupo proprietário, a sede da empresa voltou a ser na cidade de Blumenau. Após a compra, a cidade de Brusque recebeu fiação para fornecimento de energia elétrica para cidade, agora fornecida pela empresa Força e Luz.

As questões relacionadas aos transportes e geração de energia elétrica no Vale do Itajaí foram primordiais para o desenvolvimento econômico, social e cultural da cidade. Graças a iniciativa de industriários e investidores de infraestruturas, as cidades formadas pela colônia Blumenau e adjacentes começaram a criar uma rede urbana interligada, em que podemos identificar a passagem dessa infraestrutura de uma cidade para outra. Assim como a energia elétrica que se iniciou em Blumenau, no médio vale, e consequentemente foi abrangendo novos núcleos urbanos da região. Assim, cidades como Blumenau, Brusque e Itajaí, puderam instalar cinemas fixos com várias exibições por semana graças a energia elétrica destas usinas que alimentavam o sistema de energia, inicialmente nos centros das cidades, e posteriormente nos bairros. Como o caso de Brusque, que veio a inaugurar oficialmente seu primeiro cinema fixo em 1915 após a recente chegada da luz elétrica.

3.2.2 A implantação da estrada de ferro

De acordo com Angelina Wittmann (2010), a construção da EFSC teve influência das revoluções europeias dos séculos XVIII e XIX. O dinheiro necessário para a obra foi

proveniente do banco alemão *Deutsche Bank*, que juntamente com outras empresas, financiou a construção da estrada de ferro regional do Vale. Blumenau chegou a organizar seu próprio banco, com agências em 7 cidades de Santa Catarina. Este, foi fechado em 1942 pelo Governo Federal por injunções políticas. A linha de trem, além de permitir a expansão de insumos e tecnologia, era utilizada para que pessoas de cidades vizinhas tivessem acesso a exibições cinematográficas que aconteciam em cidades como Blumenau, Itajaí e Brusque¹⁴.

Segundo Vidor (1995, p. 35), no ano de 1899, na cidade de Berlim, foi fundada uma empresa na qual o Banco de Bleischroeder e Warschauer aplicou nove milhões de francos para a construção de uma ferrovia a vapor no Vale do Itajaí. Em 1904 foi assinado um decreto estadual concedendo autorização para a construção e exploração de uma via férrea no Vale do Itajaí, para o engenheiro Skinner que tinha ligação com a Companhia Colonizadora Hanseática, e que viabilizou todo o processo de construção da ferrovia entre a sede da Colônia Blumenau e a Colônia Hamônia ou Hansa (atual Ibirama), posteriormente. No dia 13 de abril de 1912, a nucleação urbana de Hamônia é elevada a sede distrital, na qual está localizada a administração da Sociedade Colonizadora Hanseática, 4 anos após a inauguração do primeiro trecho ferroviário. (WITTMANN, 2010, p. 78).

Com o avanço da industrialização nacional, no início do século XX, o modal ferroviário foi o primeiro a ser eleito para promover a integração nacional. Em Santa Catarina não foi diferente. Inaugurada em 1909 (figura 41), a Estrada de Ferro de Santa Catarina (EFSC). Em 3 de maio de 1909 o primeiro trecho saía de Blumenau com tráfego regular até a estação Warnow. No mesmo ano, em outubro, é inaugurado o segundo trecho até a estação Hansa.

[...] Como nos foi comunicado pela direção da Cia. Ferroviária, a inauguração do trecho Blumenau-Warnow deve acontecer em 3 de maio, dia do descobrimento do Brasil. A tarifa estabelecida pela Cia. já foi aprovada e a fiscalização final deve ocorrer no fim do mês, assim nada mais impedirá a inauguração. (Blumenau em Cadernos, Tomo XXIX, agosto de 1988, n.8, p. 250).

¹⁴ Entender o acesso da população ao cinema é uma tarefa complexa, pois a existência de salas na cidade, nem sempre significa a possibilidade de o habitante visitá-la. Do mesmo modo, a ausência de salas no município não implica necessariamente à falta de acesso, pois, a presença de vias e meios de transporte, os quais oportunizem a chegada do morador aos pontos de exibição, é um fator que influencia cada caso, individualmente.

Figura 41 - Primeiro trecho da EFSC inaugurado no dia 3 de maio de 1909, Blumenau até Warnow.



Fonte: A ferrovia no vale do Itajaí (WITTMANN, 2010)

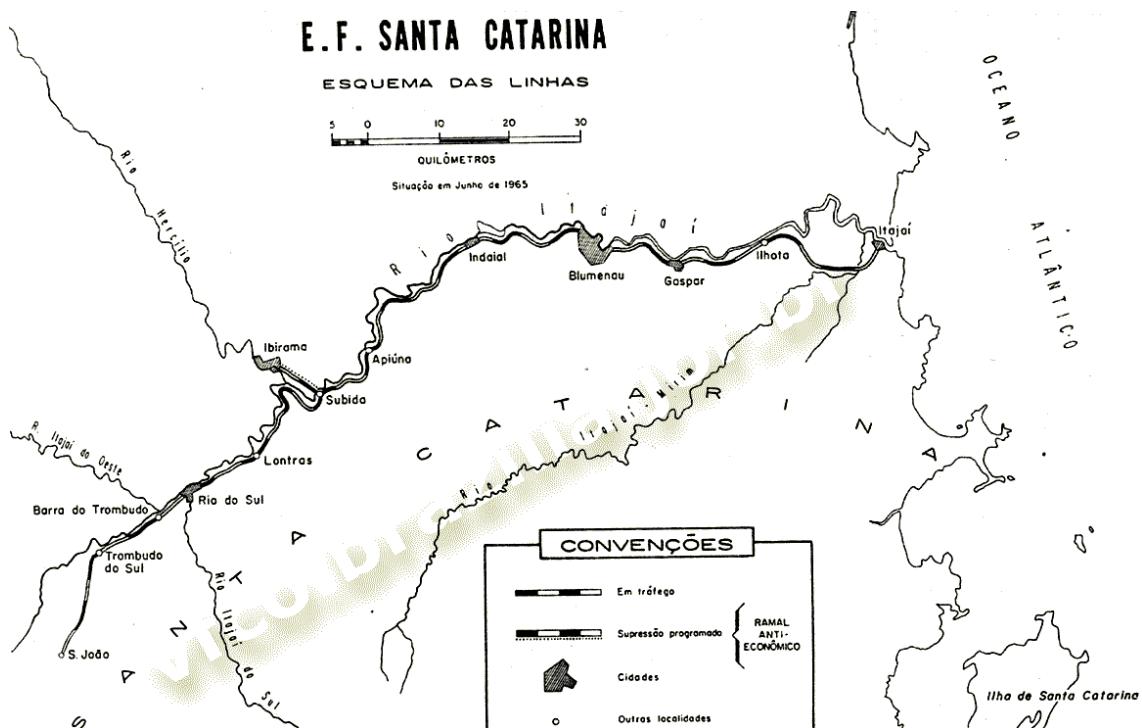
Até 1933, a estação Hansa foi o ponto terminal da linha-tronco da ferrovia, e a Hamônia ficava 3 km à frente. Em 1934, a Estrada de Ferro Santa Catarina lançou um ramal que tinha como função de conectar a linha da Hansa, localizada na atual Ibirama, com a linha próxima a Rio Negrinho, chamada de linha São Francisco, na Serra do Mar. Porém, o ramal nunca foi concluído e terminou em Ibirama, sendo extinto em 1969.

Em 1954 é feita a ligação que ia até o porto de Itajaí e em 1958 mais um trecho é entregue, chegando a Trombudo Central. Esta foi a última etapa ferroviária entregue que permaneceu efetivamente em uso, ligando Itajaí a Trombudo Central, até a sua desativação em 1971 (WITTMANN, 2010).

Em uma época em que o principal meio de transporte era a carroça que andava em média a 8km/h, a linha ferroviária e seus 35km/h eram um meio de transporte rápido e seguro.

Em 1963, a administração do governo federal incorpora a Estrada de Ferro de Santa Catarina à RVPSC (Rede Viação Paraná–Santa Catarina), o motivo alegado na época foi a dificuldade em administrar uma ferrovia alegando que tinha grande isolada e de pequena extensão. E EFSC se estendia por 184km. Em 1964 é inaugurado o último trecho da ferrovia, contendo 18 quilômetros e ligando Trombudo Central a São João, em Agrolândia (figura 42).

Figura 42 - Estrada de Ferro de Santa Catarina, 1965.



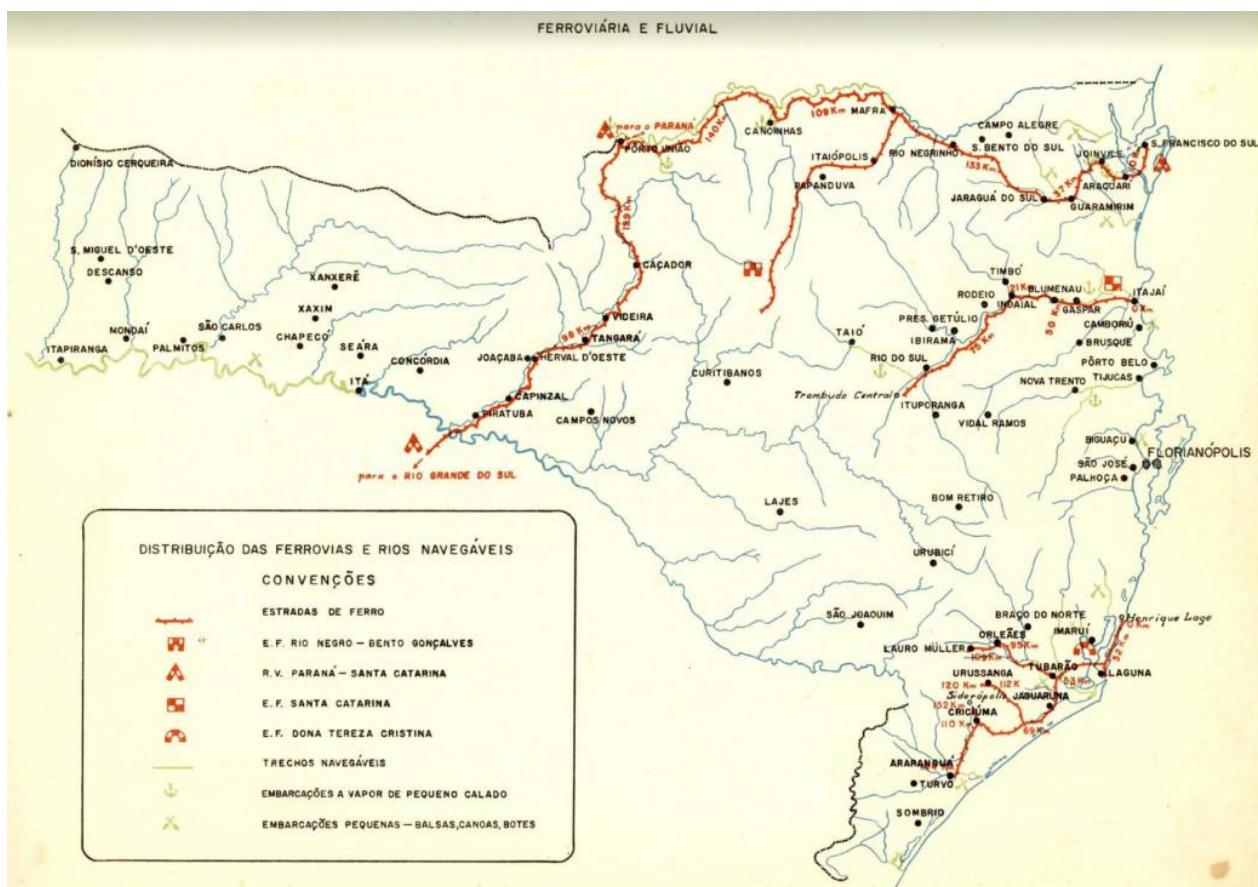
Fonte: Sistema Ferroviário da RFFSA - 31 / XII / 1965

Em 1971, a EFSC encerra seus serviços ao povo do Vale do Itajaí, coincidindo com o mesmo ano de inauguração da BR-101, que agora detinha os principais investimento em relação a meios de transporte como um todo.

No dia 12 de março de 1971, às 17 horas, o maquinista José Pacheco comandou a máquina da última viagem de trem da EFSC. A composição era formada pela locomotiva a vapor no. 331, de fabricação Baldwin, norte-americana, de 1925, mais quatro vagões. Os passageiros desta última viagem de trem da EFSC eram os funcionários da estrada de ferro e seus familiares, que com lenços brancos cumprimentavam as pessoas ao longo da ferrovia, ao som do sino e do apito do trem (WITTMANN, 2010, p. 187).

A estrada de ferro que tinha em seu projeto inicial fazer ligação entre a Foz do Rio Itajaí e a Argentina foi então oficialmente desativada. No mapa a seguir (figura 43), pode-se comparar a distribuição das linhas ferroviárias no Estado de Santa Catarina e sua localização em relação a EFSC.

Figura 43 - Mapa ferroviário e fluvial de Santa Catarina, 1958.



Fonte: Atlas geográfico de Santa Catarina, 1958.

3.3 CINEMA E INDÚSTRIA: UMA VIA DE MÃO DUPLA

A partir da década de 1930, o processo de desenvolvimento regional baseado na indústria se consolida. Neste período, além da indústria têxtil se consolidar em Blumenau e Brusque, desenvolve-se a indústria madeireira e o porto de Itajaí se moderniza. As transformações socioespaciais incluem novas formas de sociabilidade urbana, e os cinemas se tornam pontos focais das centralidades dos municípios, e estão presentes também em alguns bairros operários.

Neste cenário, as migrações continuam a compor parte importante da sociedade do Vale, entretanto, os migrantes são agora internos, atraídos pelo trabalho urbano-industrial e vindos de diversos estados brasileiros, principalmente dos estados do Paraná, São Paulo e do nordeste brasileiro em busca de trabalho após a depressão de 1929 e o declínio da cafeicultura paulista

(FERREIRA, 2006). O cinema, por sua vez, continua desempenhando um papel de assimilação social.

De acordo com a periodização de Milton Santos, o início do século XX até meados da década de 1930 abrange o meio técnico e entre 1930 e 1970, o meio técnico-científico. É neste período que ocorrem as principais mudanças no cenário econômico da região do Vale do Itajaí e sua industrialização.

O fim da guerra marcou uma nova etapa do capitalismo, abertas pela perspectiva técnico-científica. O aumento do crescimento industrial no período foi notável, chegando a 71.027 estabelecimentos industriais em todo o Brasil na década de 1950. A política cambial também estava favorecendo a industrialização e modernização da economia estatal já iniciada pelo regime de Getúlio Vargas e com os avanços das infraestruturas de transportes, novas relações entre metrópole econômica e centros regionais se estabelecem pelo meio de transporte rodoviário via caminhões (SANTOS, 2001).

Em meio a esta modernização durante o meio técnico-científico, podemos identificar diversos cinemas nas cidades do Vale do Itajaí que ampliaram suas atividades e modernizaram os modos de exibição das películas. No quadro 6, podemos ver os cinemas que coexistiram durante este período:

Quadro 6: Cinemas operantes durante o meio técnico-científico.

Município	Cinema	Ano de Abertura
Blumenau	Cine Busch	1940
Blumenau	Cine Mogk	1941
Blumenau	Cine Garcia	1941
Blumenau	Cine Blumenau	1951
Blumenau	Cine Farol	1957
Blumenau	Cine Atlas	1965
Itajaí	Cinema Oriente	1928
Itajaí	Cinema Popular	1928
Itajaí	Cine Rex	1948
Itajaí	Cine Luz	1950
Brusque	Cine Teatro Guarany	1934
Brusque	Cine Coliseu	1937
Brusque	Cine Teatro Real	1949
Indaial	Cine Teatro Ascurra	1955
Rio do Sul	Cine Brattig	1939
Rio do Sul	Cine Palace Riosul	1946
Rio do Sul	Cine Barra	1953
Rio do Sul	Cine Lontrense	1954
Rio do Sul	Cine Bohem	1956
Rio do Sul	Cine Central	1956
Rio do Sul	Cine Teatro Dom Bosco	1963
Taió	Cine Teatro Athenas	1950
Pomerode	Cine Mogk	1941
Ibirama	Cine Teatro Ibirama	1947
Ilhota	Cine São Luiz	1952
Penha	Cine Atlântico	1952
Camboriú	Cine Camboriú	1952
Timbó	Cine Mogk	195-
Balneário Camboriú	Cinerama	1967

Fonte: Elaborado pela autora.

3.3.1 As técnicas no território: a formação da rede urbana regional

De acordo com Siebert (1996), a ocupação do território do Vale do Itajaí, influenciado pela colonização da região e a industrialização levou a uma formação da rede urbana com municípios-polo que exercem uma centralidade em relação a suas sub-redes urbanas, organizados e articulados entre alto, médio e baixo vale. Neste contexto, o centro regional de toda rede urbana é a cidade de Blumenau, e Itajaí aparece como ponto de articulação com o exterior, através da BR-101 e do Porto da cidade. Deste modo, é comum vermos o grande desenvolvimento dessas duas cidades ao longo do desenvolvimento regional do Vale do Itajaí e como elas acompanham na questão do número de salas de cinema inauguradas ao longo do século XX.

É na cidade de Blumenau onde surge a primeira sala de cinema fixa do Vale, seguida pelas cidades de Itajaí e Brusque. No quadro a seguir (quadro 7), podemos ver a população das cidades de Itajaí, Blumenau e Rio do Sul, e acrescentando Brusque, que atua mais como influência polo da região do Vale do Rio Tijucas, apesar de pertencer ao Vale do Itajaí, e representou um grande vetor de desenvolvimento no século XX para o setor cinematográfico do Vale. Lembrando que muitos municípios que vieram a ter cinemas posteriormente, ainda não eram desmembrados das cidades polo como Itajaí e Blumenau e estavam englobadas nestas microrregiões.

Quadro 7: CENSO 1950 (Incluindo distritos pertencentes as cidades)

Município	População
Blumenau (Itoupava e Rio Testo)	48.108
Itajaí (Ilhota, Luiz Alves e Penha)	52.057
Brusque (Botuverá, Itaquá e Vidal Ramos)	32.351
Rio do Sul (Lontras, Pouso Redondo, Rio d'Oeste e Trombudo Central)	57.152

Fonte: Censo IBGE, 1950.

A rede urbana regional do Vale do Itajaí atuou como conectora das cidades desde a Foz do Rio Itajaí, até o Alto Vale, levando investimentos e infraestruturas modernas que chegavam pelo porto de Itajaí as demais cidades, assim como levava também a tecnologia voltada as exibições cinematográficas.

No início do século XX a principal infraestrutura de ligação entre as cidades da região era a ferroviária, inicialmente de capital estrangeiro e posteriormente assumida a direção pelo Estado. Antes disso, havia vapores que carregavam inclusive as peças que permitiram as instalações da ferrovia rio Itajaí-Açu acima. Porém, com a não expansão desejada da rede ferroviária e a necessidade de conectar as demais cidades por onde a EFSC não passava, a ideia de um plano rodoviário se torna cada vez mais atraente. Um exemplo disto, era a ligação entre Blumenau, Gaspar e Brusque, feita por carro de mola por estradas de chão que transportavam as películas de um cinema ao outro e posteriormente ganharam rodovias que faziam esta ligação e comportavam tanto carros de passeio quanto caminhões e outros veículos de carga.

Ligada diretamente a indústria madeireira, a indústria naval começa a ter destaque na década de 1960, o período pós-guerra representou um grande esforço dos estaleiros manufatureiros de Itajaí no sentido de atender a forte demanda da navegação de cabotagem no período, que teve de suprir via mercado interno a carência de mercadorias anteriormente importados por países envolvidos na Segunda Guerra Mundial. Após o período, a indústria naval se volta novamente a construção de barcos pesqueiros, barcos de passeio e escunas. Era a partir dos Navios de carga que vinham diretamente do continente europeu que era possível obter películas de filmes provindos da Alemanha e outros países sem se fazer intermediação em uma distribuidora de grandes cidades como Curitiba, Porto Alegre e o eixo Rio-São Paulo.

De acordo com o Atlas Geográfico de Santa Catarina (1958), o porto da cidade de Itajaí entre os portos catarinenses era o com maior fluxo de cargas de importação ao fim da década de 1950, atualmente o Porto de Itajaí é o segundo maior em movimentação de contêineres do Brasil (EMBRAPA, 2020).

Podemos lembrar também que a indústria naval no vale esteve diretamente ligada a construção da estrada de ferro. Assim que foi inaugurada a implantação da EFSC, esta incorporou a Companhia Fluvial, que foi munida de um barco de ferro para o transporte do material rodante e outras peças pesadas utilizadas na construção da EFSC.

O trajeto de Blumenau a Itajaí, rio abaixo, era feito em 5 horas, e de rio acima em 10 horas. Mais tarde, São Lourenço fazia as viagens irregulares entre a capital da Província e outros pontos da costa catarinense. (...) ele subia o Itajaí-Açu até Belchior, onde corredeiras impediam-no de ir até Blumenau. A seguir, fotografia de uma correspondência do Dr. Blumenau, solicitando verbas para a retirada de pedras do leito do rio, nas proximidades de Belchior, para permitir a passagem do vapor pelo rio Itajaí-Açu até Blumenau. (WITTMANN, 2010, p. 42).

Segundo o Censo de 1950 (IBGE), o núcleo urbano da cidade de Itajaí continha uma população de 19.797 moradores com 5 anos ou mais. O núcleo urbano da cidade de Itajaí continuou se desenvolvendo rapidamente ao longo da década de 1950, e em 1953 é inaugurado mais um cinema na cidade, o Cine Lux, o qual contou com uma manchete no Jornal do Povo, intitulada “Cine Lux – o novo e majestoso cinema que irá funcionar ainda neste ano”, na qual dizia:

“[...] trata-se de um edifício que irá aformosear a cidade e atestarão, [sic] sem dúvida, a fase de progresso por que estamos atravessando. Não obstante possuirmos dois Cinemas, os quais possuem 1300 poltronas, o crescimento da cidade, todavia, está exigindo um novo Cine, com maior conforto e melhores instalações (Jornal do Povo, 24 de maio de 1953)”.

Ainda no início da década de 1950, Itajaí já contava com um aeroporto inaugurado em 1949, o qual recebeu pavimentação da pista de pouso em 1958, ficava localizado na rua Blumenau, bairro Barra do Rio e foi nomeado “Salgado Filho” (figura 44). O bairro contava com uma balsa de travessia entre Itajaí e Navegantes e próxima ao aeroporto operava a fábrica de papel. O aeroporto contava com duas pistas: uma sentido norte-sul que começava na rua Herta Thieme e terminava na Beira Rio do rio Itajaí Açu no bairro Barra do Rio, e outra sentido Leste-Oeste, que iniciava na Rua Blumenau e terminava na beira do rio, sentido região do atual bairro Imaruí. Nele operaram algumas empresas de aviação tal qual Varig, Real (figura 45), TAC e Cruzeiro do Sul. Em 1970 o aeroporto é transferido para a cidade de Navegantes onde opera até os dias atuais. Atualmente desativado, no local do antigo aeroporto existe a central da CELESC de Itajaí.

Outra cidade a ter aeroporto no Vale do Itajaí foi Blumenau, apesar de ter sido inaugurado para voos comerciais somente no ano de 1970, contava com um “clube de aviação” operante desde 1941, o Aeroclube de Blumenau, incentivado e decretado pelo antigo prefeito José Ferreira da Silva (BONOMINI, 2021).

Figura 44 - Pista de Pouso do Aeroporto Salgado Filho – Itajaí.



Fonte: Clube dos Entas – Itajaí, 2013.

Os aeroportos permitiam a mais rápida ida a Rio de Janeiro e São Paulo para contactar fornecedores principalmente de maquinário para exibição, os representantes dos projetores, na época estadunidenses, não contavam com filiais no estado de Santa Catarina.

Figura 45 - Propaganda da Real Aerovias.



Fonte: Clube dos Entas – Itajaí, 2013.

Em 1952 é inaugurado o terminal rodoviário de passageiros de Itajaí e em 1954 é finalizado o trecho da EFSC entre Itajaí e Blumenau, começando a operar efetivamente no início de 1955. A cidade de Itajaí contava com duas estações, uma no bairro Itaipava, denominada Engenheiro Vereza (km 0), e outra no bairro Fazenda (figura 46), onde hoje existe atualmente um supermercado Bistek, sendo concluído em 1962 o ramal da linha férreo que chegava até o porto da cidade (VIEIRA, 2016). A estação Vereza ficou em atividade até sua paralisação em 1971 (WITTMANN, 2010).

Na década de 1950 durante o governo de Juscelino Kubitscheck, na qual o governador de Santa Catarina era Irineu Bornhausen, é criado o Plano de Obras e Equipamentos (POE), que abriu as portas ao capital internacional, visando à troca das importações pelo fortalecimento de indústria.

Figura 46 - Inauguração da Estação Esplanada da Fazenda, 1954.



Fonte: Centro de Documentação e Memória Histórica (CDMH) / Arquivo Público de Itajaí.

O fortalecimento da indústria automobilística foi um grande foco deste período, e para contornar a crise ferroviária nacional de 1957, o governo adquiriu as ferrovias estrangeiras e criou a Rede Ferroviária Federal S.A. – RFFSA.

“Apesar da criação da RFFSA e da aparente tentativa de reorganizar o sistema ferroviário nacional, a RFFSA não poderia contar com o apoio de uma política governamental comprometida e uma administração centralizada, ferroviária, sob uma estrutura econômica estável. O setor ferroviário atuava predominantemente na área de exportação e concorria em desigualdade com os caminhões, que não tinham despesas com a construção e manutenção das rodovias, estas a cargo do Estado” (WITTMANN, 2010, p.178).

Em 1959 com os incentivos a indústria automobilística vigentes, é inaugurado o primeiro trecho com asfaltamento entre as cidades de Blumenau e Gaspar. Em 17 de setembro de 1960 é inaugurada a Rodovia Jorge Lacerda, que liga Itajaí a Blumenau, com 49km de distância.

No ano seguinte, em 1960 é inaugurada a ponte sobre o Rio Itajaí Açu (figura 47), parte do que viria a ser parte da BR-101, inaugurada em 1971 ao longo de toda faixa litorânea do estado de Santa Catarina. A BR-101 idealizada na década de 1960 pelo presidente Marechal Castelo Branco, foi construída pelo Departamento Nacional de Estradas de Rodagem com o

intuito de diminuir o tempo de viagem entre cidade, a rodovia federal fez parte do Plano Nacional de Viação começando em Natal, no Rio Grande do Norte e terminando em Osório no Rio Grande do Sul, passando por toda extensão litorânea de Santa Catarina (Jornal Correio da Manhã, 1966).

Figura 47 - Inauguração da ponte sobre o rio Itajaí-Açú, 1960. Jornal “O Estado”, Florianópolis, 15 de junho de 1960.



Fonte: Hemeroteca Digital Catarinense. Acervo Biblioteca Pública de Santa Catarina.

O fim da construção da BR-101 em Santa Catarina, mais especificamente passando por Itajaí, em conjunto com as novas rodovias como a BR-470 que se conecta com a BR-101 e passa pelas cidades do médio e alto vale, abre um novo capítulo na infraestrutura rodoviária da região, e foi considerada na época como um sinal dos avanços da modernidade.

A modernização do eixo rodoviário da região permitiu o mais rápido e fácil acesso por meio de automóveis entre as cidades do Vale do Itajaí, como Blumenau e Brusque que não contavam com conexão por via férrea como a disponível anteriormente em algumas cidades, tornando o processo de transferência das películas de um cinema para o outro mais ágil.

3.3.2 Tecnologia, exibição e acesso

Com a popularização da energia elétrica nos municípios e investimentos ligados as indústrias têxteis da região, muitos empresários que costumavam ir ao exterior em busca de novos equipamentos, começaram a adquirir cópias de filmes, principalmente na Europa do início do século XX, e os traziam para o Brasil como forma de exploração deste novo mercado cinematográfico. Muitos destes importadores, traziam também equipamentos de projeção e

insumos necessários para operação das exibições de películas. Até meados da década de 1910, o mercado nacional era dominado pelas películas francesas, especialmente a companhia Pathé Frères, sendo os projetores Pathé também eram os mais populares no Brasil em geral.

Com a primeira guerra mundial, os projetores estadunidenses começaram a ganhar mercado, simultaneamente à instalação das primeiras agências de distribuição no Brasil dos populares estúdios de Hollywood: a Universal em 1915 e as da Fox e Paramount em 1916. A partir da década de 1920, os projetores alemães *Ernemann-Krupp e Hahn Goerz* se tornaram opções comumente encontradas em solo nacional. A companhia distribuidora *Urania Film* comercializava também outro projetor importado alemão, o *Saxonia V Nitzsche* (FREIRE, 2018).

De acordo com Sandro Gracher Baran, hoje a frente da rede Cine Gracher e Carlos Búrigo, que trabalha nos cinemas de Brusque a quase 55 anos¹⁵, ao longo das décadas os cinemas da família Gracher em Brusque trabalharam majoritariamente com projetores de origem Norte Americana, como os projetores Christie, *International Projector Corporation* que posteriormente se tornou a Simplex, e posteriormente da marca belga, Barco.

As pessoas que costumavam montar cinemas nas cidades, geralmente eram donas de outros negócios ou indústrias e iniciavam as atividades exibidoras como hobby ou teste de investimento. O custo de implantação de um cinema sempre foi relativamente alto por conta da tecnologia agregada necessária e a falta de acessibilidade a este maquinário específico, principalmente no início do século XX. De acordo com Freire (2018), podemos ter uma ideia de qual o custo de implantação de um pequeno cinema, mesmo que itinerante no início do século XX:

Nos primeiros tempos dos exibidores ambulantes e das salas de cinema temporárias no Brasil, a compra de algumas cópias de películas (estrangeiras) representava um investimento financeiro mais alto do que a aquisição do equipamento de projeção em si (igualmente estrangeiro). Num catálogo de 1905, destinado àqueles que desejavam se iniciar no negócio cinematográfico, a empresa importadora Marc Ferrez & Filhos listava os itens necessários. Dentre eles, “um projetor completo” custava seiscentos mil reis (600\$000), enquanto um lote de filmes somando 300 metros – a quantidade mínima para a realização de pelo menos uma sessão – era mais caro, saindo por 750\$000 (FREIRE, 2018, p. 107).

Para que o investimento obtivesse retorno, o valor das entradas dos cinemas não era dos mais baratos. Este setor ligado a atividades culturais iniciou sua trajetória como uma atividade das elites por conta dos horários restritos e altos preços dos ingressos, mas foi se popularizando à medida que o setor industrial e comercial da região começou a fomentar a atividade em prol

¹⁵ Entrevista realizada em 28 de junho de 2022.

de seus funcionários, como por exemplo as sessões especiais para funcionários da Empresa Industrial Garcia. Outra prática comum para atrair jovens, eram as matinés que continham entrada franca para moças ou públicos específicos. O valor das entradas dos cinemas só foi regulamentado em 1948, instituído pela CCP (Comissão Central de Preços). O tabelamento de preços de ingresso classificava os cinemas em cinco categorias, avaliadas sob várias características. Tais categorias iam de A (preço máximo) a E (preço mínimo).

A popularidade dos cinemas em meados do século XX permitiu maior acessibilidade a população e toda uma infraestrutura urbana ligada às sessões cinematográficas que ocorriam principalmente nos polos regionais – Itajaí, Brusque e Blumenau.

3.3.3 Cinema e sociabilidade urbana

Os cinemas foram utilizados a partir do início do século XX como ferramenta que auxiliou na disseminação da modernidade catarinense, principalmente no Vale do Itajaí. Ele acompanhou lado a lado as evoluções do ambiente moderno, como a ligação da malha ferroviária e rodoviária da região, a distribuição de energia elétrica e o crescente investimento do capital industrial, principalmente têxtil. O cinema participou da evolução da colônia, auxiliando na conexão entre os imigrantes e sua terra natal, e posteriormente como forma de adaptação dos migrantes internos de outras regiões brasileiras. Foi utilizado também por companhias loteadoras em conjunto com indústrias da região, como o caso da Vila Operária em Itajaí.

A modernidade presenciada pelos imigrantes através do cinema em seu novo continente foi possível por conta da invenção da “vida moderna”, que permitiu a existência do meio cinematográfico, e estaria ligada, sobretudo, às mudanças do capitalismo industrial, surgimento de uma sociedade de massa e consumo, atrelado a novas formas de entretenimento.

Ao longo do tempo, com o crescimento da população das cidades do Vale do Itajaí e a transição entre pequena colônia para cidades mais populosas, também se modificam as necessidades do público. Notam-se em cidades como Blumenau, Itajaí e Brusque, como existe uma certa característica cosmopolita que permeia estas cidades polo. A presente frequência de hotéis com instalações anexas, como cinemas, casas de shows e bares que permitiam uma maior sociabilidade urbana com características de cidades maiores, modificando a interação inicial mais pacata, características das colônias de imigração até o início do século XX. Estes hotéis para Benjamin (2006) fazem parte da condição do homem moderno, do imigrante e do apátrida, como uma representação do cosmopolitismo incondicional, representante da hospitalidade. Os hotéis representavam uma “terra de ninguém”, feita para receber cidadãos do mundo. Enquanto

isso, nas cidades do Vale do Itajaí, principalmente Blumenau e Brusque, estes hotéis foram os primeiros lugares a receberem salas fixas de cinemas, utilizando-se de exibições de películas estrangeiras que rememoravam os cidadãos de sua pátria de origem.

Após o início da construção de ferrovias ligando o porto de Itajaí ao Alto Vale, o desenvolvimento dos núcleos urbanos além da capital econômica do Vale no início do século XX, Blumenau, a modernidade se difunde principalmente na ligação entre as cidades polo da região, Itajaí, Brusque, Blumenau e Rio do Sul. Com isto, podemos ver o surgimento de ruas pavimentadas, iniciativas de crédito como bancos próprios, aeroportos, e toda uma malha viária que influenciaria na vida de seus habitantes que se desenvolve ao longo do século XX. Em conjunto com essas infraestruturas, os industriários também começaram a investir em iniciativas de lazer, não só em prol próprio, mas também opções que fossem acessíveis as classes populares. Foram criados cinemas populares com valores acessíveis, praças, o surgimento de novos comércios que instigavam a população a vivenciar as ruas, agora já iluminadas durante a noite, graças aos investimentos em hidrelétricas na região.

Este início do século XX contou com as mais diversas ideias ligadas a ideia de desenvolvimento e progresso, o mesmo movimento ocorreu em diversos núcleos urbanos do país e do mundo. Talitha Ferraz (2009, p. 2) discorre a respeito da *Belle Époque* o Rio de Janeiro, às influências do urbanismo de Hausmann em Paris e como nestas “praças, que, remodeladas ou inauguradas, permitiam o *footing* da burguesia nascente”, em conjunto com as mudanças na paisagem graças ao fornecimento de energia elétrica. Algo semelhante ao ocorrido nas centralidades urbanas do Vale do Itajaí, e aplicado às cidades polo da região.

Ainda na década de 1950, chamada “década de ouro” do capitalismo e o pensamento de ideais “urbanos” tão almejados pelas políticas do Vale do Itajaí, trouxe à tona experiências socioculturais comuns na Europa e Estados Unidos, dentre elas, o popular “*footing*”. Prática que consistia em passear pelo centro da cidade e frequentar pontos específicos entre cafés e lojas, comumente antes da matinê dos cinemas. De acordo com Vieira (2016, p. 120):

“Havia uma divisão de classes silenciosa, esses horários eram “reservados” para a burguesia que colocavam seus melhores trajes, normalmente preparados por alfaiates e costureiras de renome ou comprados nas casas comerciais mais distintas da cidade”.

Os *footings* também eram influenciados diretamente pelos investimentos do capital ferroviário e rodoviário, pois eram seus horários de trens e ônibus que levavam boa parte dos telespectadores até os cinemas, ligando as cidades da região a cidades polo, como Blumenau.

A prática do “*footing*” era feita principalmente pelas classes mais abastadas, tornando-se uma prática das elites. Estas mesmas elites tornaram o eixo do percurso dos *footings* espaços

de sociabilidade e comércio voltado para elas. Nesta mesma época, tornaram-se comuns em cidades como Itajaí e Blumenau as boutiques de roupas que ofereciam a alta sociedade roupas iguais a moda parisiense, ou até mesmo vindas do continente Europeu, como a Casa Imperial e a Casa Balinho.

“Consistia num passeio onde os moços (geralmente) ficavam às margens da rua [Hercílio Luz] enquanto as moças “desfilavam” no centro. Na década de cinquenta, era inclusive fechado para carros nos horários de costume para o “footing” (FÁVERI, 1996, p. 102).

As sessões de cinema, horários e os trajetos dos *footings* podem parecer coincidências, porém, os horários de cada exibição cinematográfica e valores dos ingressos sempre foram pensados em relação ao público-alvo. De acordo com Adorno (2021), a distinção entre os filmes de classe A ou B, o valor dos ingressos e o fato de haver uma hierarquia entre as qualidades das produções em série, funciona de modo classificador como cada um deve se comportar de acordo com seu “nível”, ou seja, dirigir-se a categoria de produtos de massa aos quais lhe foi preparada, dividindo-se assim os consumidores por grupos de renda.

Podemos notar nesses anúncios do Cine Busch de Blumenau (figura 48), todos são do mesmo mês e semana no ano de 1943, e representam os diversos tipos de sessões existentes. O primeiro, uma sessão de quarta-feira a noite, um filme mais popular de comédia com valores de ingressos a partir de C\$1,00 a C\$2,00.

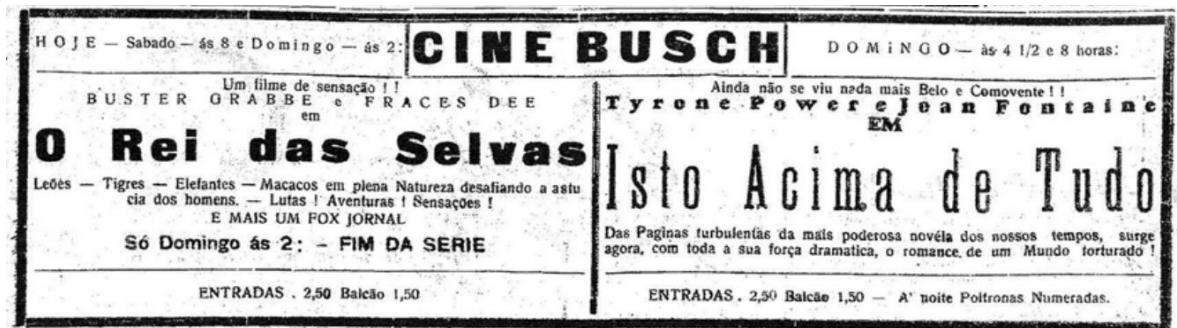
Figura 48 - Anúncio Cine Busch, Jornal A Nação, 26 de agosto de 1943.



Fonte: Hemeroteca Digital Catarinense.

O segundo anúncio (figura 49) da mesma semana, trazia a programação de sábado e domingo, filmes de aventura e romance para toda a família, com ingressos a partir de C\$ 1,50 a C\$2,50.

Figura 49 - Anúncio Cine Busch, Jornal A Nação, 28 de agosto de 1943.



Acervo: Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina

Fonte: Hemeroteca Digital Catarinense.

Enquanto no terceiro anúncio (figura 50), era uma sessão especial de gala de sexta-feira, ingressos mais caros a partir de C\$2,00 podendo chegar a C\$6,00 o valor da poltrona numerada, claramente voltada a um público mais seletivo.

Figura 50 - Anúncio Cine Busch, Jornal A Nação, 19 de agosto de 1943.



Acervo: Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina

Fonte: Hemeroteca Digital Catarinense.

Segundo os arquivos disponíveis do Jornal “A Nação” da cidade de Blumenau, o qual trazia diariamente a programação do Cine Busch, as sessões de gala a partir da década de 1940 não eram mais tão frequentes, porém ainda existiam e se voltavam a um público mais seletivo, com filmes especiais e grandes produções.

Essas iniciativas não eram só por estética ou visando o bem-estar da população, com a expansão das cidades e indústrias locais, era necessário apresentar atributos que fossem chamativos para que uma nova leva de trabalhadores viesse se instalar nas cidades do Vale do

Itajaí, principalmente Itajaí, que durante o auge da exportação madeireira se expandiu consideravelmente e precisava com urgência de mão de obra.

O Vale do Itajaí continha público suficiente de elites para montar espetáculos voltados a essas classes sociais, o maior problema da época era trazer mão de obra para trabalhar na expansão da região. Na segunda metade do século XX, o vale era um forte centro econômico de Santa Catarina. De acordo com Lago a respeito do Vale do Itajaí na década de 1960 (1971, p. 201):

“Quanto ao valor da produção industrial, a participação do município de Blumenau, em todo o Estado, tem atingido 13,5%. Na Bacia do Itajaí sua liderança é esmagadora, contribuindo com quase 50% do valor da produção regional. O Estado participa em torno de 30% quanto ao mesmo fato e tem absorvido 33% da mão-de-obra do setor secundário das atividades econômicas, enquanto Blumenau, no conjunto da Bacia, absorve mais de 40% da força de trabalho industrial” (LAGO, 1971, p.201).

Por conta desta forte produção industrial e a necessidade de mão de obra para trabalhar na região, foi-se necessário pensar em alternativas de lazer e vivência atrativas também para a classe trabalhadora, e foi assim que surgiram os cinemas operários.

Os exemplos mais marcantes de cinemas para as classes populares no Vale são o Cine Garcia, no bairro homônimo da cidade de Blumenau, e o Cine Popular, instalado na Vila Operária em Itajaí. Ambos tinham como característica a localização próxima às indústrias em bairros voltados para as classes populares e o baixo valor dos ingressos.

O Cine Garcia, operava no salão anexo ao comércio de secos e molhados de Hermann Hinkeldey, onde operava até 1941 um salão dançante do conjunto Musik-Club Garcia, inaugurado oficialmente em 1944, mas exibindo filmes desde 1941, com o nome de Cine Garcia, era também chamado de pulgueiro por ser simples e atender as classes populares até 1974, quando encerrou suas atividades e cedeu espaço para instalação da paróquia da Igreja Santo Antônio.

Além de cinema, segundo Adalberto Day, o local era um ponto de encontro da juventude, com trocas de gibis e paqueras. Existia até mesmo uma suposta premiação, quem encontrasse uma pulga carimbada e a entregasse ao proprietário seria premiado. A maioria dos frequentadores moravam nas redondezas e iam até o cinema a pé ou de bicicleta, por ser um cinema de bairro, ao contrário da maioria dos cinemas de Blumenau, não havia tanto acesso de pessoas de outros municípios que chegavam com as linhas de trem ou ônibus. No início das sessões soava um gongo e era tocada a música tema de “Django”. Os filmes exibidos provinham da distribuidora Fama Filmes, localizada em Curitiba.

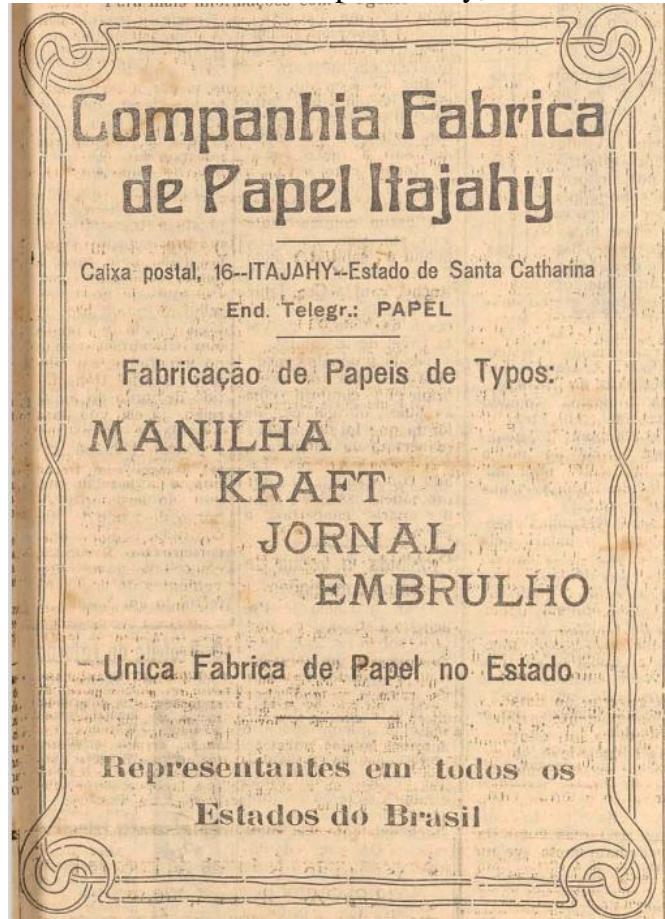
O Cine Garcia exibia semanalmente uma sessão exclusiva para os soldados do 23º Batalhão de Caçadores, depois 23º Regimento de Infantaria, hoje 23 BI, com os ingressos ao mesmo preço da meia-entrada. Ao fim das sessões, o ponto de parada dos espectadores do Cine Garcia era o bar que ficava ao lado, propriedade do Sr. Schoenfelder, que servia sorvete caseiro.

Enquanto isso, na cidade vizinha, Itajaí também tinha um cinema voltado para as classes operárias, o Cine Popular. Ele foi criado em 1928 com o intuito de promover uma atividade social e cultural para os moradores do novo bairro da cidade de Itajaí, a Vila Operária. Com a característica de ser voltado para as classes populares da cidade, o Cine Popular, foi propriedade Immanuel Currin, já dono de outros cinemas existentes na cidade, o Cinema Oriente e Cine Ideal, ambos localizados no centro da cidade.

3.3.3.1 O Porto de Itajaí, a Vila Operária e o Cinema Popular

Nesta época, já existiam e operavam modo ascendente as indústrias localizadas nas cidades de Blumenau e Brusque. O capital industrial presente nessas duas cidades, apesar de consideravelmente maior que o de Itajaí, faz uma ligação estratégica com a cidade portuária por conta das empresas de importação e exportação ali presentes. Dentre elas, especialmente a Konder & Co. Esta associação entre os municípios e indústrias da região pode ser vista como estratégica na medida em que os industriais necessitavam de máquinas, equipamentos e insumos, os quais eram em grande parte provindos de importações. Enquanto também é notável a aplicação do capital Industrial da Companhia Hering, tanto na compra da Fábrica de Papel na Barra do Rio (figura 51), que pertencia a G. Reifi e filho, quanto os investimentos feitos na Usina Adelaide, fabricante de açúcar e aguardente, que se instalou em diversos municípios de Ilhota até Tijucas, em associação aos Konder. A Usina Adelaide, 1956 foi comprada pela Usina de Açúcar Tijucas, sendo a fusão das empresas batizada de USATI S.A. que em 1976 deram origem a Refinadora Catarinense S.A. (JACOBSEN, 1998) que originaram o que hoje é o Grupo Econômico Portobello, conhecido pela fabricação de cerâmicas de renome mundial.

Figura 51 - Anúncio da Fábrica de Papel Itakahy, Jornal do Povo dez. 1935.



Fonte: Hemeroteca Digital Catarinense.

Para subsidiar as ideias e investimentos destas indústrias locais, Irineu Borhausen (Itajaí) e Otto Renaux (Brusque) surgem com a ideia de criação de um banco próprio. A iniciativa da criação de uma organização financeira própria, fruto da industrialização do Vale do Itajaí, agradou e logo recebeu apoio de outros nomes como Bonifácio Schmidt, Victor Konder, Antônio Ramos e Augusto Voigt, e o principal organizador Genésio Miranda Lins. Em 23 de fevereiro de 1935 foi a assembleia geral que decretou o início das operações, tendo como capital inicial 1.200,00 Cruzeiros (PAULI, 2012). Na imagem a seguir, o Banco Inco (figura 52) localizado em Itajaí na rua Hercílio Luz, localização nobre no centro da cidade onde a edificação existente até os dias atuais em estilo modernista contendo trações Art Deco, onde opera atualmente o Banco Bradesco, que adquiriu o INCO em 1968.

Figura 52 - Banco Inco de Itajaí.



Fonte: Mural Histórico de Itajaí.

Moreira (2002) aborda o interessante caso da formação da Vila Operária, em Itajaí, que teria surgido do interesse em organizar um novo bairro que representasse o setor econômico industrial na cidade de Itajaí. A ascensão da classe média urbana, resulta no setor financeiro com o surgimento do Banco Indústria e Comércio de Santa Catarina, o Banco INCO. Em conjunto com as ideias de sociabilidade urbana e lazer desta classe média e a necessidade de ter atrativos para a mão de obra necessária tanto para a construção do bairro como operários para atuarem nas futuras indústrias operantes no local, a Vila Operária contou com um cinema a partir de 1928, chamado de “Cinema Popular”, que ofertava sessões de cinema semanais, principalmente voltado as classes populares, mas que também atendia a classe média em ascensão, pois o bairro era subdividido em eixos, sendo uma parte voltada a instalação de indústrias, outra para as casas das classes mais elevadas e outra para as casas populares dos operários.

José Eugênio Müller, sobrinho do político Lauro Müller, foi um dos líderes da revolução de 30 na cidade de Itajaí. Foi um dos idealizadores da Cooperativa Sociedade Construtora Catarinense em 1924 e o responsável pela construção da Vila Operária. De acordo com o Jornal O Pharol de 1924 (HEMEROTECA DIGITAL CATARINENSE, 1924), 78 pessoas, empresas

e organizações participaram da fundação da Sociedade Cooperativa de Responsabilidade Limitada Construtora Catarinense. Dentre estas pessoas, podemos identificar Immanuel Currlin, um dos idealizadores de cinemas na cidade de Itajaí.

A Vila Operária nasce como um empreendimento urbano, planejado e construído apesar dos fins imobiliários, com outros objetivos, ligados ao desenvolvimento econômico e social da cidade de maneira planejada, ao contrário de empreendimentos como a Usina Adelaide a Fábrica de Papel, expansões na época, do capital mercantil, sem outros fins além do retorno e ampliação dos próprios investimentos (MOREIRA, 2002, p. 77).

Dentre os investimentos industriais captados pelo novo bairro, temos como exemplo a fábrica de teares mecânicos Buddemeyer, fábrica de Tecidos Itajahy de Azevedo Petermann, que junto a ela também operava uma indústria de cigarros, Fundição Hoffman e a fábrica de móveis de Emmendoerfer e Zipf.

O plano da Vila Operária tinha dois eixos, a área ao norte destinada a indústrias e a área a sul destinada a moradias dos operários (figura 53), sendo o eixo divisor de ambas a rua Silva. Segundo Moreira (2002, p.80), era fácil de distinguir as camadas sociais existentes ao longo das moradias, dividindo-se de tal modo:

Na rua principal (atual José Eugênio Müller), construíram-se amplas casas de material com quintais ajardinados e nas ruas paralelas, casas mais simples de madeira e quintais mais rústicos. Na rua principal morava uma classe social nascente em Itajaí, uma pequena burguesia urbana: alfaiates, jornalistas, advogados, oficiais da marinha, artesãos, professores, pequenos comerciantes, administradores de indústrias. Hoje se identifica esta classe como classe média em toda sua extensão. Nas ruas paralelas, operários, jornaleiros (pessoas pagas por hora de serviço), estivadores e marinheiros. Ambos os tipos de moradia configuravam-se em certa parte, imóveis para aluguel, conferindo um caráter especulativo ao empreendimento (MOREIRA, 2002, p.80).

Figura 53 - Vila Operária, 1925.



Fonte: Clubes dos Entas Itajaí.

A sociedade cooperativa se extingue com a mudança de José E. Müller para o Rio de Janeiro onde foi prefeito de Nova Friburgo, onde voltou a realizar alguns empreendimentos semelhantes aos de Itajaí, inclusive a construção de uma vila operária e um grande hotel no centro da cidade. Foi também diretor do BANERJ - Banco do Estado do Rio de Janeiro, e neste estado faleceu em 1963. Alguns sócios como Alberto Werner e Fiúza Lima continuam no mercado imobiliário da cidade com a idealização de diversos loteamentos.

3.4 O PERÍODO CONTEMPORÂNEO - PÓS 1970

Acompanhando as tendências da modernização nacional, não demorou para as rodovias asfaltadas se espalhassem pelo Vale, dando início ao processo de decadência das ferrovias ali existentes.

Ironicamente, as inaugurações dos trechos da EFSC prosseguiam nesse tempo. No dia 22 de junho de 1964, foi inaugurado o último trecho de 18 quilômetros entre Trombudo Central e São João, em Agrolândia –, que funcionou por somente três meses. A ausência de interesse pelo modal ferroviário era tão evidente por parte de seus administradores, que quando ocorreu um desmoronamento no trecho de Trombudo Central e São João, em 1964, não houve qualquer iniciativa em promover a limpeza e o conserto da linha. O trecho foi desativado dois anos após a sua inauguração. Segundo Luiz Carlos Henkels, da ABPF, o trecho, mal construído, não suportou a primeira chuva torrencial na região” (WITTMANN, 2010, p.180).

Em 1971 é inaugurada a BR-101, que corta Santa Catarina de Norte a Sul, e em sequência, foram feitos investimentos na criação e pavimentação de rodovias como BR-470, 116 e 282. Com a pavimentação da BR 470, mais trechos da EFSC começam a ser desativados para que seja implementado mais capital na indústria de caminhões de carga para fazer o mesmo trecho, indo da foz do rio Itajaí até o alto vale.

No dia 13 de março de 1971, obedecendo a determinações do governo federal, o comboio da Estrada de Ferro Santa Catarina fez sua última viagem de Blumenau em direção a Itajaí. A Associação reclamou da medida e lutou para que ela não fosse implementada, alegando a franca recuperação apresentada pela ferrovia nos últimos anos. No entanto, os esforços das lideranças locais, que lutavam pela manutenção da ferrovia, foram em vão" (SANTIAGO, 2001, p. 144).

A construção das rodovias no Vale do Itajaí facilitou a locomoção rodoviária entre as cidades da região, permitindo que o público se deslocasse mais rapidamente entre cidades vizinhas. Novamente as cidades polo, como Itajaí, Brusque, Rio do Sul e Blumenau, tiveram um aumento nas infraestruturas urbanas e de lazer. Este “ambiente moderno de lazer”, cada vez mais cosmopolita e diversificado, foi se modificando a partir da década de 1980 com a criação de galerias e centros comerciais que abrigavam várias lojas e sociabilidades urbanas, e posteriormente com os *shoppings centers* na década de 1990. Neste período, o modo como as pessoas veem e vivem as cidades foi se modificando, e o fechamento das salas de cinemas de rua foi um dos sintomas deste novo modo de vida urbano em que as sociabilidades saíram das ruas e adentraram os espaços privados.

É após o fim da Segunda Guerra Mundial que se inicia uma nova era do percurso capitalista, um momento dominado pelas firmas multinacionais, fato que irá refletir no cenário global 30 anos mais tarde. É em meio a década de 1970 que se esboça uma nova divisão territorial do trabalho no Brasil, é o momento de implantação dos complexos polos industriais. A modernização das comunicações, ampliação das redes de transportes, principalmente a rodoviária e a modernização do capitalismo agrário bifurcam para uma internacionalização dos meios de produção em meio a periodização do “meio técnico científico de Milton Santos (2001).

Neste cenário, o Estado é compelido a adotar uma política de grande potência, devido a política de crescimento progressivo da produção de bens de capital, para os quais não existe mercado interno, o que favorece as grandes empresas sem considerar as grandes massas já empobrecidas (SANTOS, 2001).

Neste mesmo cenário a partir de 1970, a união entre a ciência a técnica e a informação tornando um mercado global, surge o meio técnico-científico-informacional. Com as

informações e finanças passando a ser dados importantes, influenciando na arquitetura da vida social e do espaço. É neste cenário que os cinemas de rua vão fechando suas portas, moldados por uma nova ordem do território, agora globalizada.

Em meio a contemporaneidade presente após a década de 1970, os cinemas começam a entrar em declínio. Entretanto, um estudo de caso do Vale do Itajaí conseguiu perseverar em meios a adversidades encontradas por tantos outros exibidores cinematográficos da região, é o que abordaremos em “O Caso Gracher”.

3.4.1 O Caso Gracher

Em 122 anos de história desde a chegada do cinema ao Vale do Itajaí – 1900-2022 – a família Gracher, oriunda da cidade de Brusque tem sua história entrelaçada com as salas de cinema desde 1915, quando Carlos Gracher e Thereza Kormann instalaram seu primeiro cinema, ainda anexo ao Hotel Schaefer, no centro da cidade. Como contado por Sandro Gracher Baran em entrevista concedida em 2022, o primeiro cinema da família foi possibilitado pela recém-chegada energia elétrica em Brusque, graças as iniciativas das indústrias da região e o governo local, assim como outras cidades vizinhas conforme abordamos anteriormente.

A primeira implantação de energia elétrica em Brusque foi em 13 de novembro de 1913, iniciativa de Johann Balthasar Bauer III, político conhecido como João Bauer, na localidade da atual Guabiruba, que seria emancipada como município em 1962 pelo prefeito Carlos Boos (GRACHER, 2005).

Carlos Gracher, filho de emigrantes alemães, nasceu na cidade de Tubarão em 29 de agosto de 1878, sul de Santa Catarina, onde residiu até os 15 anos de idade, quando decidiu trabalhar profissionalmente como seleiro e se mudou para Brusque. Algum tempo depois, abriu uma casa de comércio onde vendia e trocava mel de abelha, banha e cera para locais e exportava seus produtos para o Rio de Janeiro por meio do porto de Itajaí (figura 54). Casou-se em 1905 com Thereza Kormann, filha de Águida e Vicente Kormann, proprietários de uma cervejaria em Guabiruba. No mesmo ano em que se casaram, o casal Carlos e Thereza arrendaram o Hotel Schaefer, localizado próximo a prefeitura no centro de Brusque, iniciando o que seria a primeira empresa Gracher (figura 55).

Em 1915, Carlos e Thereza instalaram anexo ao hotel, o Cine Esperança (figura 56), primeiro cinema da história dos Gracher, que tinha cadeiras de palha como assentos, sendo duas delas reservadas ao delegado de polícia local e um acompanhante. A sessão só teria início após a chegada da autoridade pública e dos frequentadores mais assíduos, não havendo hora exata

para início da película. Isso por conta de os frequentadores no início serem quase sempre os mesmos, segundo Gracher (2005). Na hora de iniciar a sessão, era tocado na rua uma sineta perto da porta de entrada.

Figura 54 - Hospedaria, selaria e casa de comércio de Carlos Gracher em 1905.



Fonte: GRACHER – Uma empresa faz 100 anos (Gracher, 2005).

Os filmes exibidos eram alugados nas distribuidoras na cidade de Itajaí ou Blumenau, e Carlos e Thereza locavam um carro ou usavam um dos dois táxis que existiam na praça de Brusque para conseguir ir buscar os filmes. O trajeto tinha que ser feito por via rodoviária, na época precária, pois não havia passagem da linha ferroviária pela cidade. Por conta desses filmes serem buscados em outras cidades, alguns levavam meses até serem exibidos em Brusque. As películas eram fabricadas em quantidade limitada e uma mesma película percorria várias cidades, sendo que a preferência da ordem de exibição começava nas cidades maiores e cinemas mais famosos, até chegar as regiões interioranas.

Figura 55 - Jornal Gazeta Brusquense, ed. 35, 1924.



Fonte: Hemeroteca Digital Catarinense.

Alguns anos após a inauguração do primeiro cinema, o pai de Thereza Kormann comprou uma casa construída na atual Rua Consul Carlos Renaux e lhe presenteou como dote de casamento. A casa foi residência da família, bar, loja de arreios e os cômodos restantes transformados em pensão, o que fez a família Gracher entrar no ramo hoteleiro da cidade de Brusque.

Figura 56 - Anúncio no jornal "O Progresso", 19 de junho de 1931.

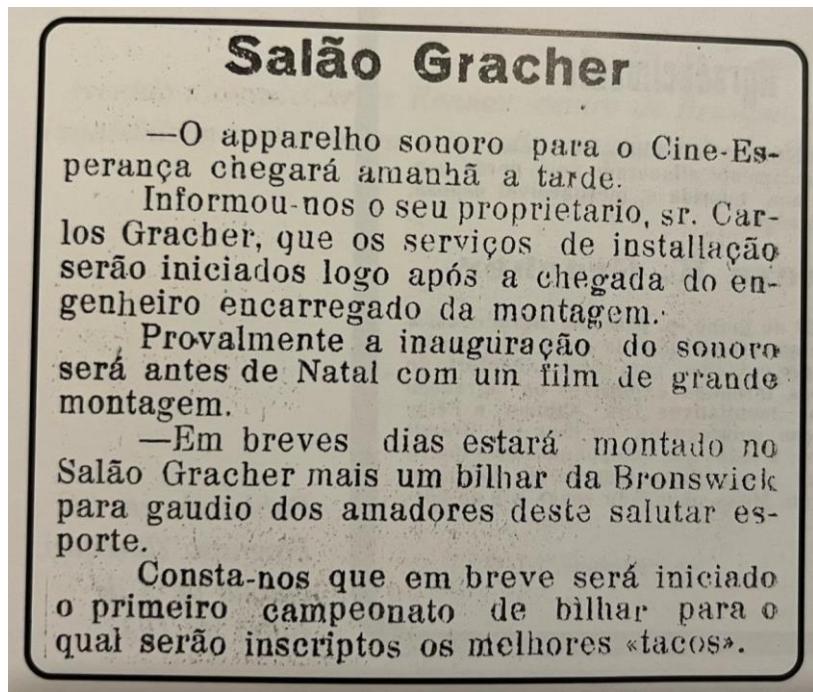


Fonte: GRACHER – Uma empresa faz 100 anos (Gracher, 2005).

Carlos Gracher foi juiz de paz, delegado de polícia e superintendente da cidade. Em seguida, Carlos e Thereza ampliaram a residência e instalaram nela o Cine Guarany, que já exibia filmes sonoros em 1932, algo muito moderno e avançado para os cinemas da época. O cine Guarany foi inaugurado em 3 de março de 1934. O aparelho utilizado era o Vitaphone, que combinava a imagem com os sons gravados em disco (LPs), ainda sem som na própria película.

Posteriormente foi instalado no cinema, um Movietone, á acompanhado de imagem e som no mesmo celuloide (figura 57).

Figura 57 - Anúncio no jornal “O Progresso”, 4 de dezembro de 1931.



Fonte: GRACHER – Uma empresa faz 100 anos (Gracher, 2005).

Em 1952 quem assume os negócios da família é Arno Carlos, filho de Carlos Gracher e Thereza Kormann. Arno foi soldado e serviu na Segunda Guerra mundial, convocado para servir junto ao batalhão de Blumenau. Em 1945 com o fim da Guerra, ele retorna a Brusque e em 1947 se casa com Nayr Flor (figura 58), filha de um alfaiate local. Em 1949 Arno Carlos já auxiliava nos negócios da família e era sócio da Mayer & Gracher Ltda, firma do ramo de rádios, refrigeradores e materiais elétricos.

Nayr (1928 – 2018), a entrevistada e principal fonte de informações do livro Gracher (2005), atuou como empresária a frente dos negócios da família Gracher junto de seu marido Arno, em 1948 assumiram o bar e bilhar, onde era o antigo Cine Guarany e instalaram o Cine Real.

Em junho de 1949, Arno e Nayr inauguraram o Cine Real (figura 59). Os filmes eram tocados a carvão e quanto mais claro o fogo da combustão, melhor era a imagem exibida pela película. A cabine era construída em concreto e forrada com folhas de zinco. Em uma noite de 1952, a janela do projetor foi deixada aberta e provocou um incêndio no Cine Real. Os próprios espectadores ajudaram a buscar água em baldes para ajudar a apagar o fogo. Apesar do fogo ter

sido controlado, todo o acervo e equipamentos foram destruídos pelo incêndio, causando um prejuízo de 24 contos de réis (GRACHER, 2005).

Figura 58 - Casamento de Carlos e Nayr Gracher, 3 de maio de 1947.

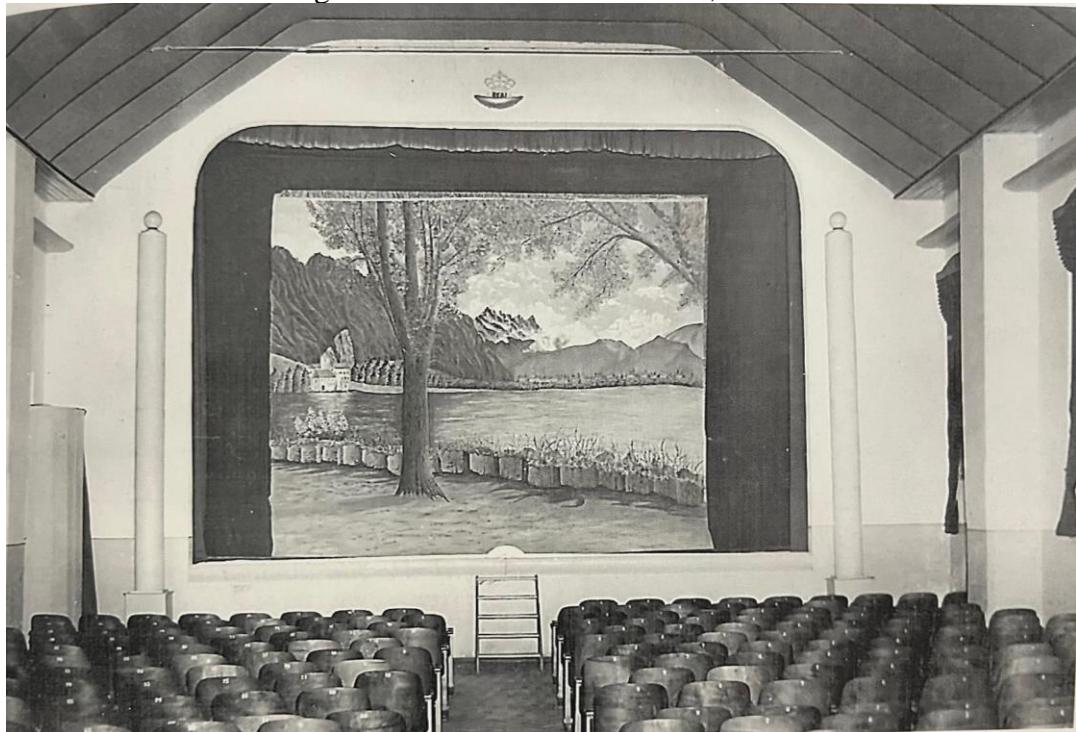


Fonte: GRACHER – Uma empresa faz 100 anos (Gracher, 2005).

Em 1956, o prédio onde aconteceu o incêndio e operou os cinemas Esperança, Guarany, Colyseu e Real foi demolido para construção de uma nova edificação que viria abrigar o Cine Teatro Real, projetado pela empresa Moellmann e Rau Ltda. E construído por José Bolognini & Gevaerd. Wolfgang Ludwig Rau foi um arquiteto suíço que atuou no Brasil e criou diversas obras em Santa Catarina, incluindo diversos cinemas. Era conhecido por emplegar técnicas modernistas em concreto armado pouco utilizadas até meados do século XX no Brasil. Associou-se ao político e empresário José da Costa Moellmann, natural de Florianópolis, e juntos criaram a Molmann e Rau Ltda (TEIXEIRA, 2009).

Obra de Rau, o Cine Teatro Real foi inaugurado em 1957 (figura 60) com a primeira exibição do filme “Tudo Que o Céu Permite” (*All that Heaven Allows*, título original), estrelando Rock Hudson e Jane Wyman. Romance estadunidense lançado em 25 de dezembro de 1955, distribuído pela Universal Studios. Ele foi construído com 1250 poltronas, e resultado de uma sociedade entre Arno Carlos Gracher, Bernardo Krischner, Dr. Erick Bueckmann, Dr Antônio Schaefer e Valéria Walendowsky.

Figura 59 - Interior do Cine Real, 1949.



Fonte: GRACHER – Uma empresa faz 100 anos (Gracher, 2005).

Na época do Cine Teatro Real, a “sala mais moderna de Santa Catarina”, a tradição de duas cadeiras reservadas a autoridade local perdurava. Durante a década de 1950, muitos gêneros cinematográficos eram exibidos, principalmente os chamados grandes clássicos – Tarzan, Flash Gordon – e a era de ouro das comédias nacionais ainda tão lembradas, de Mazzaropi, Grande Otelo e Oscarito. Durante as matinés, chamadas de sessão das moças, mulheres não pagavam entrada.

A nova sala ainda se chamava Cine Teatro Real e contava com equipamentos mais sofisticados e modernos com som totalmente digital e processadores de última geração. A sala de exibição cinematográfica nova ficava no antigo mezanino do Cine Teatro Real e contava com 220 poltronas e 3 sessões diárias. Em 2005 o cinema foi renomeado para Cine Gracher, e com o passar dos anos, foi-se tendo a necessidade de ampliar o número de salas, e atualmente, esta unidade do Cine Gracher conta com 4 salas de exibição com suporte para filmes 3D implantados em 2010 e todo equipamento com tecnologia digital. Foi a primeira sala 3D Digital do interior de Santa Catarina e a terceira a ser implantada no estado, com 228 lugares, seis caixas de som e luz em LED nas escadas com poltronas referenciadas por numeração.

Em 1967, Arno Carlos Gracher se tornou proprietário e diretor da empresa de cinema após comprar as ações de seus sócios. Nos anos 1980, foram incluídas na programação as pornochanchadas brasileiras. Um destes filmes estrelava um ator de origem brusquense,

conhecido como Nari. Ele foi trazido em um dia de sessão do filme para dar autógrafos e recepcionar os espectadores.

Figura 60 - Padre Vendelino Wiemes durante a benção do Cine Teatro Real, 1957.



Fonte: GRACHER – Uma empresa faz 100 anos (Gracher, 2005).

Em 1984 foi quebrado o recorde de bilheteria do Cine Teatro Real, com o filme “O Dia Seguinte” (*The Day After*, título original), filme estadunidense lançado em 20 de novembro de 1983 pela *ABC Motion Pictures*, estrelando Jason Robards e JoBeth Williams, e dirigido por Nicholas Meyer.

Em 1994 o Cine Teatro Real encerra sua atividade como cinema de rua e é reinaugurado em 17 de março de 1999 com a inauguração do Shopping Gracher, no mesmo endereço onde existia a sala anteriormente. O novo empreendimento contava com 9 mil metros quadrados de área e o engenheiro responsável foi o filho de Nayr e Arno, Carlos Gracher Neto. O intuito da obra segundo Nayr, em seu relato no livro “Gracher: Uma empresa faz 100 anos”, era de um “local capaz de resgatar a tradição de força comercial da área central da cidade” (2005, p. 149).

A nova sala continha um conceito mais moderno e contava com equipamento de som digital, processadores de alta definição de efeitos e objetivas de última¹⁶. Os filmes exibidos na

¹⁶ Entrevista verbal integral localizada no Apêndice A.

inauguração foram - a aventura “A Máscara do Zorro”, estrelando Antonio Banderas, o drama “Lado a Lado”, estrelando Julia Roberts e a animação “Vida de Inseto”, produzida pela *Pixar Animation Studios* em conjunto com *Walt Disney Pictures*.

Segundo entrevista junto a família Gracher¹⁷, a adequação ao novo modo de exibição e locação das salas de cinema junto a *shoppings centers* foi necessária para a sobrevivência do negócio. A experiência da ida do cinema estava em mutação e um local climatizado, com lojas que transmitia segurança e conforto para os passeios de famílias e juventude representava a nova era das salas de cinema. O movimento de transição das salas de rua para os *shoppings* não foi exclusivo dos cinemas de Brusque, o mesmo aconteceu gradativamente com praticamente todos os cinemas do Vale do Itajaí como consequência desta transição entre o fechamento das salas de rua, até a implementação logo em seguida, do padrão multiplex que exigia muito mais tecnologia agregada e recursos impossibilitados de serem instalados em construções não construídas especificamente para este fim.

Continuando as evoluções, 2010 a sala única do Cine Gracher foi modificada para acomodar exibições 3D Digital, sendo a primeira sala com esta tecnologia em uma cidade do interior de Santa Catarina. A sala de 228 lugares recebeu seis caixas de som a mais e luzes de LED nas escadas de acesso, incluindo referência e numeração nas poltronas, algo que antes não havia. O novo cinema 3D contava com óculos de três dimensões produzidos pela marca Dolby, que ao contrário dos descartáveis mais simplórios, são higienizados em uma máquina específica ao fim de cada sessão para serem utilizados novamente.

De acordo com Sandro Gracher Baran que cresceu em meio as salas de cinema da família e se apaixonou pelo mundo cinematográfico ainda criança ajudando o avô em diversas funções no cinema e Carlos Búrigo, que trabalha a mais de 5 décadas junto aos Gracher nos cinemas de Brusque, o Cine Gracher busca trazer novas tecnologias agregadas do mundo cinematográfico para o cotidiano de Brusque e demais cidades menores do sul do Brasil.

Em meio a pandemia quando muitas redes de exibição estavam estagnando e fechando as portas, mesmo com o déficit nos lucros por conta dos meses com as salas fechadas, a rede Gracher continuou a investir em novos projetos, que em 2022 estão se tornando realidade, como a inauguração do novo cinema na Cidade de Canela, que exibirá filmes com projetores a laser de última geração.

¹⁷ Entrevista verbal integral localizada no Apêndice A.

Atualmente, a rede Cine Gracher segue suas expansões de salas em parceria com as lojas Havan pelos estados de Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Paraná, priorizando cidades de médio e pequeno porte onde não há outras redes de exibição.

3.4.2 Das ruas para os shoppings

De acordo com Milton Santos (2006, p.30) “A produção em cada lugar é o motor do processo, porque transforma as relações do todo e cria novas vinculações entre as áreas”. Durante o período técnico a partir de meados do século XIX, os estados de Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Paraná contavam com uma parcela da população provinda da imigração europeia que representava uma mão de obra qualificada. Os imigrantes também eram portadores de um modelo de consumo que lhes era conhecido ou almejado no país de origem (SANTOS, 2006).

Após a segunda guerra mundial, a ideologia de consumo, crescimento econômico e planejamento foram grandes remodeladores do espaço nacional. Abre-se as perspectivas da revolução técnico-científica. A partir dos anos 1970, com maior circulação de informações e produtos, o meio técnico-científico-informacional (SANTOS, 2006) se instala nos territórios do sul e sudeste do país. As informações e finanças passam a ser imprescindível e destacas ambas as regiões do restante do território nacional.

Após essa revolução técnico científica, novas tecnologias foram sendo adaptadas em todo o mundo. Em território nacional, foi notória a mudança dos centros urbanos, e com ela o modo de consumo. O campo cinematográfico acompanhou a evolução e se adequou a formatos de áudio e vídeo mais aprimoradas, porém, que precisavam de um investimento muito mais elevado do que os tradicionais cinemas de rua dispunham. Aos poucos com a abertura dos shoppings centers, as salas também migraram para estes locais que dispunham de conforto térmico e acústico avançados e se inicia a era do multiplex.

Após décadas de sucesso das salas de cinema tradicionais, o cinema entra em declínio no Vale do Itajaí, principalmente a partir da década de 1980 por conta de alguns fatores externos, entre eles, as enchentes que assolaram a região do vale, a popularização da televisão e a implantação de salas mais modernas junto ao frenesi dos *shopping centers*.

Em 1983 com uma enchente de quase 16 metros acima do nível do Itajaí Açu (figura 61), as salas de cinemas de cidades do vale como Blumenau ficaram inundadas. O Cine Blumenau não voltou a funcionar. O Cine Garcia e o Atlas já não existiam. O Mogk da Itoupava

Norte, também inundado pelas enchentes de 1983 e 1984, reabriu, mas só funcionou até dezembro de 1986.

Figura 61 - Enchente em frente ao Cine Busch.

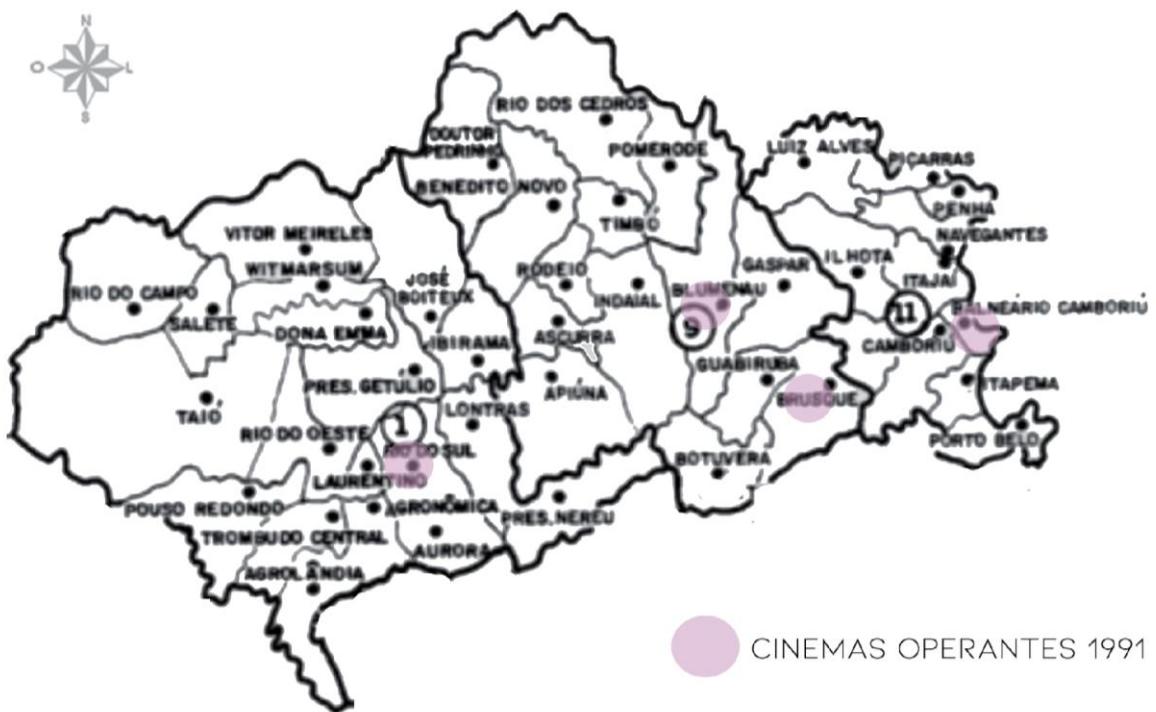


Fonte: Acervo pessoal Adalberto Day.

A partir da década de 1990, se encerram os últimos cinemas de rua das cidades do vale, o Cine Busch localizado em Blumenau, momento em que também o movimento noturno apresentou um decrescimento das atividades. Em Brusque, o Cine Teatro Real fecha suas portas em 1994, a cidade de Brusque só volta a ter cinema operante em 1999 com a inauguração do Shopping Gracher em 17 de março.

Na figura a seguir (figura 62), as cidades que ainda continham cinemas de rua no ano de 1991, cada vez mais escassos no território do Vale do Itajaí. O que nos abre a discussão: por qual motivo o desenvolvimento das tecnologias cinematográficas e a entrada de grandes redes de exibição no mercado regional, diminuíram a quantidade de salas de exibição e o acesso a elas?

Figura 62 - Mapa temático – Cinemas de rua no Vale do Itajaí em 1991.



Fonte: Atlas Geográfico de Santa Catarina (2018), adaptado pela autora.

Milton Santos (2006), discorre a respeito de como cada ramo de produção produz paralelamente uma lógica territorial, no âmbito cinematográfico não é diferente. Essas empresas, escolhem pontos do território nos quais lhe são mais produtivos, enquanto deixam para empresas menores o restante do território. Segundo Santos, os principais pontos seriam os “espaços luminosos”, enquanto os demais “espaços opacos”.

As práticas neoliberais no território, como propunham as políticas públicas vigentes no Brasil na década de 1990, acarretam mudanças na utilização deste. O território se torna mais seletivo em seu uso por populações mais pobres, isoladas e mais dispersas dos grandes centros. A concentração das atividades em mãos de grandes empresas produz “vazios de consumo” (SANTOS, 2006), que podem ser notados na atividade cinematográfica do Vale ao longo das décadas.

Os “vazios de consumo” tornaram as idas aos cinemas mais restritas a certas camadas sociais da população que são privilegiadas, praticamente uma regressão ao início do século XX, quando as sessões eram eventos para um público seletivo com valor elevado. No comparativo entre mapas a seguir, podemos notar como os cinemas se difundiram pelo território da região ao longo do século XX, e voltaram a diminuir com a proximidade do século XXI e a entrada de grandes empresas do ramo de exibição e a chegada das tecnologias multiplex.

No início da década de 1990 o último cinema de rua de Blumenau fecha as portas, o Cine Busch, arrendado a Rede Lageana de Cinema até 1992, e em seguida é inaugurado o shopping Neumarkt no ano de 1993 (MUELLER, 2010) no centro da cidade, fruto da grande rede Almeida Júnior de *shopping centers* que veio a instalar salas multiplex da rede GNC com seis salas que operam até os dias atuais (figura 63).

Pozzo (2020) identifica dois movimentos atuais destas “telas migrantes”, o primeiro sendo o movimento de transição das salas de exibição de rua para dentro dos *shoppings* foi chamada por Pozzo (2020) de escala intra-urbana, e o segundo, um movimento em escala regional que se dá pela migração das telas de exibição em cidades do interior para o litoral e das grandes cidades para as grandes cidades.

Esta reflexão permite compreender porque as salas de cinema caem vertiginosamente de número de 1975 até 1999, justamente a partir do momento em que o país completa sua transição urbano-rural e quando nossa rede urbana começa a romper com sua configuração colonial. A rede urbana se impôs como condição para a reconfiguração da organização espacial dos cinemas brasileiros quando combinada a uma transição tecnológica pelo qual passaram as salas a partir dos anos 1980, para a qual poucos empresários brasileiros estavam preparados a se adaptar. As grandes salas dos anos 1930 chegaram aos anos 1970 obsoletas tecnicamente e seu modelo de grandes saguões e plateias de mais de 1000 lugares não resistiu à especulação imobiliária, pois já não lucravam o suficiente (POZZO, 2020, p.65).

Figura 63 - Sala multiplex do GNC Cinemas atualmente no Shopping Neumarkt.



Fonte: Acervo pessoal da autora.

De acordo com Sandro Gracher Baran¹⁸, ao fim do século XX e início do século XXI, a sala de exibição somente não mais se mantinha. A mudança de prioridades e expectativas do público em relação as exibições mudaram. O grande sucesso dos shoppings se dá pelo fato de que uma pessoa que sai para um programa de lazer e cultura com sua família, quer a comodidade dos ambientes climatizados, várias lojas em um único ambiente, restaurantes e outras atrações sem precisar andar muito ou sair do mesmo local. Baseado nisto, podemos notar como as salas de cinema atualmente pertencem majoritariamente a grandes redes exibidoras instaladas em *shopping centers* com diversas salas, mas em um único complexo (quadro 8):

¹⁸ Entrevista realizada em 28 de junho de 2022.

Quadro 8: Número de salas distribuídas no Vale do Itajaí em 2022.

Cidade	Grupo	Número de salas
Balneário Camboriú	GNC	8
Blumenau	GNC	5
Blumenau	Cinépolis	5
Brusque	Cine Gracher	3
Indaial	Cine Gracher	4
Itajaí	Arcoplex	2
Porto Belo	Cine Gracher	4
Rio do Sul	Grupo Cine Rio do Sul	2
Total: 7 cidades	4 grupos	33 salas

Fonte: Elaborado pela Autora.

Ao compararmos o quadro 8 com quadro 5 apresentado anteriormente, em 2022 as 33 salas de cinema do Vale do Itajaí, contém aproximadamente 7359 lugares, sendo em média 223,09 lugares por sala exibidora. Enquanto em 1959, as 21 salas de cinema do Vale, compreendiam 9697 lugares, considerando uma média de 461,76 lugares por sala. Portanto, mesmo que as salas tenham aumentado em quantidade, a distribuição delas no território e a quantidade de poltronas se tornou mais escassa ao passar das décadas.

Estes números se tornam ainda mais expressivos se levarmos em consideração a escala regional, a população do Vale do Itajaí segundo o IBGE atualmente é de 809.072 habitantes (IBGE/2018), enquanto em 1950 segundo o Censo, era de 189.668 habitantes, o que resulta em 24.517,33 hab/sala em 2018 e 9.032,80 hab/sala em 1950.

Esta mudança vista na sociabilidade urbana no fim do século XX com o discurso voltado ao modo de vida contemporâneo nas cidades reproduz a desigualdade social que contradiz o que se deveria afirmar segundo Teresa Caldeira (2000) em uma sociedade democrática, o espaço público como espaço para convívio e anônimos de diferenças e direitos iguais. Entretanto, quando o espaço público é substituído por lugares com acesso restrito, privatizados e monitorados, a sensação de segurança nas ruas, em vez de melhorar, diminui. Caldeira também denomina de enclaves fortificados, os espaços privatizados, fechados e monitorados, destinados a residência, ócio, trabalho e consumo. Como exemplo dos *Shopping Centers* que

englobaram o mundo das exibições cinematográficas. Esta reordenação das cidades que se voltam para espaços privados, cria uma criminalização simbólica com a reprodução de estereótipos de determinadas classes sociais, diminuindo o acesso das massas a cultura.

Também é relevante ao declínio das salas, a questão de infraestrutura para instalação de um cinema atualmente. Com o avanço tecnológico, também foi necessário melhorar a arquitetura das salas. A evolução do som digital e mais recentemente o *dolby atmos*, precisa de caixas de som adequadas para som surround e materiais que evitem a reverberação do som, além de um bom isolamento acústico da sala, que agora não mais é única, mas com várias salas de exibição lado a lado com filmes exibidos simultaneamente.

Em 2020 com a pandemia da COVID -19, mais uma vez os cinemas sofrem uma mudança de cenário com o fechamento das salas de exibição em todo o mundo. De acordo com a Ancine (2021), na primeira quízena de março de 2020, o Sistema de Controle de Bilheteria apontou o funcionamento de aproximadamente 2.281 salas de cinema, enquanto em abril do mesmo ano, o número caiu para cinco salas de cinema em funcionamento. Apesar das iniciativas ligadas aos cinemas *Drive-in* em várias cidades do país, a partir de março o segmento das salas de exibição chegou a números quase nulos e só voltaram a subir após setembro e outubro com a reabertura gradual das salas.

A popularização dos streamings é cada vez mais frequente, já que as pessoas não precisam sair de suas casas para assistir a um filme. Diversos estúdios optaram por tentar lançar filmes diretamente em suas plataformas digitais, como foi o caso da Disney. Apesar do sucesso, em 2022 já é constatado que os estúdios não chegam ao mesmo nível de faturamento na estreia direto na plataforma digital que em uma estreia de cinema. Novamente os cinemas, mesmo que não mais nas ruas e sim em grandes complexos, provam que não vão se extinguir. O público não vai ao cinema somente para ver o filme, mas para viver a magia cinematográfica que somente a sala de cinema pode proporcionar. O cheiro da pipoca, a qualidade de imagem e som e até mesmo o fato de se arrumar para sair justamente com esse propósito, é o que torna a ida ao cinema algo uma atividade de lazer, uma experiência completa que perdurará por gerações

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A zona de colonização alemã de Santa Catarina, mais especificamente o recorte do Vale do Itajaí, apresentado nesta dissertação, é composta por cidades pequenas e médias com particularidades em relação a atividade industrial, arquitetura e modo de organização espacial. Dentre estas particularidades, o modo como o cinema com sua técnica “moderna” em comparação ao cenário remoto do início do século XX na região, se destaca pelo caráter precoce. As exibições cinematográficas que ao Vale do Itajaí chegaram em 1900, passaram por diversas fases ao longo das décadas em uma história que já perdura mais de um século.

As primeiras exibições aconteceram em salões, teatros e hotéis, além dos exibidores itinerantes como José Jullianelli e Alfredo Baumgarten. A partir de 1930 também ocorreram alguns desenvolvimentos tardios de cinemas nestes moldes, cidades menores como Ibirama, Rodeio, Gaspar e Rio dos Cedros.

A imigração, principalmente germânica de povos ainda não unificados como Alemanha, trouxe consigo a técnica proveniente da segunda revolução industrial na Europa, esta mesma técnica e o contato constante dos imigrantes com sua terra de origem permitiu o rápido acesso a tecnologias do fim do século XIX, dentre elas, os aparelhos exibidores de películas cinematográficas.

A forte germanidade (*deutschtum*) que levou a proibição da língua estrangeira falada na região em 1939, também foi forte característica que impulsionou o desenvolvimento econômico e regional. Em meados do século XX, as zonas de colonização alemã somavam aproximadamente 50% da produção industrial de Santa Catarina, porém estes colonos representavam somente 20% da população total do estado (MAMIGONIAN, 1965). A ascensão industrial do Vale ocorreu principalmente após a vinda da energia elétrica, no início do século XX. O mesmo idealizador da primeira Hidroelétrica de Blumenau, foi também o primeiro proprietário de cinema fixo da região, F. G. Busch, proprietário do Cine Busch de Blumenau. A expansão das salas de exibição cinematográficas em todo o Vale do Itajaí, acompanham o desenvolvimento regional, e são frutos de proprietários de indústrias e comércios em várias cidades, principalmente as cidades polos – Blumenau, Itajaí e Brusque.

Ao analisarmos a programação do Vale do Itajaí entre 1900 e 1950, podemos concluir que até a década de 1930, antes da proibição da língua estrangeira e o domínio do cinema Hollywoodiano, a principal origem das películas era alemã, seguida por outros países europeus.

Em seguida, com a hegemonia estadunidense, principalmente a partir da década de 1940, os filmes alemães se tornam escassos até sumirem completamente das telas a partir de 1943. Mesmo com a legislação protecionista dos filmes nacionais aplicada a partir de 1932, é baixa a divulgação de filmes nacionais em periódicos locais. Portanto, a rede do Vale acompanha as flutuações do cenário nacional: ascensão entre 1930-1970 (exibindo não mais películas europeias, mas hollywoodianas), decadência entre os anos 1980/90 e reconfiguração seguindo o padrão multiplex em novas territorialidades a partir daí.

Sob influência das indústrias locais, principalmente têxteis, as infraestruturas do Vale, incluindo linhas férreas e rodoviárias em conjunto com o desenvolvimento do Porto de Itajaí, permitiram que as salas de exibição cinematográfica se difundissem pela região, chegando à envergadura de 68 salas de cinema fixas ao longo do século XX, ao longo de 19 cidades da Foz do Rio Itajaí até o Alto Vale. Sendo que os cinemas se desenvolveram simultaneamente as infraestruturas locais, começando pelas salas implantadas nos centros das cidades e em seguida se expandindo para bairros, sempre acompanhando o capital industrial e comercial que fomentava e permitia a abertura de novas salas.

As salas de cinema, mantiveram um diálogo entre os interesses de um capital emergente, que almejavam avanços tecnológicos e que fossem independentes do eixo Rio-São Paulo. Os cinemas se desenvolveram junto aos centros urbanos da região, e sendo fomentados por industriários e pelo comércio local. Assim, encontraram como alternativa os laços entre o continente europeu e seus imigrantes e a proximidade da foz do rio Itajaí-Açu e o porto da cidade de Itajaí. Estas características culturais sob tendências europeias de fomento a cultura e lazer, tornaram os cinemas uma programação rotineira e acessível a várias classes sociais com patrocínio das indústrias locais, como a exemplo o Cine Popular de Itajaí e o Cine Garcia de Blumenau. Este tipo de colonização criou um mercado de consumo regional relativamente amplo, graças à divisão social do trabalho, e por conseguinte, os acessos a infraestruturas e lazer superiores aos encontrados no quadro mediano brasileiro do século XX, chegando a 21 salas distribuídas entre 11 cidades e totalizando 9697 lugares em 1959.

Nota-se que esta precocidade e expressividade da rede exibidora do Vale do Itajaí encontra explicação numa dimensão estrutural e outra ideológica. Estrutural porque relaciona-se ao desenvolvimento comercial e industrial da região. Ideológica porque participou da criação de um consenso sobre a germanidade da região, e acabou contribuindo para o histórico apagamento de outras etnicidades presentes nas cidades do vale, um dos motivos pelos quais

não foram encontrados dados a respeito de outras etnias e questões relativas a restrições raciais nas salas de cinema.

A sociabilidade urbana formada pelas salas de cinema também foi perceptível através dos footings realizados nos centros das cidades, principalmente Blumenau, Itajaí e Brusque e a partir de arquivos de periódicos locais, podemos identificar as diferentes sessões existentes para classes sociais distintas com valores de ingressos também distintos. Se compararmos os cartazes de anúncio de cinema apresentados datados de 1943, na época a moeda era o cruzeiro e o salário-mínimo Cr\$ 380, o valor da entrada ao cinema equivalia a aproximadamente 0,65% do salário. Enquanto isso, em 2022, e o salário-mínimo em 1212,00 reais, o valor da entrada equivale em média a 2,47%.

Na região também era possível encontrar cinemas voltados para classes populares, localizados em bairros e com valores de ingresso mais acessíveis, a exemplo do Cine Garcia em Blumenau e o Cinema Popular em Itajaí, um fomentado pelas indústrias do bairro homônimo e o segundo pelos idealizadores da Cooperativa Sociedade Construtora Catarinense, loteadora responsável pelo bairro Vila Operária onde foi implantado.

Em sua dimensão estrutural, a rede cinematográfica do Vale se relaciona diretamente com as transições entre as periodizações de Milton Santos (2001), meio natural, meio técnico e meio técnico-científico-informacional, que acompanha o desenvolvimento das indústrias da região e a expansão das infraestruturas do Vale que permitiram essa conexão entre os cenários regional, nacional e global, formando uma rede única.

Após essa revolução técnico científica, novas tecnologias foram sendo adaptadas em todo o mundo. Em território nacional, foi notória a mudança dos centros urbanos, e com ela o modo de consumo. O campo cinematográfico acompanhou a evolução e se adequou a formatos de áudio e vídeo mais aprimoradas, porém, que precisavam de um investimento muito mais elevado do que os tradicionais cinemas de rua dispunham. Aos poucos com a abertura dos *shopping centers*, as salas também migraram para estes locais que dispunham de conforto térmico e acústico avançados e se inicia a era do multiplex.

A rede exibidora regional foi aos poucos diminuindo sua envergadura em questão de números de salas de exibidores independentes e aos poucos migrando para o novo padrão multiplex instalado principalmente nos *shoppings centers*. Entretanto, ao longo da pesquisa tivemos a oportunidade de encontrar e pesquisar mais a respeito de relatos de um capital regional que conseguiu atravessar essa barreira do tempo e da tecnologia imposta aos novos

padrões cinematográficos e ampliar sua envergadura em números próprios de salas de cinema para concorrer com grandes redes exibidoras nacionais e multinacionais, como o caso Gracher, o qual a entrevista completa pode ser encontrada nos apêndices da presente dissertação.

O estudo de caso apresentado, levou em consideração a família Gracher provinda de Brusque o caso de ter sido a única rede de exibição natural do Vale do Itajaí a iniciar sua trajetória na década de 1910 e perdurar até os dias atuais, passando por todas as décadas e se adaptando as novas tecnologias e formas de implantação dos cinemas. A rede Cine Gracher hoje apresenta salas de exibição junto as lojas Havan em diversas cidades do sul da região Sul do Brasil e a matriz, localizada no Shopping Gracher da cidade de Brusque.

Com a pandemia do coronavírus, COVID-19, o cenário exibidor se reinventa novamente, com a popularização dos sistemas de *streaming* de diversas produtoras, principalmente ainda ligadas a hegemonia do cinema estadunidense, diversas estreias foram feitas diretamente em meio digital, no qual os telespectadores tinham acesso diretamente em suas casas. Outro caso curioso, foi a tentativa de retomada dos cines drive-in, foram montadas estruturas ou redirecionado espaços que ficaram ociosos durante a pandemia para acomodar veículos para as sessões cinematográficas, mas a atividade apesar de ter agradado ao público nos anos de 2020 e 2021, voltou a cair em desuso após a reabertura das salas de cinema.

No ano de 2022, com as salas já operando quase que em sua normalidade após as liberações de restrições impostas a locais fechados, aos poucos os cinemas se recuperam e grandes estreias voltaram a ocorrer, inclusive algumas produtoras declararam que não fariam mais estreias diretamente nos meios digitais. Portanto, as estreias diretamente nos *streamings* se mostraram um certo grau de sucesso, mas nunca poderiam substituir a experiência que é estar em uma sala de cinema, tirando tempo exclusivamente para uma atividade de lazer com o cheirinho de pipoca e o grande telão em frente.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICAS

- ADORNO, Theodor W. **Indústria Cultural e Sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.
- ANCINE. **Salas de Exibição**: Mapeamento. Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: <www.ancine.gov.br>. Acesso em 10 nov. de 2021.
- ANCINE. **Salas de Exibição - 2018**. Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: <https://oca.ancine.gov.br/sites/default/files/repositorio/pdf/informe_salas_de_exibicao_2018.pdf>. Acesso em 18 jan. de 2022.
- _____. **ANCINE divulga números da exibição em 2020 e 2021**. Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: <<https://www.gov.br/ancine/pt-br/assuntos/noticias/ancine-divulga-numeros-da-exibicao-em-2020-e-2021>>. Acesso em: 16 jun. de 2022.
- ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas**: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- ASCHER, F. **Os novos princípios do urbanismo**. São Paulo: Romano Guerra, 2010.
- AUTRAN, Arthur. **O pensamento industrial cinematográfico brasileiro**. Tese (Doutorado apresentado ao Programa de Pós-graduação em Multimeios) - Instituto de Artes. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.
- ANCINE. **Cinema perto de você**. 2019D. Disponível em: <<https://cinemapertodevoce.ancine.gov.br/node/1>>. Acesso em 25/04/2020.
- BARRADAS, Adriana. **Cinema Como Fonte Histórica**: Possibilidades de Uma Nova História. Revista Livre de Cinema p. 20-33 v.1, n. 3, set/dez, 2014.
- Barreto, Márcio. **Cinema, ciência e percepção**. ARS (São Paulo), 12(24), 99-115. 2014.
- BATISTA, Bhrenda Ketlyn; CANDEIA, Luís Eduardo; DALLABRIDA, Willian Sartor. **Espaço e Cultura**: as antigas salsa de cinema de rua de Santa Catarina. XV Simpurb - Simpósio Nacional de Geografia Urbana. Salvador, 2017. Disponível em: <<http://www.inscricoesxvsimpurb.ufba.br>>. Acesso em 20 de ago. de 2020.
- BAUMGARTEN, Christina. **O mágico de três continentes**: A história de Walter Mogk. Blumenau: Hb, 2001.
- BLANK, Thais Continentino. **Imagens do Brasil nos cinemas alemães**: os cinejornais sobre o Brasil de 1934 a 1941. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2010.
- BENJAMIN, Walter. **Paris capital do século XIX**. In: _____. Passagens. Tradução Irene Aaron e Cleonice Barreto Mourão. Ed da UFMG:Belo Horizonte, 2006.
- _____. A obra de arte na era de sua reproduibilidade técnica. **As ideias do cinema**. Coleção Os Pensadores. Rio de Janeiro: Editora Abril, 1955.

- _____. **Alguns temas em Baudelaire**. São Paulo: Abril Cultural, 1988.
- BERNARDET, Jean-Claude. **Cinema brasileiro**: proposta para uma história. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancia no ar**. SP: Companhia das Letras, 2009.
- BERTOLI, Bianca. Cinema ao ar livre volta a Blumenau após 50 anos. NSC Total. Blumenau, 09 de jun. de 2020. Disponível em <<https://www.educamaisbrasil.com.br/enem/lingua-portuguesa/citacao-de-site>>. Acesso em: 12 de fev. de 2022.
- BONA, Rafael Jose. **Do Teatro Frohsinn aos cinemas do shopping**: a história do cinema em Blumenau. In.: REIS, Clóvis (Org.). Realidade regional em comunicação: perspectivas da comunicação no Vale do Itajaí. Blumenau: Edifurb, 2009.
- BONA, Rafael José. **A História do Cinema em Santa Catarina**: Região do Vale do Itajaí. 5º Encontro Regional Sul de História da Mídia – Alcar Sul, 2014.
- BONA, Rafael José; LINSMEIER, Juliana. **A História do cinema no município de Itajaí/SC**. In. Anais... XI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, Novo Hamburgo/RS, 17 a 19 de mai. de 2010.
- BONI, Valdete; QUARESMA, Silvia Jurema. **Aprendendo a entrevistar**: Como fazer entrevistas em ciências sociais. **Revista eletrônica de Pós-Graduação em Sociologia Política da UFSC**. Florianópolis, v. 2, n° 1 (3), p. 68-80, janeiro-julho/2005.
- BONOMINI, André. Blumenau e o Avião. **Portal Alexandre José**, Blumenau 31 de dez. de 2021. Disponível em: <<https://alexandrejose.com/2021/12/historia-blumenau-e-o-aviao-parte-3-os-bons-tempos-do-quero-quero-por-andre-bonomini>>. Acesso em: 11 de nov. de 2021.
- BRAGA, Thayse Fagundes e. **Anuário de Itajaí**. Fundação Genésio Miranda Lins. Itajaí : FGML, 2015.
- BRASIL. **Decreto-Lei nº 406**, de 04 de maio de 1938. Dispõe sobre a entrada de estrangeiros no território nacional. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1930-1939/decreto-lei-406-4-maio-1938-348724-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 27 de mar. de 2020.
- BRUSQUE MEMÓRIA. Prédio do Hotel Schaefer. 2018. Disponível em: <<https://www.brusquememoria.com.br/acervo-imagem/1951>>. Acesso em: 18 de mai. de 2021.
- CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. **Cidade de muros**: crime, segregação e cidadania em São Paulo. São Paulo, Editora 34/Edusp, 2000.
- CALIL, Carlos Augusto. Cinema e Indústria. In: Xavier, Ismail (org.). **O cinema no século**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- CANDEIA, Carlos Eduardo; POZZO, Renata Rogowski. **Cinemas de rua ao longo do Vale do Rio Tijucas (SC)**: expressões da cultura e marcadores do desenvolvimento regional. Redes, v. 26, 15 jan. 2021.

CARMINATTI, Karol Diego. **Cidade, apropriação e urbanidade:** O traçado urbano de Blumenau como sistema de espaços públicos, 2017. 141 p.

CASTRO, Iná Elias de. **O problema da escala.** In: CASTRO, I. E.; GOMES, P. C. C.; CORRÊA, R. L. Geografia, conceitos e temas. 16^a ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014 [1995]. pp.117-140.

CINE MAFALDA. **Cine Teatro Ibirama.** 2012. Disponível em: <<http://cinemafalda.blogspot.com/2012/10/ibirama-sc.html>>. Acesso em: 26 de abri. de 2018.

CLUBE DOS ENTAS ITAJAÍ. **Antigo Aeroporto de Itajaí.** Disponível em: <<http://clubedosentasitajai.blogspot.com/2013/07/aeroporto-antigo.html>>. Acesso em: 16 de abri. de 2021.

CLUBES DOS ENTAS ITAJAÍ. **Vila Operária, 1925.** Disponível em <<http://clubedosentasitajai.blogspot.com/2012/10/bairro-vila-operaria.html>>. Acesso em: 25 de mar. de 2022.

COSTA, Renato da Gama-Rosa. **Salas de cinema art déco no Rio de Janeiro.** RJ: Apicuri, 2010.

DAY, Adalberto. Grupo de amigos do "Cine Garcia". 14 ago. 2022. Disponível em: <<http://adalbertoday.blogspot.com/2007/07/memrias-que-o-tempo-no-apaga.html>>. Acesso em: 14 de ago. de 2022.

EMBRAPA. **Porto de Itajaí.** 2020. Disponível em: <https://www.embrapa.br/macrológistica/exportação/porto_itajaí>. Acesso em: 21 de ago. de 2022.

FAVERI, Marlene de. **Moços e moças para um bom partido:** a construção das elites-Itajai, 1929-1960. Florianópolis, 1996.

FERRAZ, Talitha; CRUZ, Lúcia Santa. Quando o cinema é a maior sofisticação: experiências sensíveis, desejo e práticas de consumo nas salas exibidoras de luxo do Rio de Janeiro. In: **Revista Contracampo**, v. 24, n. 1, ed. julho, ano 2012. Niterói: Contracampo, 2012. Pags: 249-265.

FERRAZ, Talitha Gomes. **O papel do cinema na urbanização do Rio de Janeiro:** salas de exibição, hiperestímulos e dinâmicas sociais da vida moderna. XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, 2009.

_____. Entre arquiteturas e imagens em movimento: cinemas, corporeidades e expectação cinematográfica na Tijuca. **Logos**, 32, Ano 17, n.1, 2010. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/logos/article/view/549>>. Acesso em 27 de ago. de 2020.

_____. **A Segunda Cinelândia Carioca:** cinemas, sociabilidade e memória na Tijuca. Rio de Janeiro: Multifoco, 2009.

FERREIRA, Marieta de Moraes; PINTO, Surama Conde Sá. **A Crise dos anos 20 e a Revolução de Trinta.** Rio de Janeiro: CPDOC, 2006.

FRANZ, Nayara Régis. O Cinema Ideal em Itajaí. **Revista Santa Catarina em História**, v.7, n.2, 2013.

FREIRE, Rafael de Luna. Cinephon: Sobre como o cinema sonoro impulsionou a fabricação de projetores cinematográficos no Brasil. **Aniki**, v.5, n.1, p.105-125. 2018.

GRACHER, Nayr; ADAMI, Luiz Saulo; ROSA, Tina. Gracher: Uma empresa faz 100 anos. Itajaí: S&T Editores, 2005.

GOMES, Paulo Emílio Salles. **Cinema: Trajetória no Subdesenvolvimento.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A,2006.

HEMEROTECA DIGITAL CATARINENSE. Periódicos. Acesso em: fev. 2022. Disponível em: <<http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/ordem%20alfabetica/letraA.html>>.

HERING, Ingo. **Desenvolvimento da Indústria Blumenauense.** In: Coletânea de artigos. Blumenau: Edição Própria, vol 1, 1980.

HOBSBAWN, Eric J. **A era dos impérios.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

JACOBSEN, Cristina Schmidt. **Estudo sobre a reestruturação industrial na indústria de cerâmica de revestimento de Santa Catarina:** O caso da empresa ceramica Portobello S.A. Florianópolis: UFSC, 1998.

JORNAL CORREIO DA MANHÃ. **Ponte de 500 m.** Rio de Janeiro, 4 dez. 1966. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/Hotpage/HotpageBN.aspx?bib=089842_07&pagfis=77007&url=http://memoria.bn.br/doctreader#>. Acesso em: 11 de ago. de 2022.

KILIAN, Frederico. Figuras do Passado: G. Arthur Koehler. **Blumenau em Cadernos.** Tomo XX, n. 5, maio de 1979.

KORMANN, Edith. **Blumenau: Arte, cultura e as histórias de sua gente (1850-1985).** Florianópolis: Paralelo, v.4, 1996.

LAGO, P. F. Geografia de Santa Catarina. São Paulo: Empresa Gráfica Revista dos Tribunais S.A. 1971.

LUCLKTENBERG, I. **A indústria têxtil catarinense e o caso da Cia. Hering.** Dissertação de Mestrado em Geografia. UNESP, Presidente Prudente (SP), 2004

LUNA, Sérgio Vasconcelos de. Planejamento de pesquisa: uma introdução. 2a edição. São Paulo: EDUC, 1999

MAMIGONIAN, Armen. Estudo Geográfico das Indústrias de Blumenau. **Revista Brasileira de Geografia**, v.XXVII, n.3, p.389-481, 1965.

MARIA, Regina Weissheimer; VIEIRA, Dalmo. **O patrimônio cultural da imigração em Santa Catarina**. Brasília, DF : Iphan, 2011.

MATTEDI, Marco Antônio; THEIS, Ivo M.; TOMIO, Ricardo de Limas. **Nosso passado (in)comum**: contribuições para o debate sobre a história e a historiografia em Blumenau. Blumenau: Ed. Da FURB: Ed. Cultura em Movimento, 2000.

MAUCH, C., VASCONCELOS, N.(Org). **Os alemães no sul do Brasil**: cultura, etnicidade e história. Canoas: Ed. Ulbra, 199

MOREIRA, Tiago de Almeida. **Geografia e Cinema no Brasil** – revisão bibliográfica. 2011. Disponível em: <http://blogbahianarede.wordpress.com/2011/11/14/geografia-e-cinemano-brasil-revisao-bibliografica/>. Acesso em 20 de set. de 2013.

MOREIRA, Márcio Ricardo Teixeira. **A formação de uma vila operária em Itajaí (SC)**: Uma industrialização interrompida. Dissertação (Mestrado Curso de Geografia, UFSC) - Florianópolis, 2002.

MOSER, Magaly. **A Vida pelo Cinema**: Herbert Holetz entre a realidade e a ficção. Blumenau: Nova Letra. 2006.

MUELLER, Carlos Braga. **O Cinema em Blumenau – Parte V**. Blog Adalberto Day. 2008. Disponível em: <<http://adalbertoday.blogspot.com/2008/08/o-cinema-em-blumenau-parte-v.html>>. Acesso em: 21 de ago. de 2021.

MÜLLER, Yasmin Lopes; POZZO, Renata Rogowski. **Cartografias do cinema**: o protagonismo de Blumenau no contexto catarinense. XV Simpurb - Simpósio Nacional de Geografia Urbana. Salvador, 2017. Disponível em: <<http://www.inscricoesxvsimpurb.ufba.br/>>. Acesso em 20 de ago. de 2020.

MURAL HISTÓRICO DE ITAJAÍ. Banco Inco. Disponível em: <<http://muralhistoricodeitajai.blogspot.com/2010/02/banco-inco.html>>. Acesso em: 10 de jan de 2022.

PAULI, Evaldo. Banco Inco. **MURAL HISTÓRICO DE ITAJAÍ**, 1 de jun. de 1012. Disponível em: <<http://muralhistoricodeitajai.blogspot.com/search/label/-%20BANCO%20INCO>>. Acesso em: 23 de mar. de 2022.

PELUSO JR., Victor A. **Tradição e Plano Urbano. Cidades portuguesas e alemãs no Estado de Santa Catarina**. In: Estudos de Geografia Urbana de Santa Catarina. Florianópolis: Ed. da UFSC/Secretaria do Estado de Cultura e do Esporte, 1991. p. 355-396.

PAULA, Simoni Mendes de. A utilização dos recursos energéticos no rio Itajaí-Açú (SC). **Revista Catarinense de História**, n.23, p.164-179, 2014.

PIRES, Zeca. **Cinema e história: José Julianelli e Alfredo Baumgarten, pioneiros do cinema catarinense**. Blumenau: Edifurb, 2000.

PIRES, José Henrique Nunes; DEPIZZOLATTI, Norberto Verani; ARAÚJO, Sandra Mara de. **O cinema em Santa Catarina**. Florianópolis: Editora da UFSC, 1987.

POZZO, Renata Rogowski. **Uma Geografia do Cinema Brasileiro**: bloqueios internacionais, contradições internas. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Geografia. Florianópolis, SC, 2015

_____. Telas migrantes: uma geografia urbana das salas de exibição comercial no brasil do século XXI. **SOCINE** - Sociedade Brasileira de Estudos de Cinema e Audiovisual. v. 9, n. 1, 2020.

RICHTER, J. P. **Do Kintopp ao Multiplex**. 2015. Disponível em: <<https://www.goethe.de/ins/br/pt/kul/mag/20652941.html>>. Acesso em: 2 abr. de 2017.

ROSSEL, Deac. **A Slippery Job: Travelling Exhibitors in Early Cinema**. Visual Delights. Essays on the Popular and Projected Image in the 19 Century, ed. Simon Popple and Vanessa Toulmin (Trowbridge, Wilts.: 2000: Flicks Books) p. 50 - 60.

SAID, Edward W. **Cultura e imperialismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria Laura. **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI**. 19. ed. São Paulo: Editora Record, 2001.

SANTOS, Rafael dos. **Transferência, incorporação e desenvolvimento de tecnologias de empresas alemãs para as catarinenses**. 2005. Monografia de Conclusão de Curso (Relações Internacionais) – Universidade do Vale do Itajaí, São José/SC, 2005.

SANTOS, Milton. **Técnica, Espaço, Tempo: Globalização e Meio Técnico-científico-informacional**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013.

_____. **Espaço e método**. Nobel, São Paulo, 1985, (3^a edição: 1992).

_____. **Metamorfoses do espaço habitado**, fundamentos Teórico e metodológico da geografia. Hucitec. São Paulo 1988.

_____. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. 4. ed. 2. reimpr. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006. (Coleção Milton Santos; 1)

_____. **METAMORFOSES DO ESPAÇO HABITADO**, fundamentos teórico e metodológico da geografia. Hucitec. São Paulo 1988.

SELONK, Patrícia. **Distribuição Cinematográfica no Brasil e suas Repercussões**. Pontifícia Universidade do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

SEYFERTH, Giralda. Identidade Étnica, Assimilação e Cidadania: A Imigração Alemã e o Estado Brasileiro. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, 1994, p 103-122.

_____. **A colonização alemã no Vale do Itajaí-Mirim**. Porto Alegre: Editora Movimento, 1974.

_____. **Concessão de terras, dívida colonial e mobilidade.** Revista Estudos Sociedade e Agricultura; Vol 4, No 2. Rio de Janeiro: Editora Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 1996.

_____. A dimensão cultural da imigração. **Revista brasileira de ciências sociais**, vol. 26, n° 77, p. 47-62, out. 2011.

SCHMIDT-GERLACH, Gilberto. **Colônia Blumenau no sul do Brasil.** São José: Clube de Cinema Nossa Senhora do Desterro, 2019.

SILBERMANN, Marc. A indústria cinematográfica alemã: padrões de competitividade e proteção. **Cinema no mundo: Europa - indústria, política e mercado.** São Paulo: Editora Escrituras, vol. 5. 2007.

TEIXEIRA, Luiz Eduardo Fontoura. **Arquitetura e Cidade: a modernidade (possível) em Florianópolis, SC – 1930-1960.** Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo, USP) -São Carlos, 2009.

VIEIRA, Juliana Polli. **A igreja matriz do santíssimo sacramento e a constituição da cidade de Itajaí.** Florianópolis, 2016.

WITTMANN, Angelina. **A Ferrovia No Vale Do Itajaí.** Estrada De Ferro Santa Catarina. Blumenau: Editora EDIFURB, 2010.

WEBER, Max. **Economia e sociedade:** fundamentos da sociologia compreensiva. - Brasília, DF : Editora Universidade de Brasília: São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1971.

APÊNDICE A – ENTREVISTA SANDRO GRACHER BARAN – CINE GRACHER

Entrevista realizada em 28 de junho de 2022.

Quem foi o pioneiro no cinema na família do senhor?

- O cinema começou em 1915, com Carlos Gracher, meu bisavô, ele iniciou em Brusque com a instalação do cine esperança, esse era o nome do primeiro cinema de Brusque.

Ele ficava aqui mesmo nas redondezas de Brusque?

- Ele era em anexo a um hotel que na época se chamava hotel Schafer, era bem no centro. A respeito do hotel Schafer, ele também operou outros cinemas?

- O cine esperança abriu logo em seguida da chegada da energia elétrica na cidade. Isso em 1915, o que é recente, pois se analisar o cinema ele iniciou em 1985 com os irmãos Lumière, pouco depois, meu bisavô já estava colocando o primeiro cinema em Brusque.

Sobre a descendência dos seus parentes, eles já vieram, ou já era filho de descendentes?

- O pai dele já veio da Alemanha, eu não conheci meu bisavô, já meu vô eu tive bastante contato com ele e ele continuou os negócios.

O senhor lembra se alguém da família chegou a fazer algum intercambio para Europa para especialização?

- Não, na época que foi aberto o cinema, foi pós guerra. As pessoas estavam fugindo da Europa e vindo colonizar, poloneses, italianos, alemães, não, não faziam o caminho inverso por medo pois eram caminhos difícil de se fazer, não tinham opções de viagem. Eu sei que o que acontecia, era ir para São Paulo para aprender a usar as novas tecnologias, ou ia lá ou trazia os técnicos para cá e aprender com eles. Até por que em 1915 o cinema era mudo.

O que fez o senhor entrar no ramo de exibição cinematografia?

- Bem, hoje eu tenho 53 anos. Fui educado dentro desse meio, minha família tinha o hotel Gracher, e já existia o cinema, o guarani. No Local onde é o shopping. Fui educado e cresci dentro do hotel e depois do cinema e isso me encantou, receber o público, visualizar as emoções, expectativa do público me fez, realmente, mexeu comigo, com 14 anos comecei a trabalhar na empresa, e ali passei por todas as fases, passei filme, trabalhar na bomboniere, vender ingresso, algumas coisas não podia fazer por que era criança, mas eu via e aprendia. Tinha filmes que não podia ficar, foram coisas assim que me fizeram adquirir esse amor pelo cinema.

Aquela época vocês tinham cartazista ou já vinham prontos os cartazes dos filmes?

- o meu vô não tinha esse material, eu vi, mas meu vô conta, ele fazia desenhos com nomes dos filmes e colocavam em cartaz móvel na frente do cinema, colocava o nome do filme,

os nomes dos atores, ele tinha uma letra bonita e era o que tinha. Não se faziam cartazes para todo mundo, não tinham gráficas para isso, apenas nos grandes centros. Os filmes eram engraçados, os filmes eram em rolos, com maquinas de 35 mm vindas em latas, as vezes tinham 10 partes do filme, era passado em 2 máquinas de projeção. Enquanto uma passava parte, e na outra a 2 e assim, na medida que o filme ia passando a máquina fechava a janela da onde saia a luminosidade e abria a outra, duas pessoas que operavam. Quando estava acabando, começava a aparecer alguns números, assim ele fechava aquela janelinha e o outro começava a rodar. Na época, que cortava uma parte do filme, os filmes não eram emendados, eram em partes e assim, quando era feita a troca, a cena parecia estar mais avançada, mas não era corte e sim a troca do rolo. E muitas vezes esses filmes eram buscados em Itajaí ou Blumenau, tinham que esperar passar nas grandes cidades para depois passar aqui. Na época tinha outro cinema o Coliseum, ambos ficavam passando a cada parte do filme, Aqui passava a parte 1 e lá a parte 2, e era assim o cinema na época, eram poucas opções na época, essas era a logística.

Ainda existe alguma edificação da época ou forma todas demolidas?

- Ainda existe, aqui nas lojas Colombo no centro de Brusque ali funcionava um cinema, o Coliseum, mas foi bem modificado a parte externa, mas dá para ver um grande galpão, e ali era o cinema. E o Cine Gracher que foi o Guarani, Cine teatro real, usava para peças teatrais também. Hoje tem o shopping Gracher, e a para ter a dimensão do tamanho do Cinema, ele ligava duas avenidas. Dentro do shopping ainda tem a construção antiga, onde é a sala 1 era o antigo mezanino do cine teatro real, onde entrava apenas os casais. Cabiam cerca de 1200 pessoas sentadas, 1000 em baixo e 250 em cima no mezanino. Naquela época, televisão era precária, o cinema era tudo, era um programa, todo mundo queria ver os filmes no cinema, namoros, encontros e o glamour dos cinemas.

Aqui em Brusque era comum haver os (não sei, footins \o/)?

- O centro da cidade minha vó me contava, na avenida principal, era mulheres de um lado e homens do outro, mulheres se arrumavam e passeavam no centro da cidade para chamar a atenção dos homens que ficava ali parados e convidavam elas para irem aos cinemas, cafés próximos. Tudo muito conservador na época, cauteloso, os pais não deixavam as moças de família ficar até tarde, por isso elas iam nas matines. Pois elas precisavam chegar cedo em casa. Houve um incêndio na década de 50 em um dos cinemas de vocês e foi verificado que o Sr Carlos Mock fez o mobiliário, ele foi fornecedor do Cine Gracher por muito tempo?

- Algumas partes disso aí eu não tenho muita recordação, mas eu sei que pegou fogo no Cine Guarani e logo foi reformado, maquinários, cadeiras, foram emprestadas do Cine Mock

de Blumenau. Cinema tinha um retorno muito rápido, houve essas situações, mas não sei te precisar a data.

Quais distribuidores vocês trabalharam ao longo da história e se eles atendiam outros cinemas da região?

- Os distribuidores no início eram das grandes cidades, Rio de Janeiro e São Paulo depois houve a distribuição por Porto Alegre e Curitiba, que ficava mais fácil ir até Curitiba, poderia marcar por telefone também, mas nós íamos para lá para visitar os fornecedores, a Columbia, Warner Bros, Unidt Pictures, que hoje é Paramount, algumas tinham filiais, conversávamos, pegava material, cartazes, materiais específicos para melhorar nossa imagem. Já na época, as grandes cidades, recebiam primeiro os filmes, tinham seus privilégios e depois vinham para o interior, existia uma janela de 1 mês para passar um filme que as cidades grandes já estavam passando primeiro, Brusque vinha depois.

Quais as transformações da rede exibidora aqui do vale do Itajaí você percebe ao longo do tempo?

- Bem, o cinema veio ficando com mais acesso quando a tecnologia veio chegando, o telefone, fax, já facilitava, já marcava os filmes, depois a internet e assim foi facilitando as marcações, o conteúdo começou a chegar mais fácil, assim facilitou o nosso acesso as distribuidoras, mas muito tempo foi usado o telefone, para ligar e marcar os filmes, eram rolos, até pouco tempo atrás eram rolos os filmes. Um grande filme, o Titanic por exemplo, eram feitos 100 rolos de filmes para o Brasil todo, mas tinham 5 mil cinemas, veja quanto tempo era pra chegar em Brusque, Santa Catarina recebia 4, e tinha que brigar com outras cidades para conseguir, poucas opções de produtos.

Aqui em Brusque, vocês sempre dominaram o mercado cinematográfico?

- Sim, existiam outros cinemas até os anos 70, ainda existia o Coliseum, outro concorrente, mas tranquilamente davam para os dois, depois ficamos sozinhos.

Alguma outra empresa representou alguma ameaça de concorrência?

- Não vou te dizer que não, mas a rede Arco íris, estavam em Balneário Camboriú e também Blumenau, era a rede mais dominava o mercado, todo o estado. Inclusive veio propostas, mas meu vô não quis vender. Como eles tinham várias salas, eles usavam os mesmos filmes para atender a demanda deles. As vezes demorava a passar os filmes por que não podíamos brigar com uma empresa que tinha 30 salas e nós 1.

De Santa Catarina vocês foram as únicas duas redes a perseverar, Arco íris e Gracher?

- Sim, exatamente. As que existem hoje em Santa Catarina ou são multinacionais e acionistas.

Na sua opinião por que foi fechado os cinemas de rua?

- O cinema é interessante, vou contar uma historinha que eu procuro sempre falar. Quando saiu o cinema mudo e foi para o falado, depois colorido e melhorando e se adaptando ao mercado, quando a televisão veio falaram que o cinema iria acabar, pelo conforto da casa, e o cinema continuou, passou por um período difícil, guerra, pós-guerra, economia, muito difícil e complicada de se manter, mas não da televisão e sim da situação mundial econômica, por que não se gastava para comprar ticket e sim, para economizar e comprar comida por exemplo. E aí, o grande detalhe, os cinemas era grandes, espaços físicos, uma grande vitrine. Quando passou, os cinemas saíram das ruas, foram para os shoppings centers, cópia do mundo Europa, Estados Unidos, os cinemas grandes, de 1000 lugares, era muita gente, era comum pegar lotado, sábado, domingo mais pessoas do lado de fora, a grande sacada, se colocassem várias salas com as mesmas mil pessoas, tinham mais horários, mais opções, e a pessoa podia ir ao cinema, depois compras, praça de alimentação, sai de casa e tinha entretenimento para a família toda. Era bem difícil para os cinemas de rua competir, foram fechando, ou alugando seu espaço para igrejas, justamente porque eram espaços grandes, acústico, cadeiras, e estava pronto. Assim eles acabaram.

Sobre os filmes exibidos, qual era o gosto do público? Ele se modificou ao passar dos anos?

- Sim, várias mudanças ao longo dos anos, a comédia teve a sua época áurea, o faroeste, aí começou os filmes de ação, a época dos mocinhos e grandes heróis, varia muito, temos público para todos os gostos, os filmes de ação e comédia estão sempre em alta. O que aumentou foram os filmes de terror, suspense, mas a juventude gosta muito de terror.

Vocês mantêm um histórico e registros antigos do cinema?

- Hoje todo o sistema é online, temos uma empresa que cuida dos cinemas a Ancine, e para lá toda a contabilidade de venda de ingressos é controlada por eles, tudo que vende na bilheteria, vai para o sistema e eles sabem de tudo. Borderôs são feitos diários, antigamente eram feitos, preenchidos a mão, depois máquinas de escrever, depois computador, mas agora é tudo online. Infelizmente os acervos, que deveríamos ter, mas assim, vai faltando espaço e vamos nos desfazendo de tudo. Temos algumas máquinas de projeções expostas, a carvão, manuseio manual, uma bela máquina.

Sobre os maquinários e suas mudanças ao longo dos anos

(Senhor Sandro não soube responder essa questão e chamou o Sr Carlos, amigo de longa data, que começou trabalhar no cinema quando o Sr Sandro tinha apenas 1 ano de idade.)

- Carlos – Eu peguei, já era a carvão. Era muito difícil de conseguir na época, tudo eram importados. Essa que temos em exposição, foi quando passamos de carvão para a lâmpada. Na

década de 80 mais ou menos foi feito a mudança do carvão para lâmpada. Em Canela onde estamos fazendo o cinema, são xênon, essas lâmpadas são grandes, aquecem demais, tem dissipadores de calor, para sugar o calor do projetor, junto com um exaustor, assim consumindo mais energia, é uma lâmpada especial, agora em o laser, não é quente não é preciso de refrigeração assim, a lâmpada xênon custa em torno de 7500 reais, durando mais ou menos 6 meses. A transformação para laser é cara, mas dizem que é para durar 25 anos. Assim com uma economia bem grande. A mecânica é quase a mesma, apenas a parte do laser é modificada para substituir o xênon. A sonorização que temos é a Dolby, antes nos rolos, existiam os furinhos do lado da película que era onde passava o som ali tinha um leitor luminosos que transforma em som, mas tinham atrito muito grande, com o tempo ia se desgastando, ainda mais com filmes que eram mais exibidos, por exemplo o filme “Dois filhos de Francisco” foi o filme que mais tempo ficou em cartaz, 12 semanas e ai, desgastou o ultimo rolo, na principal parte do filme, a final, tivemos que fazer um novo. Fomos o primeiro cinema do estado a ter som digital, foi feito adaptação, para rodar.

- Sandro – Assim como o 3D, fomos o segundo cinema do estado a implementar o 3D. Como foi a transição do cinema antigo para o multiplex que temos hoje em dia?
- Sandro – Quando montamos, fizemos uma sala só e vimos que não ia dar certo, quem tem apenas uma sala não tem nenhuma, pois por exemplo, hoje você quer ver um filme, aí semana que vem está o mesmo filme, não tinha uma diversificação, pois a distribuidora não quer que tire, está faturando.
- Carlos – Isso aconteceu com o filme dois filhos de Francisco, tínhamos apenas uma sala, três meses exibindo o mesmo filme, eram as três sessões, não dava para tirar, era lotado. Assim, tinha que ficar várias semanas até trocar o filme.
- Sandro - Então fizemos mais duas salas, em uma obra absurda dentro do Shopping, mexendo em estrutura e tudo mais, isso em 2005.
- Carlos - Apenas uma observação, usamos sempre uma tecnologia que é um padrão DCI, que é uma certificação, eles pedem para ter uma reprodução quase perfeita, a Disney, por exemplo sugere que tenha esse sistema. Hoje em Canela estamos pagando cerca de 500 mil reais cada projetor, sem contar sistemas de som. O nosso é o que tem de ponta, mas ainda tem um melhor que é Atmos, mas por exemplo aqui em Santa Catarina não tem em nenhum lugar, ele é muito caro, em uma sala normal usa-se 6 amplificadores, o Atmos usa 60 amplificadores. Sem contar a acústica que precisa modificar para obter a experiência que som proporciona.

- Sandro – Sim, pois precisa de um lugar preparado para receber esse equipamento, mesmo sendo o Dolby, as paredes, cortinas, cadeiras, tudo tem que ser preparado para dar a melhor experiência, são camadas de gesso, lá de vidro, para não passar o som, é uma caixa.

- Carlos – Além disso, tudo tem que ser antichama.

Como é decidido sobre a expansão, onde vai estar abrindo novos cinemas?

- Sandro – Esse projeto de canela era para 2020, com a pandemia atrasou, junto a Havan, que vamos inaugurar agora em canela. As oportunidades, locais que nos interessam, vamos conhecer. Essa de Canela, era para ser feita em Lucas de Oliveira – MT, uma cidade boa, rica, a Havan estava pronta, fomos conhecer a cidade, muito bonita, mas chegando lá nos deparamos que tinha um shopping pequeno que estava sendo construído a tempo, estavam construindo umas salas de cinema lá, aí me chamou a atenção. Aí investir e brigar por preço não vale a pena, aí mudamos para Canela, que já estava nos planos. Nós dificilmente vamos a cidades grandes, vamos de encontro onde pessoas e cidades que não tem cinema, onde os grandes não vão. Cidades pequenas, mas que tem outras cidades vizinhas perto.

- Carlos – Isso oferecendo tecnologia de cidade grande, de ponta.

Sobre filmes legendados e dublados

- Carlos – Apesar de que não é negócio para o cinema filmes legendados.

- Sandro – As pessoas não querem ir no legendado, fizemos os testes de colocar o filme no mesmo horário, cerca de 80% escolhe o dublado.

- Carlos – Sempre na primeira semana colocamos ambos os filmes para o público, dar a opção. Por que é mito, filme legendado não ter a mesma qualidade que o dublado, é a mesma coisa, o que muda é a faixa que vem separado para poder ser dublado. Segundo nosso meio, a dublagem brasileira é a melhor do mundo, de se reconhecer um personagem pela voz que foi emprestada a ele. Antigamente, era gravado em cima da faixa, isso baixava a qualidade dos filmes.

- Sandro – O culpado disso é o DVD, era muito fácil mudar. Mas estudos científicos mostram que assistindo filme legendado você perde cerca de 30% do filme, pois tem cenas que você está lendo, mas perde a imagem. Nos Estados Unidos, não tem filme legendado, na França ou alguns lugares da Europa não entra filme legendado.

- Carlos – A dublagem antigamente era bem mais ou menos.

- Sandro – Por exemplo a era do gelo, não tem graça de ver legendado, pois as brincadeiras que os americanos fazem para nós não é legal ou não entendemos, assim, como as nossas para eles. O filme Rio, o papagaio falando daquele jeito. Sempre tem alguma referência. Os minions, que vai lançar agora, você não consegue assistir se não for em português.

Como foi o impacto da pandemia na empresa?

- Sandro – A gente voltou, como antes, relembrando aquela história, quando chegou o vídeo cassete, falaram que o cinema iria acabar, depois disseram o mesmo do DVD e o Blu Ray, depois Tv a cabo, Streaming, aí veio a pandemia. Realmente um cenário nebuloso, com três meses fechado, com quase 150 funcionários, sem poder abrir a sessão. Aí abriu todos os streamings e aí disseram que o cinema iria acabar. Então, em uma dessas conversas com um grande executivo, veio essa percepção de que o cinema não vai acabar, pois você não vai ao cinema apenas para ver o filme e sim para ter a experiência, um evento, põe uma roupa legal, sai para jantar, passear, e um evento. Em casa, não é a mesma coisa. O cinema é um programa, e se provou de que não vai acabar, é algo diferente, você pode escutar a pessoa ao seu lado, chorar, sorrir, comer a pipoca. Tem empresas que dizem que vão dar de 30 a 45 dias para passar do cinema para o streaming, Warner por exemplo, 60 dias, no cinema alguns filmes dão 10 vezes mais que no streaming, existe atores que não fazem filme para streaming, tipo o Tom Cruise, ele faz filme especialmente para cinemas. Tem dias que sim, quero ficar em casa assistir algo, mas ficamos dois anos em casa, agora a liberdade que temos que aproveitar, o ar para respirar. Sem falar na quantidade de Streamings que surgiu e a baixa qualidade de filmes. E a pandemia impactou muito, no período inicial, tínhamos 142 funcionários, não demitimos ninguém, mas alguns saíram por demissão voluntária por que estávamos parados e reduzimos os salários, com a oportunidade que o governo nos proporcionou. Nós tivemos de prejuízo cerca de mais de 4 milhões de reais. Além do que não poder fazer o que gosta. Sem falar no maquinário parado, tinha gente para ligar toda a semana, não pode deixar tempo parada, ligar ar condicionado, Celesc não ajudou ninguém, a Havan não nos cobrou aluguel, mas o condomínio tivemos que pagar. Foi difícil, mas aprendemos a lidar com esse problema e evoluímos, e logicamente alguns projetos jogamos para frente.

Vocês têm contrato mínimo de exibição?

- Sandro – Todo lançamento é no mínimo três semanas.

Quais os planos da empresa para o futuro?

- Sandro – Por natureza eu sou empreendedor, gosto de desafios, coisas diferentes, não pretendemos parar, mas precisamos entender o mercado, para continuar nosso planejamento de expansão, para esse ano é Canela, como já estava nos planos, para ano que vem temos duas cidades para fazer essa expansão. Mas aí vai depender muito do que vai acontecer com a economia, e também temos a eleição, esperar o que vai acontecer. Isso reflete na economia isso tem que esperar, mas sim, temos várias cidades que nos interessam levar o cinema.

Você vê algum futuro para cinemas de salas de rua?

- Sandro - Neste momento não vejo futuro para os cinemas de rua, a não ser algo cultural, uma cafeteria junto, algo com entretenimento de se fazer, o sistema cultural, precisa de filmes culturais, precisa de público, precisa de algo para rotatividade e comercial não tem, essas pessoas fazem coisas em casa, streamings, etc. Por exemplo em Porto Alegre, tinha café, biblioteca, salas para ficar estudando e lendo, e fechou na pandemia. Não vejo neste momento futuro.

Figura 64 - Acesso a sala de exibição Cine Gracher Matriz.



Fonte: Acervo da autora, 2022.

Figura 65 - Entrada do Cine Gracher Matriz



Fonte: Acervo da autora, 2022.